

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA

**DEZESSEIS DE JULHO: FESTA, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NA
CIDADE DE BORDA DA MATA - MG**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2015**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA

**DEZESSEIS DE JULHO: FESTA, MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS NA
CIDADE DE BORDA DA MATA - MG**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

**SÃO PAULO
2015**

Banca Examinadora

*Dedico este trabalho à minha querida mãe,
Maria Helena Pereira Costa, que sempre viverá
em meu coração.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de reconhecimento. Um ato simples ao recordar aqueles que fizeram parte da caminhada.

Em primeiro lugar, sou grato a Deus, pela força que me concedeu nesta etapa. Agradeço meu pai prezado Sebastião, pois com sua simplicidade sempre me apoiou em meus projetos. A minha querida mãe, Maria Helena, que não se foi apenas está do lado de Deus cuidando, como sempre, de seus filhos. Saudades eternas.

Aos meus irmãos, Carlos e Luciano, pelo incentivo e carinho. Aos sobrinhos que alegam minha vida, Michel, Laiane e Vitor.

À minha avó materna, Maria, que mesmo sem compreender o que é um mestrado, me apoiou todos os dias nesta luta.

Ao meu companheiro, Leandro Vitti, que veio iluminar a minha vida e sempre me incentivou a ir além. Meu muito obrigado hoje e sempre.

Aos amigos e amigas, Rodrigo Godoi, Patrícia Carvalho, Joãozinho, Patrícia Pereira, Bruna Brito, Carlos Rafael, Taís Cristina, Jander, José Alves, Juliano, por todo apoio e torcida nesta empreitada e também pelos momentos de alegria e tristezas que juntos passamos.

Aos amigos e amigas da Univás que sempre acreditaram na minha vitória.

À Marilda Laraia, Carlos Laraia, Maria José (a querida Dé) e filhos, em especial Ana Cláudia, por toda a ajuda, carinho e incentivo neste processo. Só peço a Deus que retribua em dobro tudo que a mim fizeram. Meu sincero muito obrigado.

À Andrea Silva Domingues, que sempre me incentivou e acreditou em meu potencial na jornada acadêmica. Todos os momentos vividos desde minha graduação até os dias de hoje. Deus te pague. Também, agradeço ao Gustavo e Maria Alice. À Benedita Celeste que sempre torceu e incentivou no mestrado.

Aos meus narradores, que dialogaram partilhando suas memórias e experiências festivas.

Aos vereadores de Borda da Mata pelo aceite de minha consulta aos arquivos da Câmara Municipal de Borda da Mata.

Ao Monsenhor Vonilton Augusto, que gentilmente aprovou minha pesquisa nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora do Carmo.

À senhora Claret Freitas que ama nossa cidade e sua história, que cedeu vários jornais, livros e impressos de seu acervo pessoal.

Às professoras Grafira e Maria Lúcia pelas correções realizadas no texto.

Aos colegas que fizeram parte destes dois anos de mestrado, pelos diálogos, conversas, colaborações, risadas e cervejas compartilhadas, que são Renata Allucci, Rafaela Capelossa, Karla, Verônica, Aline Amaral, Iberê, Bruno, Renata Pires, Amanda, Mônica, Marleninha, Alexandre, Giusepe, Luiz Paulo, Gabriel, Ana Luiza, Marilu, Sandra e Diego Natali.

Ao Núcleo de Estudos Culturais, pelos momentos de debates e reflexões.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES pelo financiamento deste estudo, sem o qual não seria possível sua realização de forma alguma.

Agradeço a todo o departamento do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, em especial as professoras Estefânia Knotz, Heloiza Cruz, Maria Odila, Maria Antonieta e Maria Izilda pelos diálogos, contribuições e discussões para com a minha pesquisa.

À Andrea Domingues e a Olga Brites pelas generosas contribuições e apontamentos durante a banca de qualificação deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, agradeço de todo o coração, a minha querida orientadora, professora Maria do Rosário da Cunha Peixoto, por toda dedicação e paciência durante esses dois anos de pesquisa e escrita, me ensinando a fazer uma História sustentada pelo compromisso social, na busca de muitas memórias. Meu muito obrigado por tudo.

COSTA, C.A. *Dezesseis de Julho: Festa, memórias e vivências na cidade de Borda da Mata – MG*. 2015. 121 f. Dissertação. (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2015

RESUMO

A pesquisa “*Dezesseis de Julho: Festa, memórias e vivências na cidade de Borda da Mata – MG*” tem como objetivo entender e problematizar os diferentes significados e sentidos da festa, que contém duas partes, uma dedicada à padroeira do município, Nossa Senhora do Carmo, e a outra à sua emancipação política administrativa, realizadas, na cidade de Borda da Mata no Sul de Minas Gerais, no dia 16 de Julho. O estudo foi desenvolvido através da História Oral, com cruzamento com outras fontes, que nos possibilitou dialogar com muitas memórias e outras histórias de diferentes gerações e significados do festejo, bem como as permanências e rupturas desta prática cultural, que é permeada de valores, sentimentos e tensões. Configurando uma tradição atualizada a cada ano, entende-se que a festa não é algo cristalizado, imóvel, é sim vivo dinâmico e sustentado pela construção constante de sentidos e significados, que são produzidos por diferentes experiências sociais.

Palavras-chave: Cidade, Festa, Memória.

COSTA, C.A. *Sixteen July: Party, memories and experiences in the city of Borda da Mata - MG*. 2015. 121 F. Dissertation. (Master) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2015 .

ABSTRACT

The search for "*Sixteen July: Party, memories and experiences in the city of Borda da Mata - MG*" aims to understand and discuss the different meanings and party senses, which contains two parts, one dedicated to the patron saint of the city, Our Lady of Carmo, and the other the administrative political emancipation, held in the city of Borda da Mata in the South of Minas Gerais, on 16 July. The study was conducted through oral history, with crossing with other sources, which enabled us to engage with many memories and other stories of different generations and meanings of the celebration, as well as the continuities and ruptures of this cultural practice that is permeated values, feelings and tensions. Configuring an upgraded tradition every year, means that the party is not something crystallized, motionless, is yes live dynamic and sustained by constant construction of senses and meanings, which are produced by different social experiences.

Keywords: City, Party, Memory.

LISTA DAS IMAGENS

Imagem 01 – <i>Localização de Borda da Mata</i>	01
Imagem 02 – <i>Antiga Igreja Matriz de Borda da Mata, foto, s/d</i>	18
Imagem 03 – <i>A antiga matriz, o mercado municipal e o início das obras da nova igreja</i>	22
Imagem 04 - <i>Esculturas confeccionadas pelo escultor espanhol Artigas, s/d</i>	30
Imagem 05 - <i>O ritual da sagração da nova Igreja Matriz, 1958</i>	34
Imagem 06 - <i>A maquete da nova igreja matriz que percorreu as ruas da cidade de Borda da Mata no dia da inauguração, 16 de julho de 1951</i>	36
Imagem 07 - <i>Flâmula comemorativa: Inauguração da Igreja Matriz</i>	39
Imagem 08 - <i>Flâmula comemorativa: Lembrança do Centenário da paróquia</i>	39
Imagem 09 - <i>A coroação da imagem de Nossa Senhora do Carmo no dia 16 de julho de 1958</i>	41
Imagem 10 – <i>Um novo espaço festivo</i>	43
Imagem 11– <i>Cartaz da festa do ano de 1958. Acervo pessoal de Claret Freitas</i>	45
Imagem 12 – <i>Cartaz da festa de Nossa Senhora do Carmo de 2011</i>	47
Imagem 13 - <i>Comunidades da paróquia que participam do momento celebrativo na Igreja Matriz</i>	49
Imagem 14 - <i>Procissão de Nossa Senhora do Carmo em 1958</i>	54
Imagem 15 – <i>A procissão, em destaque o andor da padroeira. 16 de julho de 2014</i>	55
Imagem 16 – <i>A coroação da padroeira, 16 de julho de 2014</i>	59
Imagem 17– <i>Show na praça central</i>	80
Imagem 18 – <i>Comércio nas “barracas” no dia de festa</i>	83
Imagem 19 – <i>Movimentação nas “barracas”</i>	83
Imagem 20 - <i>Mapa do centro da cidade de Borda da Mata – Espaço Festivo</i>	84
Imagem 21 – <i>Cartaz da Festa do Aniversário da Cidade no ano de 2008</i>	90
Imagem 22 – <i>A praça Antonio Megale com estrutura para proteção do jardim</i>	92
Imagem 23 - <i>Mapa da cidade: os diferentes lugares da festa</i>	94
Imagem 24 - <i>Praça central logo após a festa</i>	104
Imagem 25 - <i>Charge: A volta da festa para a praça</i>	105
Imagem 26 – <i>Cartaz de Divulgação da Festa produzido pela Prefeitura Municipal</i> ...	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I - “O DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO FOI VIVIDO EM ALEGRE FESTIVIDADE, DESDE AS PRIMEIRAS HORAS DO DIA ATÉ ALTAS HORAS”.....	15
CAPÍTULO II - “E A GENTE FICAVA LOUCO PRA SABER QUEM ERA O FESTEIRO”.....	44
CAPÍTULO III - “ESTA FESTA FOI ELA TOMANDO ESSA COISA QUE EU ACHO MEIO GIGANTESCA”.....	69
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	111
FONTES CONSULTADAS.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

INTRODUÇÃO

*Hoje é dia de festa...
O sol acordou da sesta
para espreitar a coreografia
que preparou a alegria,
quebrando a monotonia
do insípido dia a dia.
(Mardilê Friedrich Fabre)*

A pesquisa “*Dezesseis de Julho: Festa, memórias e vivências na cidade de Borda da Mata – MG*” tem como objetivo entender e problematizar os diferentes significados e sentidos da festa, que contém duas partes, uma dedicada à padroeira do município, Nossa Senhora do Carmo, e a outra à sua emancipação política administrativa, realizadas, na cidade de Borda da Mata, no dia 16 de Julho. Este tema será desenvolvido por meio das análises de diferentes memórias e experiências vivenciadas por sujeitos sociais diversos que participam da festa.

Borda da Mata possui uma população calculada, pelo IBGE no censo de 2010, em 17.118 habitantes¹, localizada no extremo sul mineiro e com sua economia baseada na agricultura e na média indústria de confecções de pijamas e tecelagens.² Fazem limites com Borda da Mata, os municípios de Pouso Alegre, Congonhal, Inconfidentes e Bom Repouso.

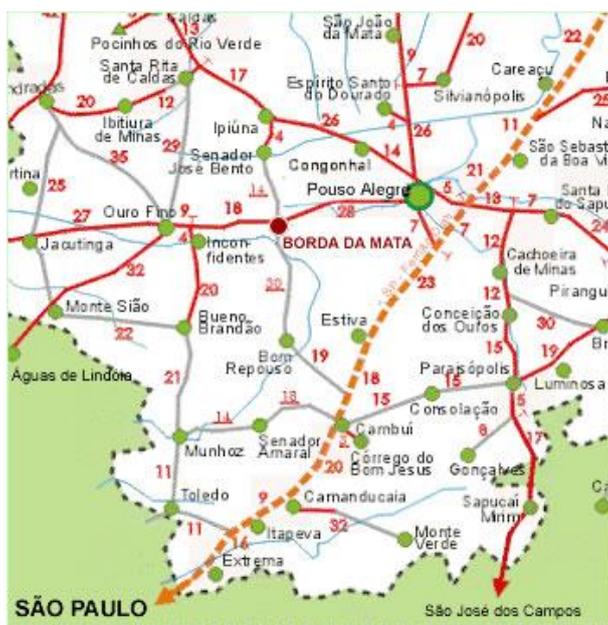


Imagem 01 – Localização de Borda da Mata³

¹ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 de janeiro de 2014.

² Prefeitura Municipal de Borda da Mata. Borda da mata comemora 87 anos. *Jornal Guia de compras*. MG, Julho de 2011. p. 2.

³ Disponível em <http://www.basilicadocarmo.org.br/localizacao.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

Esta pesquisa investiga os processos que permeiam este contexto festivo, no que tange a permanências e mudanças desse evento, considerado o mais esperado pela população da pequena cidade.

Por que a escolha desse objeto de pesquisa? Como bordamatense, a data de 16 de julho é tida, por todos nós, como emblemática, e todo o município aguarda com certa expectativa o período festivo. Entre as famílias da zona rural nota-se a mudança de rotina nos dias anteriores ao dia 16 de julho. Ir à cidade, com as melhores roupas, participar das celebrações religiosas, percorrerem as praças centrais da cidade repleta de barraquinhas de comidas, de roupas, reflete todo um ambiente diferenciado que atrai grande multidão, moldando uma dinâmica que permeia o sagrado, o lúdico, o descanso.

Junto com a minha família paterna, pude presenciar por várias vezes meu avô escolhendo os melhores bezerros de sua propriedade para serem doados para a festa religiosa.

Acompanhei minha família até a adolescência e, com o ingresso no Seminário Arquidiocesano de Pouso Alegre, no ano de 2003, pude participar das festividades religiosas sob outra perspectiva, de forma mais direta, do sagrado com ritos, ladainhas, cânticos e procissões. Durante alguns anos, no dia da padroeira, a igreja matriz permanecia fechada até o horário da principal missa da festa e, enquanto isso, as pessoas ficavam nas portas do templo aguardando o momento em que pudessem entrar. Havia disputa pelos melhores lugares.

Com minha saída do Seminário, fui trabalhar em um supermercado localizado na região central da cidade, de frente para a Praça Antônio Megale, em Borda da Mata. No período festivo a praça mencionada e a Avenida Wilson Megale ficam repletas de brinquedos, barracas de comidas, bebidas, roupas, calçadas e bugigangas. Trabalhando em um estabelecimento comercial vê-se a nítida mudança do cotidiano. O supermercado aumenta vertiginosamente seu movimento devido ao grande número de visitantes, bordamatenses que moram fora, e os “barraqueiros”, que só permanecem na cidade durante a festa.

Ao ingressar no Curso de História da Univás e continuar minha formação acadêmica no Mestrado em História Social da PUC-SP, o olhar para esta festa foi se diferenciando, algumas indagações emergiram como: qual o olhar da população, ou seja, dos sujeitos sociais, que participam da festas? Quais os sentidos atribuídos a este momento festivo? Que memórias são construídas acerca da festa religiosa e da festa organizada pela Prefeitura Municipal?

O despertar para esta pesquisa deu-se diante do que era exposto nos jornais da cidade, tanto o Jornal Tribuna Popular quanto o Jornal Folha Paroquial. A maneira descritiva com que a festa era apresentada por estes veículos informativos não traduzia a vivência, a experiência que a cidade vivia nos dias de festa. O incômodo imperou levando ao questionamento: “É esta a festa que vejo e vivencio?”. É sabido que os jornais mencionados possuem estilos diferentes de apresentar o evento, porém não expunham os sentimentos, os valores, os interesses que permeavam a “Festa da Borda”.

Neste olhar deparamos com as considerações de Abreu ao mostrar que

o historiador, no meu modo de ver, encontra dois grandes desafios: pensar os significados e mudanças das festas em sua própria historicidade, mas sobretudo, compreender a dinâmica relação das festas com a experiência dos homens e mulheres que as tornaram, em qualquer época e local, autêntica e concorrida (1999, p. 38).

Compreendemos que a festa não se define apenas como uma aglomeração de pessoas em um determinado horário e espaço, pois é também, por meio das festas, que nos é possibilitado evidenciar múltiplos elementos que indiquem religiosidade, lazer, economia, política, tensões, conflitos, entre outros, proporcionando uma gama de reflexões que atravessam o festejar vivenciado por diferentes sujeitos sociais.

O dia 16 de julho possui dinâmicas específicas que estão enraizadas na vida de muitos sujeitos sociais em Borda da Mata, e assim observo a festa ligada às referências culturais da cidade, pois entendemos que “cultura [é] apresentada como todo um modo de vida e todo um modo de luta” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2004, p. 07). Também em sintonia com os estudos de Thompson que aponta:

é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para a geração e o desenvolvimento sob formas históricas específicas das relações sociais e de trabalho (1998, p. 22).

Da mesma forma, compreendemos que os modos de viver e ver a festa são diferenciados dependendo de cada experiência vivenciada pelo sujeito social, entendido como o sujeito histórico que, não é pensado como uma abstração, ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente”(KHOURY, 2001, p. 80). Ou seja, os olhares para os festejos realizados no período de Julho em Borda da Mata, constituem-se de formas divergentes, antagônicas e/ou convergentes, em que esses sujeitos se respaldam em suas perspectivas no que se refere ao lazer, devoção e festa.

Em sua obra, Canclini (2003) expõe o Hibridismo Cultural, segundo o qual toda prática cultural não é tida como “pura”, pois os elementos que a compõem e a sustentam não são de uma só classe ou de um só saber. Explica que tal prática é a junção, a mescla (erudito/popular; rural/urbano) que possibilita sentidos e significados, levando-nos a perceber que a cultura é movimento, e não se encontra estagnada, submissa apenas recebendo elementos aleatórios. É uma ressignificação que se constrói dialogando, negociando, agenciando com vários e até opostos elementos e olhares.

Tendo esse pressuposto, nos apoiamos em Fenelon:

Seja qual for a natureza do trabalho historiográfico que realizamos envolvendo a cultura, ou as conceituações que possamos desenvolver para a cultura popular, será preciso admitir a impossibilidade de tratá-la (a cultura) no singular, pensada como capaz de abarcar em si mesma a história como totalidade, ou tomá-la como fator determinante de todo o processo, a partir de pontos de vistas classificatórios. Falamos sim de culturas no plural (1993, p. 75).

Percebemos que uma festa não se concretiza em um só ritmo ou padrão, mas de maneiras múltiplas, pois os seus participantes almejam festejar, interagir de acordo com os seus interesses, que podem ser devoção, o lazer, estar entre amigos e/ou família, momento de revigoração diante da rotina desgastante. Por se tratar de dois festejos diferentes, notamos que não há um motivo único para vivenciar estes eventos.

Observam-se os diferentes modos de ver e manifestar as festas, em que culturas são elaboradas pelas diferentes formas de se estar nas festas. Trabalhamos com as memórias desses sujeitos sociais que são construídas socialmente e trazem à tona significados e interpretações variadas:

se consideramos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizado ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumento socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997, p. 16).

A memória é uma construção que, ao longo das experiências, significa e/ou ressignifica os acontecimentos passados diante do contexto em que é produzida. Ela se refere a uma pessoa, a que relata ou escreve suas percepções, porém esta elaboração se efetiva com a convergência de experiências compartilhadas socialmente. Os sentidos, significados, impressões se somam mediante a interação estabelecida no grupo, sociedade, família, no trabalho, em diferentes épocas.

Portanto, o passado vivido se mescla com as experiências recentes proporcionando a elaboração de olhares múltiplos. “Tal como apreender a ampliação do passado é um desafio

para o ser humano, ativar a memória também o é, uma vez que a memória, além de incomensurável, é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes se confirmam e usualmente se renovam” (DELGADO, 2010, p. 38).

Imersos nessas memórias variadas é possível compreender, refletir as diferentes problematizações que atravessam a festa realizada no dia de 16 de Julho, e assim é visível que “a festa traz (ia) a possibilidade outra de viver a cidade [...] tomando posse de seus espaços” (PEREZ, 2002, pp. 48-49). Deparamo-nos com a preocupação de compreender este espaço que é a cidade, que se torna palco, anualmente, dos festejos.

Percorrendo esta inquietação em entender o que é a cidade defrontamos com Sennett afirmando que “nesse espaço de concentração populacional, os homens que vivem na cidade não se entenderão, estando, pois contida na narrativa original, uma condenação: a cidade está destinada a ser o centro de conflito” (1998, p. 58). Compreende-se que o espaço urbano se traduz na busca de interesses pessoais e coletivos, nas mais diferentes instâncias como a econômica, política, jurídica, religiosa, nisto se materializa como o centro dos conflitos. Regida pela convivência compulsória, também são engendradas negociações, relações que, do mesmo modo, serão tangidas pela tensão, pela luta de poderes, que se inscrevem no cenário citadino. Porém, da mesma forma que vemos o espaço urbano como este centro de conflitos, é também evidenciado o permear do encontro, da partilha de saberes, experiências e memórias, de forma mais intensa no período festivo.

Na busca de olhar a cidade, que vai além do material, do físico, do concreto, Fenelon nos adverte:

A cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como um lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto nos resultados e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos... Ou nos seus espaços de convivência ou no que resta de planos e projetos oficiais sempre justificados como o necessário caminho do progresso e da modernidade (1999, p. 07).

Vemos a cidade como o lugar em que os sujeitos sociais dinamizam o seu viver, buscamos entender a cidade não apenas como algo estrito ao físico, ao bruto, ao concreto, ao asfalto, prédios, ruas, casas. Mas sim, a interação dos sujeitos com estes espaços o que, conseqüentemente, resulta nas marcas ao longo da história.

A cidade é constituída como espaço vivido de diferentes maneiras, por diferentes sujeitos, muitas vezes de forma conflituosa. Neste espaço vivências, valores, sentimentos, tensões, conflitos são manifestados e reafirmadas lembranças e esquecimentos. Pelo fato de a

atuação dos grupos hegemônicos que trabalham na organização e manutenção da cidade, esta dinâmica do lembrar/esquecer, é materializada nos espaços urbanos em prol de um discurso pautado no ideário de progresso.

Com o escopo de compreender o que é festa, diante das leituras deparamos com as considerações de Guarinello:

Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia-a-dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros (2001, p. 969).

Mas, também, a festa é “uma ruptura da vida diária, um intervalo na ordem estabelecida, vista por vários estudiosos como momento de renovação das forças desgastadas pela rotina de trabalho e respeito às regras” (SOUZA, 2002, p. 59). A festa do dia 16 de julho em Borda da Mata possibilita à população um outro tempo. Tempo este regido pela alegria, devoção, sociabilidade, manipulação política, entre outras situações.

É permitido afirmar que a festa possibilita um espaço de encontro e troca. É o período de uma intensa interação entre a comunidade consigo mesma e com os visitantes das cidades circunvizinhas que procuram as festas em Borda da Mata como opção de lazer e devoção.

O festejar constitui uma ação que perpassa o preparar para a mesma, o arrumar-se, escolher ou comprar a melhor roupa, organizar as tarefas de trabalho para poder ir à festa, estar com a família e/ou amigos, o consumir comidas e bebidas. Tais ações são realizadas somente no tempo/espaço das festas, tece-se um cenário que está além do que é pautado no dia a dia, é um tempo diferente, aguardado, celebrado. Mas temos a consciência de que o fazer a festa não se dá de modos sem razões e/ou interesses. A Igreja Católica e a Prefeitura Municipal fazem usos diferenciados da festa a partir de motivações que, muitas vezes, não são evidenciadas ou conhecidas por aqueles que participam da festa. Eis aqui umas das nossas inquietações, saber como é o olhar desses expectadores para os festejos de 16 de julho. Que embates ocorrem nesta festa, simultaneamente, o que acontece?

No decorrer da pesquisa analisamos diversos tipos de fontes históricas, como narrativas orais, jornais, fotografias, documentos oficiais, impressos avulsos. E com fontes de natureza diversas foi possível realizar um diálogo entre elas por meio de cruzamentos e confrontações. E nesta ação de selecionar, arquivar, ler e problematizar as fontes, Certeau nos lembra:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituir-las como peças que preencham lacunas e um conjunto proposto *a priori* (2013, p. 69).

Como sou morador de Borda da Mata, e, também, vivencio as festas, religiosas e sociais, pude selecionar diferentes depoentes que, de acordo com suas experiências e vivências, trouxeram diversas percepções sobre as festas pesquisadas.

Mediante as conversas informais traçou-se um percurso chegando a vários sujeitos sociais que participaram e participam do festejo, seja de forma mais ativa na contribuição da realização do evento, ou mesmo presença no dia festivo.

Nossa primeira narradora foi a Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira com 64 anos de idade, professora aposentada, casada. A entrevista foi realizada em sua casa no dia 29 de março de 2011. Seu pai foi festeiro da festa do ano de 1958. Católica participante foi convidada pelo Padre Edson Oriolo a organizar a coroação da imagem de Nossa Senhora do Carmo durante algum tempo.

O senhor João Bertolaccini, 80 anos, que contribuiu com este trabalho por meio de uma entrevista realizada em sua casa no dia 24 de maio de 2011, desejou que esta fosse realizada na área ampla de sua casa que fica de frente a Igreja Matriz. Católico, comerciante aposentado, sempre está disposto a conversar sobre a história de Borda da Mata. E por gostar tanto da cidade, escreveu o livro *Borda da Mata e sua história* lançado em 2001. Teve uma participação ativa no âmbito político e religioso, foi festeiro na década de 70.

Outra narradora que ficou alegre com a iniciativa desta pesquisa foi a senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes com 69 anos, casada, professora aposentada. A entrevista ocorreu na sala de sua casa, no dia 21 de setembro de 2011. Ela, que nos acolheu com grande alegria, partilhou as memórias de ter sido a Rainha do Centenário da festa de 1958, algo que lhe marcou a vida sendo a maior experiência de sua existência.

Cilene Maria de Oliveira, vendedora de calçados, tem 44 anos e adora cantar. Durante um almoço, preparado com enorme carinho, foi feita a entrevista em sua residência no dia 12 de outubro de 2011. Ela faz parte de um grupo de cantores chamado Poesia Cantada e recorda, entre lágrimas, sua mãe, já falecida, e reivindica que na festa da cidade deve haver um espaço para os cantores da cidade de Borda da Mata.

Adolfo Costa Júnior foi entrevistado na própria casa no dia 03 de março de 2012. Advogado, engenheiro, dentista e estudante de Filosofia com seus 58 anos, apontou vários

aspectos pertinentes às comemorações como política, segurança e entre outros pontos, questionou as mudanças ocorridas ao longo dos anos na festividade devido a interesses políticos.

Juliano dos Santos, com 25 anos de idade, que trabalha como agenciador de uma empresa de transporte na Rodoviária de Borda da Mata, apontou a questão da grande movimentação no período festivo.

No dia 10 de março de 2012, foi a vez de Carlos Rafael de Freitas, 28, que é auxiliar de escritório de uma empresa de massas e faz parte de um grupo musical de Pouso Alegre chamado Cantus Quatro. A entrevista realizou-se na casa de uma amiga, que pode lembrar momentos quando participava ativamente da igreja.

Patrícia Aparecida Pereira, uma jovem de 27 anos, formada em Ciências Contábeis, que mora na zona rural de Borda da Mata e trabalha como auxiliar de escritório e como cobradora de transporte público foi muito receptiva. Na entrevista, realizada no seu espaço de trabalho, deu-se mais ênfase à festa social do que à religiosa.

No dia 02 de novembro de 2013 foi realizada a entrevista com Regina Maria Moreira, de 56 anos que compartilhou suas memórias. Professora de educação física da Escola Estadual Lauro Afonso Megale é também responsável pelo Departamento de Esporte, Cultura e Lazer da Prefeitura Municipal de Borda da Mata. Foi vereadora na cidade de Socorro, interior do Estado de São Paulo. Apresentou suas lembranças ligada à festa de Nossa Senhora do Carmo percorrendo aspectos referentes à religião, à possibilidade do encontro, ao espaço usado pelos festejos, ao comércio desenvolvido nestes dias de festa. Esse diálogo teve em alguns momentos lágrimas que materializavam sentimentos, valores e saudades que as festas de 16 de julho provocam na narradora.

Como representante da Igreja católica, o Padre Luiz Carlos Osti, de 44 anos, vigário paroquial de Nossa Senhora do Carmo há dois anos, aceitou o convite de apresentar os sentidos e significados cristãos das práticas ligadas à festa religiosa. Elencou a tradição religiosa como ponto forte em Borda da Mata, que, segundo ele, é devido à atuação de Monsenhor Pedro Cintra, já falecido, que foi pároco na cidade por mais de 30 anos e dinamizou as festas religiosas em louvor a Nossa Senhora do Carmo.

A senhora Terezinha Pires Ribeiro de 76 anos nos recebeu em seu lar, no dia 23 de janeiro de 2014. Foi vereadora por dois mandatos em Borda da Mata, também presidente da Câmara Municipal e, segundo a mesma, foi a primeira mulher do sul de Minas a assumir uma cadeira de presidência em uma Câmara Municipal. Foi em seu mandato que ocorreu a instalação da lei municipal que transferiu a data do aniversário da cidade de 16 de novembro

para o dia 16 de julho. Entre suas percepções considera a festa da cidade como uma das maiores da região e aponta que a festa religiosa se apagou diante da festa organizada pela Prefeitura Municipal.

No dia 29 de janeiro de 2014, a senhora Claret Delfina de Freitas Rocha compartilhou suas lembranças e opiniões sobre a festa de 16 de julho em Borda da Mata. Define-se como professora “do coração”, trabalhou como supervisora na Escola Lauro Afonso Megale e no Colégio Nossa Senhora do Carmo. Apaixonada pela história da cidade de Borda da Mata organizou uma pasta com jornais, documentos, fotografias, cadernos que apresentam fatos e acontecimentos da cidade. Narrou que acompanhou a construção da nova igreja matriz e também apoia a transferência da festa da prefeitura para outra data, e aponta o dia 16 de julho como o dia voltado somente para a padroeira da cidade.

Por fim, apresento Maria Sebastiana de Melo Rodrigues, conhecida por todos como Dona Lola Rodrigues, 74 anos que foi festeira junto com o esposo João Batista Rodrigues em 1984, o último ano de paroquiato do Monsenhor Pedro Cintra. Trabalha com um estúdio fotográfico chamado São Paulo. Apresentou várias questões referentes à organização da festa religiosa e seu olhar para o festejo atualmente.

É a História Oral que nos possibilita conhecer diferentes vivências e experiências que são muitas vezes ocultadas pela história oficial:

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... são histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA, 2002, p. xiv).

É com este intuito e por meio da História Oral, que foi realizado este trabalho, buscando conhecer e evidenciar experiências de sujeitos sociais que vivenciaram e vivenciam a Festa de Nossa Senhora do Carmo. Através desse método de estudo foi possível analisar as experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita.

As entrevistas realizadas foram marcadas em locais escolhidos pelos narradores, registradas em um minigravador, num diálogo aberto, sem roteiros de perguntas fixas, possibilitando que, das memórias, vivências, experiências, as perguntas surgissem a partir da

história de vida de cada narrador, iniciando o diálogo desde experiências da infância aos dias atuais. Norteados por Alessandro Portelli refletimos:

a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, com as vezes – exatamente iguais (1997, p. 16)

Observa-se no aporte teórico acima a necessidade do respeito e do compromisso debruçado na pesquisa, quando se trabalha, metodologicamente, com a História Oral, respeitando as diversas vozes, que possibilitam a discussão acerca do festejo.

Com grande preocupação diante da ética que move a História Oral, é relevante mencionar que, junto aos narradores, tivemos o procedimento de levar a transcrição das falas que foram lidas e devidamente autorizadas pelos depoentes, bem como a assinatura e encaminhamento da carta de cessão e o consentimento informado, expondo a nossa preocupação com a ética em nosso trabalho, pois, assim, estamos respeitando o narrador, que se dispôs a conceder tal entrevista, contribuindo com a construção do conhecimento histórico.

A entrevista estabelece uma relação, como aponta Portelli, ao afirmar que “podemos ter status, mas são eles que têm as informações, e gentilmente compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fato significa lembrar que estamos falando não com ‘fontes’ – nem estamos por elas sendo ajudados – mas com pessoas” (1997, p. 27). Nesse encontro temos compreensão de que nossos narradores, não são apenas portadores de informações, mas vão além, pois são sujeitos sociais que significam e ressignificam as festas de 16 de Julho.

Outro tipo de fontes são os jornais que circulam na cidade de Borda da Mata e região, compreendendo que “os jornais definem papéis sociais, entendendo que o destinatário está presente o tempo todo, ora fornecendo os parâmetros do discurso através da idealização que o emissor faz dele, ora como tipo padrão de leitor que o emissor que formar” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2004, p.54).

Cruz e Peixoto nos apontam que

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (2007, p. 258).

Ao optar trabalhar com a Imprensa, vemos que esta tarefa exige um percurso metodológico, de como analisar e interpretar as informações e notícias.

Mediante a escolha do trabalho historiográfico com a Imprensa é necessário um procedimento específico, pelo fato de lidar com um documento peculiar. A constituição de uma matéria (assunto) inserida no contexto do jornal e/ou revista traz em si inquietações tais como: Por que tal destaque na primeira página? Abrange toda uma página ou metade? Está um *box*?

Notamos que a configuração visual, ou seja, a distribuição das matérias e seu evidenciamento nas páginas do jornal são definidos por um jogo político em que a dinâmica destacar ou aviltar se materializa. Assim, a opção por trabalhar com a Imprensa pressupõe o cuidado ao deparamos com a notícia que se refere ao nosso objeto de pesquisa, pois por trás há a total intencionalidade nas formas em que é apresentado.

Os jornais analisados apresentam certas singularidades:

O *Jornal Folha Paroquial* é um impresso organizado e distribuído, gratuitamente, pela Igreja Católica na cidade de Borda da Mata. É um suporte que divulga as atividades da comunidade católica, datas de celebrações, reuniões, etc., e propaga os princípios e valores cristãos. Sua organização e distribuição ocorrem em datas significativas para a comunidade local, a festa da padroeira (16 de Julho) e o Natal (25 de dezembro). Também em ocasiões extraordinárias, como a elevação da igreja matriz à basílica no ano de 2005. Fornece informações referentes às expectativas dos líderes religiosos para com a festa da padroeira e sua programação religiosa.

O *Jornal Tribuna Popular*, fundado na cidade em 1997, tem sua distribuição, atualmente, quinzenal sendo que, em seu início, era mensal. Circula na cidade de Borda da Mata e cidades circunvizinhas, trazendo informações relevantes para esta região.

Analisando sua trajetória encontramos vários aspectos acerca das festas da padroeira e do aniversário político administrativo, que é organizado pela Prefeitura Municipal.

Outro tipo de informativo é o organizado pela Prefeitura Municipal, que tem como objetivo divulgar as obras e ações realizadas pela administração local. Esses informativos são esporádicos e, na maioria das vezes, distribuídos, durante as festividades de 16 de julho. Compreendem-se como um mecanismo propagador e legitimador da Administração Municipal, que visa “comprovar” as obras feitas pelo município.

Grande parte dos jornais analisados foram cedidos pelo diretor do *Jornal Tribuna Popular*, o senhor Antônio Donizete de Sousa. Outra parte se deve à jovem universitária Kalinka Lemes Zucarelli que, ao tomar conhecimento de nossa pesquisa foi gentil em ceder

alguns jornais que sua família conserva. E alguns exemplares foram disponibilizados pelas senhoras Claret Freitas e Maristela Matos.

A fotografia é outro tipo de fonte que contribuiu para a realização deste trabalho. Pode-se concluir que a mesma evolução que a historiografia teve no século XX em relação aos documentos escritos ocorreu também quanto aos documentos visuais ou iconográficos. Desta forma, “o historiador precisa situar a fotografia em um determinado tempo e espaço e perceber as suas alterações e do contexto. O ofício do historiador consiste na realização da crítica interna e externa do documento e, nesse sentido, alguns métodos de análises permitem-lhe a leitura dos documentos visuais” (CANABARRO, 2005, p.26). Aqui Canabarro expõe que o historiador tem que ir além da mera imagem visualizada, deve construir, a partir da investigação e pesquisa, o cenário da fotografia, conhecer seu contexto, para assim poder realizar de modo concreto sua análise, sem cometer nenhum erro ou anacronismo, percebendo-a não como um resíduo estagnado que meramente retrata o passado, mas sim uma “ferramenta” histórica, que, de acordo com a problematização do historiador com seu objeto de estudo, poderá se desdobrar em um olhar mais apurado e atento aos registros iconográficos.

Com o uso das fontes imagéticas foi possível perceber que “a fotografia passa a ser compreendida não como verdade, mas como marca, isto é, índice. O índice é um tipo de signo que se define como vestígio do objeto que lá esteve – o referente” (LIMA; CARVALHO, 2012, p. 42). Atentos a este caminho interpretativo, vemos a fotografia como um suporte que não carrega em si a verdade, a totalidade, mas uma percepção do ocorrido que foi registrado, que favorece o relembrar do fato que foi cristalizado neste suporte, consistindo como um vestígio, ou seja, fornece informações, porém estas disponibilizadas pelo ângulo do fotógrafo. O exercício de análise de uma fotografia se faz, também, no que está além da imagem, local arquivado ou sujeito que conserva tais registros, elementos que permitem elucidar com mais subsídios questões que permitem outros olhares para a pesquisa.

As fontes imagéticas utilizadas neste trabalho foram fornecidas pelas seguintes pessoas: Austerlina Cobra, que apresentou o seu álbum de fotografias referentes à inauguração da Igreja no ano de 1958, na qual foi a coroante e ganhadora do título “Rainha do Centenário”. Maristela Matos compartilhou seus registros iconográficos da festa religiosa, dos dias atuais, como membro da PASCUM (Pastoral da Comunicação) da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, que é responsável pelos registros imagéticos das celebrações e eventos eclesiais em Borda da Mata.

Algumas imagens analisadas nesta pesquisa são reproduções dos jornais analisados, outras foram produzidas pelo próprio pesquisador, na busca de estudos de teses que pudessem contribuir na tarefa de compreender nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, ressaltamos o texto do Chorro (2011) que aponta as práticas culturais que se constituem na Fiesta de Andalucía, que é realizada pela Sociedade Hispano Brasileira na cidade de São Paulo. E por meio das narrativas orais podem-se notar as experiências compartilhadas por este grupo e, também, perceber as transformações que ocorreram na festividade ao longo dos anos, realizando um diálogo com a imprensa produzida pela Sociedade, que promove a divulgação das festas e com as narrativas que expressam as questões de ser espanhol e brasileiro.

Outro texto é a tese de doutorado de Domingues (2007) que apresenta as práticas culturais da festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade mineira de Silvianópolis. O acontecimento festivo ocorre há mais de duzentos anos. Percorrendo os aspectos da organização e realização, Domingues utiliza as narrativas de seus participantes. A presença das congadas, grupos formados por afro descendentes que se apresentam de forma performática, munidos de tambores, violas e outros instrumentos, e manifestam a devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Trabalhando a metodologia da História Oral, colheram-se entrevistas dos sujeitos sociais que atuam no festejo possibilitando visualizar as permanências e mudanças que ocorreram no decorrer do tempo.

Cruzando com outros documentos, como o Livro da Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, Livro do Tombo, fotografias, cartazes de divulgação, entre outros, desta forma, constitui-se uma pesquisa em que aponta a festa não como algo estagnado, mas permeado por experiências sociais diferentes que se percebem com uma tradição atualizada e ao mesmo tempo em transformação.

A pesquisa de Barbosa (2002) percorreu as memórias das caixeiras, mulheres que atuam nas festas do Divino no estado do Maranhão, trabalhando como as letras dos cantos entoados no período festivo e com as narrativas orais que propiciaram traçar os meandros dos rituais. Perpassa um universo marcado pela cultura, resistência, musicalidade e memórias, em que as caixeiras atuam de modo singular no manifestar das devoções ao Divino.

Nosso estudo caminha, tendo como perspectiva basilar a História Social, que não restringe a operação historiográfica em enaltecer grandes pessoas, nomes influentes, mas compartilha os diferentes olhares que engendram múltiplas memórias na cidade de Borda da Mata.

Assim a pesquisa “não é um estudo paralelo do social, do cultural, do econômico, do político, mas sim um estudo que leve em conta todas essas dimensões, sem compartimentação nem subordinação ao econômico” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2004, p. 18). Entende-se por este prisma, a possibilidade de problematizar os interesses, valores, conflitos, práticas culturais, em que os sujeitos sociais interagem com diferentes dimensões em seu cotidiano, levando à reflexão o que é vivo, que gera um emaranhado e implica as variadas experiências encontradas neste trabalho.

O capítulo I intitulado “*O dia de Nossa Senhora do Carmo foi vivido em alegre festividade, desde as primeiras horas até altas horas*” visa apresentar a constituição do percurso festivo da celebração em louvor a Nossa Senhora do Carmo. E, da mesma forma, evidenciar os interesses que definiram os significados da festa religiosa ao longo do tempo no município de Borda da Mata.

O capítulo II – “*E a gente ficava louco pra saber quem era o festeiro*” tem como objetivo apresentar a parte religiosa do festejo de 16 de Julho em Borda da Mata. Algumas práticas presentes na festa serão apresentadas e possuem múltiplos significados para os participantes. As narrativas orais possibilitarão conhecer essas práticas que permeiam e compõem os dias de festas e, também, alguns sujeitos que fazem parte deste contexto.

Já no Capítulo III – “*Esta festa, foi ela tomando essa coisa que eu acho meio gigantesca*” busca refletir a ampliação da festa, no que se refere à parte organizada pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata. Percorrendo questões políticas e analisando o território festivo, diferentes memórias possibilitaram contemplar os múltiplos olhares para esta parte na festa que integra o lazer, o consumo e a diversão.

CAPÍTULO I – “O DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO FOI VIVIDO EM ALEGRE FESTIVIDADE, DESDE AS PRIMEIRAS HORAS DO DIA ATÉ ALTAS HORAS”⁴

O presente capítulo visa apresentar a constituição do evento festivo em louvor a Nossa Senhora do Carmo. Evidencia os interesses que definiram os significados da festa religiosa ao longo do tempo, tendo a cidade de Borda da Mata, localizada no sul de Minas, como o palco desta manifestação religiosa e cultural.

O dia 16 de julho é um dia significativo em Borda da Mata, desde seus primórdios, pelo fato de celebrar a sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo.

No artigo “Histórico da Paróquia de Borda da Mata”, redigida pelo Monsenhor Pedro Cintra é apontado que:

Há notícias de que em 1823 já havia em Borda da Mata um oratório primitivo. Devia ser pequeno e sem capacidade para conter os fieis. Conjectura-se que fosse localizado no mesmo local em que foi construída a Capela Curada. Neste oratório teria sido celebrado o mais antigo batizado em Borda da Mata, aos 20 de dezembro de 1823⁵.

A cidade de Borda da Mata fica situada em uma paragem no caminho que liga o arraial de São Francisco de Paula de Ouro Fino ao Registro do Mandu, hoje Pouso Alegre, isto em meados do século XIX (GUIMARÃES, 1958).

As celebrações religiosas oportunizam estabelecer relações com a devoção, isto em Borda da Mata é marcante, evidenciada pela presença eclesiástica.

Nessa época, aproximadamente, conseguiram os habitantes do bairro provisão para ereção de Capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, provisão não encontrada e da qual somente restam referencias, mas, sabendo-se que foi passada por D. Mateus de Abreu Pereira e que esse Bispo faleceu a 5 de maio de 1829, conclua-se que foi anterior a esse [*sic*] data (OLIVEIRA, 1950, p.212) .

Observa-se que na obra *A Diocese de Pouso Alegre* que celebra os cinquenta anos da fundação da Diocese de Pouso Alegre busca enaltecer a presença católica no extremo sul mineiro. Tal paragem ou ponto de descanso, paulatinamente, prosperou constituindo assim, um aglomerado de casas. É desta “comunidade”, a iniciativa de construir a capela para vivenciar os sacramentos prescritos pela Igreja Católica.

⁴ CINTRA, Pedro. A Paróquia celebra 40 anos de Inauguração da Igreja Matriz. *Jornal Folha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 03.

⁵ CINTRA, Pedro. Histórico da Paróquia de Borda da Mata. *Jornal Folha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 02.

Guimarães afirma que “O animador da fundação da capela no bairro da Borda do Mato, segundo tradição, teria sido o Padre Fiúza. Segundo as mesmas tradições, o referido Padre Fiúza proprietário de uma fazenda naquele bairro e ali celebrado a primeira missa havida no lugar” (GUIMARÃES, 1958, p. 16).

Com o passar do tempo, Borda da Mata se torna distrito da cidade de Pouso Alegre, pela Lei Provincial nº 128, de 14 de março de 1839. Em 8 de junho de 1858 é elevada a Freguesia. Tem, desta forma, um sacerdote para os exercícios dos atos religiosos, para fortalecer a devoção e manter os adeptos juntos a uma orientação eclesiástica. E em 7 de setembro de 1923 foi sancionada a Lei nº 843 para a criação do município e sua instalação em 16 de novembro do mesmo ano.

Ao longo deste tempo, 16 de julho é festejado com celebrações religiosas e a quermesse. Em 2012, Adolfo Cabral Junior, dentista e advogado e morador no centro de Borda da Mata, descreve a festa em louvor a padroeira de Borda da Mata.

Na festa de antigamente, chamada... era exclusivamente familiar mesmo, como na minha vida na minha infância, né? Era o que o pessoal se reunia aqui... tinha uma barraca aqui.. na praça coberta de sapé e... e... e as famílias cada noite, ali... era uma família que era responsável pela quermesse, então, por exemplo, digamos a família que cuidava do hotel, por exemplo, eles iam fazer o salgado, fazer tudo, ia colocava várias... famílias. E a gente ia, era leilão, tal. E aí ia gente comia as coisas lá, consumia as coisas lá, mais quem tava vendendo, quem eram os garçons, que tava servindo era o pessoal desta família. No outro dia, era outra família que ia servi, então as outras famílias iam. Então a festa da cidade era isto, ela era também familiar⁶

Adolfo descreve como se constituía a “festa de antigamente”. O narrador remete-se a outra temporalidade, a outros momentos, relacionando sua infância com o modo de organização da festa religiosa em Borda da Mata.

As relações festivas neste período descrito pelo narrador configuram-se pela proximidade das famílias do município, onde todos se conhecem. Apresenta-se como uma reunião, em que laços são reforçados e mantidos. Ao apontar que “era uma coisa só daqui mesmo” reforça o caráter mais local do dia 16 de julho.

Na organização da festa, a cada família é atribuída uma função. A partir da integração dos espaços públicos ao espaço religioso, a praça e reúne atividades como o trabalho e a devoção.

⁶ Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

No ano de 1947, toma posse como pároco, responsável pela administração da Igreja Católica na cidade de Borda da Mata, o Cônego Pedro Samuel Cintra⁷, que no ano de 2000 publica um relato feito pelo, então, pároco emérito de Borda da Mata, Monsenhor Pedro Cintra, no *Jornal Folha Paroquial*, com a finalidade de divulgar a programação da festa da Padroeira do ano de 2000 e, também, o histórico da construção da Igreja Matriz.

No dia em que visitei o meu Bispo Diocesano, Dom Otávio Chagas de Miranda, antes de tomar posse da Paróquia de Borda da Mata, ouvi dele estas palavras: termine a construção do Colégio das Irmãs Dominicanas e construa a Nova Igreja Matriz. Era o mês de setembro de 1947. No dia 21 tomei posse. Não encontrei um centavo em caixa. Havia, sim, uma dívida para com a capela filial de Tocos do Moji⁸.

A chegada de um novo sacerdote traz a possibilidade de novas ações na paróquia e as relações estabelecidas entre o bispo diocesano com o sacerdote diante do novo compromisso. A proximidade permite a imposição de tarefas a serem concretizadas na paróquia de Borda da Mata. Ao chegar à paróquia depara-se com a situação econômica precária. Com a incumbência do bispo e frente à realidade da paróquia formula-se um desafio.

João Bertolaccini, comerciante aposentado de 80 anos, residente na Praça Nossa Senhora do Carmo, centro da cidade, narra o seguinte acontecimento:

O monsenhor Pedro Cintra veio para cá, em quarenta e sete. Quando foi em cinqüenta, cinqüenta, na festa de mil novecentos e cinquenta foi na igreja velha que era aqui ainda [aponta para praça em frente de sua casa]. Então o bispo de Pouso Alegre, Dom Otávio Chagas de Miranda veio aqui celebrar a missa no dia da festa, tudo. A igreja era uma igreja reformada, tinha sido reformada umas três vezes, entendeu? Era uma igreja muito antiga, se não me engano ela foi feita em mil oitocentos e cinqüenta e cinco, por aí. Era uma igreja antiga, e sempre foi reformada. Mais era ampla até e de soalho, tábuas, né? Tábuas, forro de tábuas, muito bem, aquela abóbodas, assim de.. até bonito. Mas aí, o bispo veio celebrar a missa aqui, pego... o monsenhor tava... era moço ainda, falou pro monsenhor: 'olha monsenhor, vamos', não era monsenhor era padre ainda, 'o senhor vai ficar aqui bastante tempo e vou aconselhar o senhor a fazer uma igreja nova aqui e eu vou até dar uma contribuição pra esta igreja'. E deu mesmo, não sei quanto que é, mas fala na época que tinha dado.⁹

A fala do depoente traz nuances que evidenciam as causas da construção de uma nova igreja. Conforme consta no Livro do Tombo, nº 2, da Paróquia: "Achando-se a atual matriz em péssimas condições, com o consentimento, aprovação e benção do Exmo. Snr. Bispo

⁷ Nascido em Brázopolis- MG, foi ordenado padre no ano de 1937. Trabalhou nas paróquias de Ouro Fino, Maria da Fé.

⁸ CINTRA, Pedro. Histórico da Igreja Matriz de Borda da Mata. *Jornal Folha Paroquial*, Ano IV, nº 8, Junho de 2000, p.02.

⁹ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Diocesano”¹⁰. A antiga matriz foi reformada algumas vezes, evidenciando, segundo o narrador, sua precariedade.



Imagem 02 – Antiga Igreja Matriz de Borda da Mata, foto, s/d.¹¹

Na imagem vemos a antiga matriz de Borda da Mata, com uma arquitetura simples, na sua frente, dois ranchos montados para festas. O templo não foi visto como um patrimônio histórico do município.

A incumbência dada ao então pároco, cônego Pedro Cintra, para a construção de uma nova igreja traz em si várias responsabilidades: como adquirir dinheiro para a construção? Qual o melhor local?

Um dos meios encontrados para se arrecadar dinheiro foi a realização das festas religiosas. Com isto, o cônego Pedro, articulador dos projetos na paróquia, vê a possibilidade de reunir os fieis em torno da devoção à padroeira e promover a construção do novo templo.

Mas temos acesso às memórias por outras formas, como jornais, um deles é o Jornal Paroquial, um impresso organizado e distribuído pela Igreja Católica, principalmente em datas tidas como relevantes, como Natal e a festa da padroeira, que no ano de 2000, em sua edição nº8, trouxe informações acerca do Histórico da Igreja Matriz.

¹⁰ Livro do Tombo, nº2, 16 de Julho de 1951, p. 74.

¹¹ Fotografia cedida por Maristela Castro, acervo pessoal.

Fiz ciente o povo que a obra seria iniciada no momento em que tivéssemos um piso financeiro de quinhentos [sic] mil cruzeiros. Um grande mostrador de relógio, mostrava ao povo as importâncias que entravam para a caixa. Foram marcados no mostrador quinhentos traços, que significava minutos. Quinhentos minutos seriam os quinhentos mil cruzeiros que precisava para dar início à obra. Um porteiro grande indicava as importâncias que eram recebidas.¹²

Aqui nota-se a materialização da expectativa produzida na população católica. A realização desta obra passa por um percurso que leva os fieis a questionar suas posturas diante do projeto proposto. “Sou um bom católico, por que não ajudar?”, “Tenho que ajudar mais a Igreja?”. Assim, vemos que toda a ação empreendida pela paróquia passa pela movimentação do “grande indicador” dos valores, promovia-se a necessidade de um montante específico, que se desdobra na questão de um “compromisso marcado” de forma coletiva, pelo fato de o relógio estar exposto e dando a perspectiva de uma necessidade, pautando na insistência de se chegar ao ultimo traço, aportando que a obra do templo seria iniciada. Desta forma, grande parte das ações por parte dos leigos bordamatenses se voltaram para a arrecadação de fundos para o esperado início da construção.

Ao mesmo tempo, cónego Cintra construiu o Colégio das Irmãs Dominicanas, o qual já estava com os alicerces prontos no momento que tomou posse em Borda da Mata.

Enquanto se arrecadava o dinheiro Pe. Pedro foi dando andamento para o projeto arquitetônico. Como tinha trabalhando em Ouro Fino durante 6 anos com o saudoso Mons. Teófilo Guimarães teve naquele período a oportunidade de conhecer o arquiteto José Sacchetti, que tinha feito a planta da Igreja Matriz de Ouro Fino e morava em São Paulo. Pediu ao Sr. José Sacchetti um desenho de Igreja em estilo moderno. O Sr. Sacchetti convenceu Pe. Pedro por meio de uma carta a construir em estilo clássico, escrevendo: Pe. Pedro, ‘O moderno, passa, é moda, o clássico fica.’¹³

Nesta rede de relações estabelecidas entre os sacerdotes nos deparamos com um contexto religioso regido por princípios e critérios determinados por esses líderes.

Aqui, o caso se refere ao arquiteto José Sacchetti, que trabalhou na planta da Igreja Matriz de Ouro Fino, cidade vizinha a Borda da Mata, e mediante o pedido que aponta para a questão estética do templo, afirma, segundo a homilia de Oriolo, que o “clássico fica”. Denota-se a busca pela afirmação de poder da Igreja na cidade de Borda da Mata, não somente pela edificação de um templo para reunir os adeptos, mas o intuito de proporcionar a reafirmação do poder espiritual no município, remetendo o estilo do templo a algo que permanecerá.

¹² CINTRA, Pedro. Histórico da Igreja Matriz de Borda da Mata. *Jornal Folha Paroquial*, Ano IV, nº 8, Junho de 2000, p.02.

¹³ ORIOLO, Edson. Homilia do Tríduo em preparação a festa do oitavo ano da elevação da Basílica de Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata, 05/12/2013.

E de acordo com esta perspectiva, defrontamos com a obra memorialística “Borda da Mata: Notas para sua história” escrita por José Guimarães que nos informa : “Verificava-se que a velha matriz, onde se venerava belíssima imagem de Nossa Senhora do Carmo, doação dos paroquianos Srs. Afonso Florenciano e José Nunes Garcia, não estava de acordo com o crescimento material da cidade e com o crescimento espiritual da população católica no lugar.”¹⁴

Desde a construção da Estrada de Ferro Sapucaí, no ano de 1896, que trouxe o “progresso” à população e, também, a facilitação do intercâmbio comercial e cultural com os grandes centros¹⁵, reforça-se um discurso baseado na perspectiva econômica, em que a antiga matriz simboliza o atraso e que a nova deve transmitir os ideários de “progresso” visado pela população.

O projeto da nova matriz sofreu algumas mudanças, conforme palavras de Monsenhor Cintra, responsável pela execução do projeto:

O Bispo Dom Otávio de Miranda aprovou com restrições. Suprimia de coberturas artísticas sobre a porta principal que é o baldaquim e as portas laterais, alegando como motivo que os namorados encontrariam aí um lugar convidativo para os encontros. O Sr. José Sacchetti escreveu diretamente ao Sr. Bispo, que acabou retirando a restrição. Mas, em honra de sua memória, confesso que ele tinha razão. Não somente os namorados, mas também os forasteiros e andarilhos, encontram nas portas de nossa Igreja Matriz, lugar para encontros inconvenientes, mas também para servir de sanitários.¹⁶

Para ele, a igreja, como lugar que aglutina os fiéis, pode ser usada indevidamente por casais de namorados e por mendigos. Arquitetonicamente, deve se configurar como um espaço propício para ida dos fiéis, isto exige o distanciamento dos “forasteiros e andarilhos” que poderão incomodar os adeptos do cristianismo no cumprimento dos preceitos religiosos.

Ao chegar próximo ao montante de dinheiro desejado marcou-se a data para o lançamento da pedra fundamental.

Para a Benção da Pedra Fundamental escolheu o dia da Padroeira, 16 de Julho, este ano, também o 7º Centenário do Escapulário. Convidado, o Snr. Bispo D. Otavio, com não pequeno sacrifício veio presidir a benção solene da primeira pedra da nova e artística matriz. Honra esta que muito desvaneceu a pessoa do Pároco e trouxe regozijo muito entre a população.¹⁷

¹⁴ GUIMARÃES, José. *Borda da Mata: Notas para sua história*. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958, p. 45.

¹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶ CINTRA, Pedro. Histórico da Igreja Matriz de Borda da Mata. *Folha Paroquial*, Ano IV, nº8, Junho de 2000, p. 02.

¹⁷ Livro do Tombo, nº 2, 16 de Julho de 1951, p. 74-B.

O dia da benção da pedra fundamental foi marcado para o dia 16 de julho de 1951, ou seja, o início das obras. O agendamento da data do ato festivo junto à memória do escapulário é uma articulação pautada na reafirmação do significado deste dia. O escapulário é símbolo ligado à devoção de Nossa Senhora do Carmo.

No dia 16 de julho de 1251, a Virgem lhe apareceu enquanto rezava. Tomando do Escapulário, disse: “Filho caríssimo, recebe este escapulário com sinal especial de tua Ordem. Eis o sinal de salvação! Salvação dos perigos. Quem morrer revestido com ele, não padecerá do fogo eterno”. Esta é a tradição.¹⁸

O Jornal Folha Paroquial, publicado no ano de 2001, faz menção ao mito de origens relembando a entrega do escapulário a um religioso, Simão Stoch, superior Geral da Ordem do Carmo.

Eliade descreve em seus estudos que: “a festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma ‘história sagrada’ cujos atores são deuses ou seres semidivinos” (2008, p. 93). Consideramos, então, que a festa é o rememorar, o reatualizar de um fato. A construção de um novo templo evoca uma devoção antiga do cristianismo, e assim a festa condensa o tempo passado, mas com intuito de significar o ato ocorrido naquele presente.

Este intuito de ater-se aos acontecimentos marcou as origens da devoção a Santa Padroeira da cidade de Borda da Mata, como exteriorizada pelo uso de um cordão, que é dado na dia 16 de julho, por meio da imposição que é realizada pelos sacerdotes. Outra perspectiva que contrapõe esta dualidade é a benção da Pedra Fundamental da Igreja Matriz. A construção de um novo templo na cidade de Borda da Mata, para os católicos locais, se reveste de “regozijo”, de alegria, de motivos para festejarem.

Reformula-se a devoção à santa padroeira em Borda da Mata, pelo fato de se iniciar a construção do novo templo no dia em que se comemora a sua festa.

Antes da solene benção da pedra fundamental da nova igreja matriz começou o conflito para a escolha do local para tal construção.

Daí veio o ano de cinquenta e um, cinquenta e dois e o monsenhor fazendo a igreja aqui no lugar. Primeiro houve uma encrenca danada, uma briga danada entre a Prefeitura e o padre, porque, briga assim discussão, né? Porque, primeiro tinha aqui um mercado municipal. Só que era da prefeitura. A prefeitura não queria ceder o lugar e o padre não queria deixar o povo sem igreja, entendeu? O padre falo: “Como vou fazê, deixa o povo sem igreja. Eu vou desmanchar esta daqui e o povo vai rezar

¹⁸ *Jornal Folha Paroquial*, Ano V, nº 11, 2001, p. 02.

aonde? Não tem outra igreja ampla aqui, que possa estas coisas”. Então começou a encrenkar com o prefeito.¹⁹

A narrativa expõe um cenário marcado pelo conflito que cerca o local definitivo da igreja matriz. Segundo Bertolaccini, a construção já estava no início e mediante tal atividade provocou certo confronto entre o líder espiritual e o líder municipal. Ao narrar tal contexto aponta como “uma encrenca danada entre prefeitura e o padre”, porém para ponderar a tensão instalada define a briga como uma discussão, busca construir uma memória “apazigada” do fato.

A disputa pelo espaço focava o local onde está o Mercado Municipal, que ficava nos fundos da antiga matriz.



Imagem 03 – A antiga matriz, o mercado municipal e o início das obras da nova igreja, s/d²⁰

Na imagem acima vemos um cenário que mescla o passado e o futuro sendo construído, ou seja, a antiga igreja matriz, no fundo da imagem, no contraponto do registro imagético a base da construção do novo templo e, entre este pêndulo temporal, localiza-se o Mercado Municipal.

¹⁹ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

²⁰ Acervo digital da Basílica do Carmo.

Bertolaccini afirma que a Prefeitura Municipal adotou a postura de não ceder o local para a construção.

Com a leitura do Livro do Tombo, nº 2 da Paróquia Nossa Senhora do Carmo, que contém os registros feitos pelo sacerdote dos principais eventos realizados na comunidade local, deparamos com um suporte regulado pelo crivo do que deve ou não ser documentado. E com este exercício na pesquisa, percorrendo as páginas encontramos a seguinte questão:

Localização da nova matriz

A localização da nova matriz não foi resolvida com facilidade. Houve discordância entre os paroquianos. A opinião geral desejou a matriz no alto da Avenida Eduardo Amaral, onde se acha levantada o cruzeiro. Entretanto, essa idéia ficou logo afastada, porque o Snr. Bispo a desaprovou. A discrepância de opiniões voltou-se então para o mesmo local ou para onde está sendo construída, isto é, no quarteirão do mercado municipal. Eu, como pároco, não desejando assumir a responsabilidade, depois de consultar o Snr. Bispo Diocesano, entreguei a solução nas mãos do Governo Municipal. A Camara Municipal reuniu-se por duas vezes e por unanimidade decretou, por motivos urbanísticos a construção na quadra onde se acha o Mercado.²¹

O “regozijo” dos católicos em Borda da Mata se revestiu de opiniões contrárias a respeito do local da tão desejada matriz. Cônego Cintra, ao deparar com a presente situação, tratou logo de consultar seu superior, o Bispo Diocesano.

Alegando motivos urbanísticos, a construção será na quadra do Mercado Municipal. E pelo decreto-lei nº 124, no seu artigo primeiro, estabelece: “Fica o Senhor Prefeito Municipal autorizado a conceder a quadra onde está situado o Mercado Municipal para a construção da nova Matriz, podendo avançar nas partes laterais até setenta centímetros para preencher as exigências da construção.”²² Parágrafo único: “A demolição do Mercado Municipal, será iniciada quando se tornar necessária, tendo em vista o adiantamento das obras de construção da nova Matriz.”²³

Neste documento dá a entender que o terreno, onde estava construído o Mercado Municipal, era de propriedade da Prefeitura Municipal, pelo termo “conceder”, ou seja, entrega o terreno ao poder da Igreja Católica para a efetiva construção; e da mesma maneira possibilitando o aumento da extensão territorial do terreno, diante da estrutura do imóvel religioso. Assim, vemos que as ruas serão reguladas pelo novo alinhamento dado pelo presente projeto.

²¹ Livro do Tombo, nº 2, p. 79.

²² Decreto- lei, nº 124, data de 22 de junho de 1951.

²³ Idem.

Diante de tal concessão, a demolição do Mercado Municipal é decretada. Cônego Pedro Cintra registra no Livro do Tombo:

O presente decreto está muito mal redigido. Não traz [*sic*] os motivos do decreto e fala em “conceder” a quadra onde está situado o Mercado Municipal. Ora, a quadra onde está o Mercado pertence ao Patrimônio Paroquial e portanto, a Prefeitura não pôde [*sic*] conceder. Motivos urbanísticos da cidade, sim, motivaram o decreto-lei do Governo Municipal. Mas o presente decreto não tem igualmente o cunho de sinceridade, pois, as expressões do mesmo não determinam [conforme o documento manuscrito], mas deixam à disposição do pároco. Entretanto, verbalmente as Exmas. Autoridades do Governo Municipal, exigiram a construção no local designado pelo decreto.²⁴

O Mercado Municipal, espaço que reunia os produtos do município como verduras, legumes, leite, carnes produzidos por sítiantes e lavradores para serem comercializados é destruído. Logo após a demolição as ruas da praça central foram disponibilizadas aos domingos para a realização da feira.

No jogo das forças, a Igreja Católica possui prestígio e poder diante da sociedade. E diante desta conjuntura, o senhor Prefeito Antônio Megale (foi prefeito de 1951 a 1955) afirma ter afastado todos os “inconvenientes que poderiam prejudicar a execução da presente lei”. O ofício produzido pelo presidente da Câmara Municipal, Francisco Coutinho de Rezende, descreve:

Não encontrado a Câmara motivo para qualquer deliberação contrária a Lei nº124, que dispõe sobre a localização da Nova Matriz, da qual faz referência o ofício do Revmo. Cº Pedro Cintra, resolveu manter o seu ponto de vista primitivo, isentando por esta forma de qualquer responsabilidade o Revmo. Cº Pedro Cintra, Paroco e a V. Excia.

Consciente de haver dado uma solução ao caso, conforme o melindre do assunto, quero transmitir, por meio deste, os meus votos de estima e amizade, subscrevendo-me atenciosamente.

Cordiais saudações.

Ass: Francisco Coutinho de Rezende – Presidente

Ass: José de Moura – Secretário.²⁵

De antemão, observamos a busca em amenizar o conflito instaurado entre os principais líderes da cidade de Borda da Mata. Com o intuito de obter certa conciliação com o sacerdote, o presidente da Câmara redige o ofício, através do que afirma ter “dado uma solução ao caso”.

E com o início efetivo da construção do novo templo, os festejos em prol da construção se intensificaram. Continuando a leitura do Livro do Tombo, depara-se não somente com a festa realizada no dia 16 de julho, dia da padroeira, mas também em outras

²⁴ Livro do Tombo, nº2, 1951, pp.79b-80.

²⁵ Ofício transcrito no Livro do Tombo, nº2, p. 79.

datas significativas para os católicos, como São Sebastião, dia 20 de janeiro, já que ele é popularmente tido como o protetor do gado e das lavouras. A agropecuária sempre foi uma atividade presente no município de Borda da Mata. Outra data é de Nossa Senhora do Rosário, celebrada no mês de outubro e São José, no mês de março.

As festas são pontuadas cronologicamente durante o ano como forma estratégica de possibilitar a arrecadação de fundos para a construção. Conforme está registrado que no ano de 1952 a festa teve bons resultados.

“No dia 27 janeiro celebrou-se a festa de São Sebastião. Ótimo movimento religioso. O resultado material foi animador para o pároco que está construindo a nova matriz. Rendeu 95 mil cruzeiros Cr\$ 95.000,00.”²⁶ A satisfação se deve aos frutos da festa, tanto na participação religiosa, quanto no resultado material. O resultado não só do trabalho do líder religioso, mas sim de todo um grupo envolvido na neste objetivo de realização da festa, o que exige organização, planejamento e trabalho.

Austerlina Cobra, conhecida como Neguinha Cobra, professora aposentada de 65 anos, compartilha suas lembranças indicando que:

já tinha esta festa antigamente, já tinha esta festa [...]. Só sei que sempre a mamãe contava como era a festa. E depois o monsenhor começo esta festa, para construir a basílica²⁷, a igreja que hoje é basílica, né?²⁸.

Ao narrar acerca das festas, principalmente a da Padroeira, Austerlina Cobra que foi eleita Rainha do Centenário na festa de 1958 (assunto que será tratado com maior detalhes logo a frente) explana a existência da festa de Nossa Senhora do Carmo e remete a uma temporalidade distante ao utilizar o termo “antigamente”, quando sua mãe descrevia em suas conversas como eram as festas.

O artigo “Memórias... a construção” redigido por Ana Maria Cabral dos Santos, publicado na Folha Paroquial no ano IX, nº36, no mês de dezembro de 2005, constitui um instrumento de divulgação das atividades realizadas pela paróquia e descreve: “Foi lançada ‘Campanha da construção da Nova Matriz!’ Providenciamos projeto e planta com maquete e tudo. Ficamos encantados, não se falava em outra coisa... [...]. A base da construção era uma enorme cruz aos olhos das crianças da época”²⁹.

²⁶ Livro do Tombo, nº 2, 1952, p. 81.

²⁷ No ano de 2005, a Igreja Matriz foi elevada ao Título da Basílica Menor de Nossa Senhora do Carmo.

²⁸ Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

²⁹ SANTOS, Ana Maria Cabral dos. Memória... a construção. *Jornal Folha Paroquial*, Ano IX, nº 36, dezembro de 2005, p. 6.

Ao dizer que “não se falava em outra coisa”, Santos sugere que tal empreendimento trouxe uma nova dinâmica a cidade e ao município, movimentou e mobilizou pessoas que desencadearam iniciativas em prol desse projeto.

Analisando o Livro do Tombo, nº 1, encontram-se as recomendações que partem do Bispado de Pouso Alegre, datado aos 20 de fevereiro de 1913, o documento transcrito apresenta que:

Impondo-se a uniformidade de acção e considerando a urgência que ha em se promover, o quanto possível, a honra e o esplendor das festas religiosas neste bispado; considerando a importância que dellas resulta para o augmento da fé e piedade dos fieis que assistem a essas manifestações do culto divino; considerando quanto, ainda, de animação e encorajamento há nellas para perpetuar-se a tradição catholica nas parochias e conservarem-se no meio do povo o sã doutrina e os bellos costumes christãos.³⁰

Este fragmento transcrito refere-se a um dos objetivos de instituir nas paróquias da diocese de Pouso Alegre, na primeira década do século XX, uma associação intitulada “Guarda de Honra do Santíssimo”, responsável em promover as festividades religiosas, além de reforçar o culto divino; e também de fiscalizar e constituir o poder normatizador da Igreja. É com sentido pedagógico que se pauta o educar sustentado pela doutrina católica.

Para a Igreja Católica, as festas são mecanismos para divulgar e manter a “sã doutrina”. E para isso é necessário um órgão formado por leigos organizando e moldando as festas, dando a elas a devida missão de “perpetuar a tradição catholica”. Vemos as duas metas visíveis em se realizar uma festa. Uma consiste em angariar fundos para os motivos que forem pertinentes e a segunda divulgar os princípios morais e cristãos que regem a vida do católico, de acordo com as normas da Igreja Católica.

Grande parte da população seguiu a “voz do sacerdote”. Com isto, ajudar nestas festas ultrapassa os limites do cotidiano, e muitos colaboravam com a edificação do templo, mesmo com o mínimo colaboravam, como é apontado na narrativa de Bertolaccini:

Porque o povo era pobre, o povo dava galinha pro padre comprar, pra fazer leilão, compreendeu? Ou pra assar, chama gente pra assar, pra vender, leilão pra poder compra tijolo, compra isto, compra aquilo. Pra comprar areia, por que não, entendeu? Era coisa sacrificado, pra você vê o tanto de porco, leitão, frango, bezerro e... gado. Tinha festa todo o mês, tinha festa da igreja. E o povo ajudava, rapaz. O povo dava, ou dava quantia maior ou dava quantia menor. Quem tinha... quem era fazendeiro dava bezerro, quem era... tinha nego que leva franguinho assim [faz gestos com as mãos paralelas e abertas expressando algo pequeno] deste tamanhinho, levava pro padre: ‘Aqui seu padre, ó!’³¹

³⁰ Livro do Tombo, nº 1, 1913, p.28. Documento transcrito conforme a original.

³¹ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Portelli aponta que deve se ter um olhar para as narrativas orais, pois

a primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menor sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos conhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas (1997, p. 31).

Sob a ótica do pesquisador supracitado, notamos na fala de Bertolaccini que grande parte desejou contribuir devido ao fato de estar ajudando na construção da igreja matriz. Desta forma, formulando um significado pertinente para a contribuição, mesmo que tal fosse um “franguinho” que fora criado em seu terreiro, busca-se expressar a participação no ato de contribuir e a forma de afirmar que está ajudando nos festejos realizados.

Fora do calendário de festividades religiosas nos anos 50, algumas atividades foram feitas, durante os anos de 1951 até 1958, para colaborar na construção como se vê no fragmento do texto publicado no *Jornal Folha Paroquial* no ano de 2005, redigido por Ana Cabral dos Santos.

O povo bordamatense viveu dias [...] numa intensa criatividade para arrecadar os recursos necessários: houve leilões, de prendas, assados e gado. Uma equipe de jovens e adultos inventou de fazer sessões de teatro: ensaiaram e apresentaram diversas peças no Cine-Teatro São Pedro que ficava lotado [...]. Rifas de todo tipo foram feitos. Houve ainda, nos quatro cantos da cidade, a reza do Terço nas casas. Numa bandeja, aos pés da imagem de Nossa Senhora, colocava-se a contribuição, muitas moedas de centavos. Estes donativos eram contados logo após as orações. Todos ficavam sabendo quanto deu cada casa³².

As citações acima evidenciam a descrição da dinâmica que as festas proporcionaram à pequena cidade de Borda da Mata. Ao definir que a população “viveu numa intensa criatividade” para elaborar meios para se obter fundos para a construção, nota-se vivacidade por parte daqueles que queriam colaborar. Como consequência, fomentaram-se opções de lazer, como as peças teatrais realizadas por amadores.

Assim, Adélia Lopes da Silva, uma das idealizadoras da montagem das peças, afirma: “Em 1950 fui eleita presidenta das Filhas de Maria. Em 1952, cada bairro, família, associação, doava materiais para a construção da Igreja; vidraças, imagens, etc.... como já havia muitas rifas, leilões, shows, então resolvi montar uma peça, começando assim o teatro em Borda da Mata.”³³ Este trecho de uma entrevista, em que não informa o entrevistador,

³² SANTOS, Ana Maria Cabral dos. Memória... a construção. *Jornal Folha Paroquial*, Ano IX, nº 36, dezembro de 2005, p. 6.

³³ SILVA, Adélia Lopes da. Entrevista. In: MACHADO, Flávia (Org.). *Recuperando a História Local*. Dezembro de 2008. (Apostila que compila vários documentos fotocopiados). Acervo da Escola Municipal Benedita Braga Cobra.

elena as alternativas feitas por jovens em poder contribuir, possibilitando, uma forma a mais de entretenimento na cidade. Como nos dizeres do prospecto de divulgação da peça “O Hotel dos Amores”: “Divirtam-se ajudando a construção da Nova Matriz.”³⁴ E neste contexto buscar-se arrecadar fundos para a Igreja.

São mecanismos buscados diante de tantas opções já realizadas para a concretização de obter fundos. Com isto, a procura por lazer, se “enquadrou” com os projetos vigentes, sendo uma estratégia que mobiliza o oferecimento de cultura e entretenimento, por meio das peças realizadas.

É visível a utilização da oração para obter dinheiro. As reuniões motivadas pela reza do terço proporcionavam sociabilidade e uma maneira de manter o propósito de ajudar na construção do edifício religioso. Associa-se a devoção mariana como instrumento de reunião e pressuposto para reforçar a obtenção de donativos, mesmo que sejam em centavos.

Londoño em seus estudos aponta que “as devoções constituem um espaço de leigos [...] [e] afetividade para a experiência religiosa” (2000, p. 248). E com esta perspectiva, compreendemos que esta experiência, formada pelos leigos, constitui um ambiente de propagação dos princípios religiosos e, também, um contexto marcado pelo apelo de ajudar no projeto que estava envolvendo a pequena cidade em seu quatro cantos.

Conforme Ishimura,

A cidade não é apenas um cenário onde ocorrem os embates entre vizinhos e poder público. A cidade é personagem, espaço vivenciado através das experiências, pelas trocas e negociações que nelas circulam, é um produto em constante construção, resultado das próprias relações que ai se constituem. Portanto, vejo a cidade não apenas como um conjunto de ruas, avenidas e prédios, mas como lugar de práticas e valores humanos (2008, p. 18).

Assim, vemos a cidade como espaço que se modifica diante das experiências que nela são vivenciadas. Sobressaindo de materialidade física marcada pelo concreto, asfalto, prédio, casas, percebemos o espaço urbano permeado pelas vivências que nele se fazem presentes e que estas engendram a possibilidade de compreender como o lugar das práticas, e umas destas é a dinâmica promovida pela devoção a Nossa Senhora, juntamente impulsionada pela edificação do novo templo.

Portanto, é possível compreender quão significativo foram estas outras práticas diferentes das festas, as quais puderam proporcionar formas de sociabilizar, de encontrar, de propagar as devoções, ou mesmo de contribuir com donativos. O município inteiro, pois não

³⁴ SILVA, Adélia Lopes da. Entrevista. In: MACHADO, Flávia (Org.). *Recuperando a História Local*. Dezembro de 2008. (Apostila que compila vários documentos fotocopiados). Acervo da Escola Municipal Benedita Braga Cobra.

se podem restringir estas práticas somente ao espaço urbano, já que a zona rural também se integrava neste contexto dinâmico, pois vários elementos, como frangos, bezerras, leitões advinham do campo, ocorrendo uma integração entre estes dois espaços.

Cidade e campo, elementos socioespaciais opostos e complementares, constituem a centralidade e a periferia do poder na organização social. As cidades garantem a diversidade e a escala da vida social, bem como a competição e a cooperação, características da vida humana. Os campos, por sua vez, tão diversos entre si, garantem, também, diversidades dentro da sua homogeneidade extensiva e de suas escalas de produção, quando tomados de forma abrangente (MONTE-MÓR, 2006, p. 11).

Estabelece-se uma relação de troca, em que a cidade propaga a fé mariana, como apelo para construir o edifício e a zona rural subsidia os elementos necessários para a confecção dos produtos que são vendidos durante a festa. Um espaço fornece e o outro dinamiza e promove a sociabilidade com as contribuições dadas pelo primeiro espaço produtor. Firma-se, assim, uma rede de intercâmbio.

Notamos diante este panorama, uma maneira nova, até então, de ver e estar na cidade. A construção da nova igreja traz lembranças àqueles que vivenciaram trabalho, fé e expectativa.

Maria Ângela Costa, professora aposentada, durante muitos anos, colaborou com seus serviços na paróquia:

Quem... quem... construiu a igreja foram os espanhóis, Artigas e... que morava em Pouso Alegre. Já morreu, tem esposa e a filha dele, que mora lá e o filho, e Paco, um rapaz que era sobrinho dele e outros espanhóis que vieram juntos, porque estas esculturas todas foram feitas no lugar, é a Nossa Senhora lá, e inclusive, quando Artigas estava esculpindo a Nossa Senhora lá em cima na torre, ele caiu de lá. Caiu, foi aquela gritaria, mas... uns dos andaimes amparou ele.³⁵

A depoente se refere ao escultor e desenhista, espanhol, Celestino Roiz Artigas, que trabalhou em vários espaços da igreja matriz, tanto internos quanto externos, no momento da construção.

³⁵ Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



Imagem 04 - Esculturas confeccionadas pelo escultor espanhol Artigas, s/d.³⁶

Acima visualizamos o escultor Artigas em seu espaço de trabalho esculpindo as imagens que compõem o espaço interno e externo da igreja matriz. Aqui demonstra o andamento da obra e, também, a busca por reafirmação dos princípios religiosos que são traduzidos pelas esculturas dessas imagens.

Durante a realização de seus trabalhos, Artigas residiu em Borda da Mata. Na narrativa da senhora Maria Ângela é expressa a articulação presente-passado-presente, denotando a dinâmica que pauta a ação de recordar. É presente o ir e vir da memória, e assim, compreendemos:

a memória nem poderia mesmo ser exposta, tal um quadro, exposto após ser pintado. Por ser viva, manter-se em constante processo de construção, ao invés de ser revelada, exposta ou apresentada, ela é trabalhada em meio às conversas que se manteve com cada depoente. O processo de recordar é, portanto, uma ação e inclui uma multiplicidade de vivências (DOMINGUES, 2011, p. 26).

Imerso nesse processo de recordar, deparamo-nos com vários aspectos e dinâmicas, pois o ato de narrar não se constitui de forma linear, cronologicamente, ou seja, não segue uma ordem pré-estabelecida. O seu formular-se não se restringe a um foco, como uma flecha

³⁶ Folheto de divulgação da Basílica, 2013.

cujos finais são o alvo, não, as oscilações nos assuntos abordados, as comparações do presente com o passado, este com o presente são simplesmente permeadas por uma intensa vivacidade.

Artigas residiu com sua família em Pouso Alegre, cidade a 27 km de Borda da Mata e sua família continua naquela cidade, segundo a depoente. As imagens que compoem os ambientes interno e externo da igreja, foram construídas em Borda da Mata, o que atribui um valor afetivo a estes objetos.

Ver diante dos olhos a construção do novo templo agrega a este novo espaço um valor próprio, em que pessoas colaboraram de diversas formas:

No início da construção as crianças britavam pedra à mão com pequenas marretas e recebiam em dinheiro o fruto de seu trabalho. Pessoas ilustres hoje na sociedade, formadas em curso superior, britavam pedra para a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo e ainda se gabam disto.³⁷

Monsenhor Pedro Cintra, ao redigir este artigo para o *Jornal Folha Paroquial*, quis apresentar os aspectos benéficos da construção, e aponta os detalhes que sustentam um panorama regido por fieis, sempre dispostos a colaborar. O trecho acima elenca diversos sentidos para a ajuda das crianças estarem trabalhando no processo de britagem, que consiste em bater com marretas os blocos de pedras para que assim se tornem pedaços menores para fazerem parte do concreto utilizado na construção. Constrói um cenário marcado pelo contraponto, quando crianças britavam e, na atualidade são “pessoas ilustres da sociedade”, que se gabam. Percebemos que as atitudes de colaborar com a construção não se limitam ao fato de serem simplesmente bons cristãos ou fieis, mas ao uso das memórias que propiciem status e distinção social.

Neste mesmo artigo é apresentada, pelo padre responsável, a seguinte perspectiva: “Um fato a anotar: durante todo o tempo da construção. No tempo do verão chovia durante a noite. Durante o dia o tempo sempre permitiu o trabalho. Os operários jamais perderam uma hora de serviço por motivo de chuva.”³⁸

Ressalta tal consideração como “um fato a anotar”, ou seja, atribui ao trabalho realizado uma dimensão religiosa, pelo fato de que a construção “não foi interrompida um dia sequer por motivo de chuva.” Porém, não apresenta as condições destes operários. Quem são? São pessoas ilustres na sociedade atualmente? Estabelece a prerrogativa de que não se poderia perder tempo, mesmo em condições insalubres, como a chuva. Aqui vemos o enaltecimento daqueles que hoje são consideradas ilustres, enquanto os operários, sujeitos

³⁷ CINTRA, Pedro. *Jornal Folha Paroquial*, Julho de 2000, p. 03.

³⁸ Idem.

sociais que colaboram com a força física, com o suor, não poderiam perder “uma hora de serviço”. Formula-se um pressuposto de pressão para a conclusão desta atividade que engendrava grandes gastos.

O trabalho envolveu toda a população no município em Borda da Mata, Claret Freitas relembra sua atuação frente ao apelo do sacerdote referente ao telhado do templo.

Quando foi para cobrir a igreja, as telhas, o padre, o monsenhor anunciou: “quem vai cobrir a igreja são as crianças, é trabalho das crianças”. E fomos nós, na época, crianças saímos vendendo rifa, saímos pedindo dinheiro nas portas, fizemos quermessinha, que tinha a quermesse dos grandes, fizemos a quermessinha nossa. E conseguimos cobrir a igreja, foi dinheiro das crianças, foi trabalho de criança. Eu mesmo junto com outra menina aí, hoje é senhora, fizemos uma rifa de um chapéu. Naquele tempo os homens usavam chapéu, um chapéu bonito, ramazzone, a marca do chapéu. Fizemos a rifa do chapéu, angariamos um bom dinheiro, então a cobertura da igreja foi feito com o trabalho das crianças³⁹.

A narradora, através de suas lembranças, remete-se a um momento específico na construção da igreja matriz, quando as crianças foram convocadas pelo padre a se responsabilizarem pelas contribuições para a etapa do telhado. Várias maneiras de angariar dinheiro foram postas em prática pelas crianças. A criança passa a ter uma função dentro do projeto da construção e ocupa o espaço da cidade de forma diferente, não somente como uma expectadora das atividades realizadas pelos adultos, mas como participante ativa deste processo, comungando deste objetivo que grande parte do município assumiu.

A prática instaurada busca trazer as crianças mais próximas dos princípios cristãos, inculcando o status de protagonista neste processo de construção. Como narra Claret Freitas, as crianças organizaram as suas “quermessinhas”, ou seja, a constituição de um espaço festivo que os valorize. Diante desta experiência, o olhar para igreja tornou-se diferente, pois puderam ajudar de forma concreta.

Foram 7 anos dedicados à construção da igreja matriz, como aponta João Bertolaccini que “deu um apoio fantástico, muito grande, muito grande. E... ficou muito satisfeito. Tanto é que em oito anos fez a Igreja”⁴⁰. E neste período de construção a população católica deu apoio participando das festas, quermesses, com doações para a execução do projeto eclesialístico.

No ano de 1958 foi sagrada a Igreja Matriz, abençoada pelo bispo Dom João Rezende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte e natural de Borda da Mata. O artigo “A Paróquia

³⁹ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁴⁰ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

celebra 40 anos da inauguração da Igreja Matriz” redigido pelo Monsenhor Pedro Cintra, no ano de 1998, celebrava os 40 anos da inauguração do templo religioso.

Dia 16 de Julho do corrente ano ocorre o 40º aniversário da inauguração da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Foi acontecimento inesquecível. As pessoas de até 40 anos de idade não viveram este acontecimento. Foi uma festa grandiosa, da qual a nossa mocidade tomará conhecimento por esta Folha Paroquial.⁴¹

Tal data é apresentada como um “acontecimento inesquecível”, isto se deve ao fato de o trabalho dispensado a tão esperada concretização da construção do edifício. E, naquele ano, 1958, também foi celebrado o centenário da elevação da paróquia. Neste contexto festivo, celebra-se o passado, o centenário da paróquia, e o presente, na inauguração da nova igreja, como um novo lugar das práticas religiosas reconhecidas pela Igreja Católica, ao se realizar o ato público de benção do espaço.

Aqui apoiamos em Willians ao descrever o conceito de tradição, constituindo como “uma versão que é trazida intencionalmente, seletivamente de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural” (1979, p. 118). Pode-se então compreender o uso desta versão que é trazida junto ao momento festivos da inauguração, que é o centenário da paróquia. Conforme os registros do Livro do Tombo: “Dia 7 de Julho teve inicio a novena de Nossa Senhora do Carmo para a grande festa de encerramento do Centenário da Paróquia ocorrida no dia 8 de junho”.⁴²

A celebração da inauguração da nova matriz, não se funda somente numa questão prospectiva, mas, da mesma maneira, atem o olhar ao passado. Configura uma celebração ponderada pela reafirmação do passado e legitimação do presente. A Igreja Católica por meio de seus líderes em Borda da Mata produz a memória dos fatos, a partir de sua própria perspectiva político-religiosa, conduz ao evidenciamento de sua atuação na sociedade, coletando datas simbólicas no histórico eclesiástico nesta cidade, para remarcar sua inserção e reafirmação neste local,

tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1996, p.426).

⁴¹ CINTRA, Pedro. A Paróquia celebra 40 anos de Inauguração da Igreja Matriz. *Jornal Folha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 03.

⁴² Livro do Tombo, nº 2, 1958, p. 99-b.

A Igreja Católica como um organismo presente de forma explícita na sociedade quer regê-la conforme seus princípios e códigos normativos, impondo sua doutrina por diferentes meios, como o que celebrar, ou não, nesta data significativa para os católicos bordamatenses.

E, também, reveste de uma áurea benevolente, a Folha Paroquial ao possibilitar “à mocidade”, que não vivenciou a festa de 1958, conhecê-la, porém sabemos que este conhecimento é trilhado pela ótica eclesiástica.

A festa de Nossa Senhora do Carmo se organizou com grande participação, no ano de 1958. “Borda da Mata recebeu nesses dias a visita de quase todos os seus filhos residentes em outras localidades. Grande multidão na cidade”⁴³. Este constituiu um momento de celebração e encontro, como descreve Jurkevics, a festa é “um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções” (2005, p. 74).

Entendemos que festejar é um irromper com o cotidiano marcado pelo trabalho, obrigações, horários, etc., mas, vemos como no caso aqui, por tratar-se de uma festa religiosa, as atividades percorrem momentos de devoção, contrição e reflexão. E no ato da inauguração, este apelo foi evidenciado de forma concreta.

Com grande expectativa ocorreu o ritual de sagração do templo tão almejado.



Imagem 05 - O ritual da sagração da nova Igreja Matriz, 1958⁴⁴

A imagem apresenta uma parte do ritual de sagração da igreja matriz em Borda da Mata, o bispo sagrante localizado no centro da igreja, mostra a centralidade do poder

⁴³ Livro do Tombo, nº 2, 1958, p. 100.

⁴⁴ Fotografia pertencente ao acervo pessoal de Austerlina Cobra.

eclesiástico. Os fieis são meros espectadores, acompanham o rito de maneira afastada. Neste período, a língua utilizada nas práticas religiosas era o latim, ou seja, o sacerdote detinha o domínio desta linguagem. Também, é perceptível a pompa presente nas indumentárias dos sacerdotes, o que estabelece um contexto de que a Igreja quer evidenciar sua presença, ela é o centro e ela se mostra em todo o seu esplendor sinalizando a importância do ato que está a celebrar.

De acordo como Mauad, a fotografia “é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica” (1996, p. 75). Assim, atemos às fontes imagéticas como um suporte das experiências registradas que possibilitam conhecer vivências de outras temporalidades. É por meio deste registro que materializa um acontecimento, que entendemos que aquele momento focado traz em si vários sentidos, que devem ser lidos com criticidade, por fornecer inúmeros elementos que colaboram na construção do olhar historiográfico.

Remontando à data da inauguração da nova matriz, 16 de julho de 1958, Monsenhor Pedro Cintra relata:

O dia de Nossa Senhora do Carmo foi vivido em alegre festividade, desde as primeiras horas do dia até altas horas da noite. O povo vibrava! As missas eram celebradas com muita concorrência. Inúmeros sacerdotes da diocese compareceram [...]. Durante o dia, uma surpresa! Um caminhão, em sua carroceria trazendo belíssima maquete do novo templo, percorria as ruas da cidade, recebendo aplausos da população. A maquete era obra da arte confeccionada pelo jovem Humberto Silveira Neto, de saudosa memória.⁴⁵

Diferente do ocorrido no interior da nova igreja, em que a população se consolidou com expectadores, no dia tão aguardado, 16 de julho, esta mesma população pode vibrar. Configurou-se um dia atípico, marcado pela alegria de celebrar a santa padroeira com um espaço novo para as celebrações. No fragmento acima é notada a presença de “inúmeros sacerdotes da diocese”, entrelaçando desta maneira uma rede de relações entre este grupo específico. As oportunidades de se reunirem neste período são esporádicas, assim puderam estabelecer um espaço de encontro e trocas de informações ligadas a suas conjecturas.

Todo este regozijo é devido ao novo templo da cidade, com seu estilo lombardo-romano, com imagens e pinturas produzidas pelo espanhol Celestino Artigas. E como forma de materializar esta alegria, uma maquete da igreja percorria o espaço urbano demonstrando o simbolismo deste espaço para os fieis nesta cidade.

⁴⁵ CINTRA, Pedro. A Paróquia celebra 40 anos de Inauguração da Igreja Matriz. *Jornal Folha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 03.



Imagem 06 - A maquete da nova igreja matriz que percorreu as ruas da cidade de Borda da Mata no dia da inauguração, 16 de julho de 1951.⁴⁶

Ao redor da maquete estão as crianças. Elas integram as práticas festivas do ano de 1958.

A fotografia da maquete pertence à Austerlina Cobra e faz parte de um álbum de fotografias da festa de Nossa Senhora do Carmo do ano de 1958, quando foram comemorados os cem anos da fundação da paróquia e também a inauguração da igreja matriz, que foi representada na maquete que percorreu as ruas da cidade de Borda da Mata durante a festa.

A presença do fotógrafo configura um dia diferente e especial, o qual é expresso nos olhos de curiosidade das crianças que parecem posar para a lente do fotógrafo. Olga Brites em seus estudos discute que a criança

aparece nas ruas da cidade, só ou acompanhada por adultos; em muitas situações está olhando curiosamente para o artefato numa demonstração do desejo de aparecer na foto: a criança, portanto, não é flagrada pelo fotógrafo e sim ela que flagra a sua lente. Sua curiosidade revela a novidade (2006, p. 196).

⁴⁶ Fotografia pertencente ao acervo pessoal de Austerlina Cobra.

Claret Freitas descreve a confecção da maquete e sua significação:

Eu ajudei fazer, mas quem construiu esta maquete foi um grande amigo meu, Humberto Silveira, só que ele já faleceu [...]. Ele arrumou caixa de papel, caixa de papelão e foi com material assim, não foi ninguém que doou material, não. Ele juntava na casa com a turminha dele e foi montando, porque ele era muito inteligente. Ele montou aquela maquete linda [...]. foi ele quem fez e a gente ia junto, ia lá ver como ele tava fazendo: “Ah se lembra que tem isto, também, tem aquilo, também” e porque era da mesma geração. E acompanhei a construção da maquete e fiquei muito feliz quando a maquete saiu na procissão. Foi uma surpresa pra todo mundo⁴⁷.

Ao presenciar e contribuir com a elaboração da maquete, Claret apresenta o processo desta empreitada organizada pelo seu amigo, Humberto Silveira, que faleceu jovem. Sua narrativa refere-se a uma ação coletiva, que uniu os seus amigos, outros jovens.

Experiências, valores, sentimentos entrelaçam com o recordar no ato da entrevista. Claret Freitas apresenta este episódio com satisfação pela surpresa promovida àqueles que vivenciaram o dia 16 de julho no ano de 1958.

Para Pedro Cintra, outro destaque para este dia festivo foi a coroação da imagem da padroeira.

No final da cerimônia religiosa houve a coroação da imagem da padroeira pela rainha do centenário, D. Austerlina Cobra. Acompanhada pelas suas companheiras de concurso, senhoritas Mercedes Santas de Souza, Izaura Mariano, de saudosa memória, Maria do Carmo Melo, Ana Maria Megale e Maria Ângela Carvalhais. A coroação aconteceu na praça do novo templo, em tablado adrede preparado, com 10 metros de altura. Foi vibrante e comovente. A orientação das princesas e coroação coube à senhorita D. Zuzú Dantas Ribeiro. A renda do concurso foi compensadora e suficiente para pagar as dívidas e terminar os últimos retoques na construção.⁴⁸

Para melhor visualizar este momento, confrontamos o fragmento acima com a narrativa da senhora Austerlina Cobra, que foi vencedora do concurso e tida como “Rainha do Centenário”:

Surgiu o concurso da rainha do centenário, porque era época do centenário da paróquia [...]. financeiro. Tinha que trabalhar e arrecada. Quem arrecadasse maior quantidade, ganhava. Eu arrecadei oitocentos e centos e vinte, fala certo, eu esqueci, acho que mil reis, entendeu? Mil cruzeiros e mil reis. Não me lembro muito, muito não, mais acho que era. Depois, foi a Manja, a Mariangela Carvalhaes que arrecadou quatrocentos. Depois a... Maria do Carmo que arrecadou trezentos, parece que a Mercedes também trezentos. E depois, a Isaura com Mercedes qual... com a Maria do Carmo Melo... Ana Maria Megale, Ana Maria Megale que deu menos. E... ganhava dinheiro, angariava e tinha muitos padrinhos na roça, sabe? Então os senhores da roça arrecadava, tinha no Cervo, o senhor Pedrinho Cobra

⁴⁷ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁴⁸ CINTRA, Pedro. A Paróquia celebra 40 anos de Inauguração da Igreja Matriz. *Jornal Folha Paroquial*, Ano II, nº3, Junho/1998, p. 03.

arrecadava dinheiro pra mim. Tinha o senhor Antonio Bento, pai do Paulo Bento, lá na Cachoeira, arrecadou pra mim. Então cada lugar, tinha um fazendo seu trabalho.⁴⁹

Apesar de todas as atividades realizadas para angariar fundos, como quermesses, rifas, leilões, peças de teatro, o sacerdote responsável decide organizar o concurso da “Rainha do Centenário” que, conforme a fala de Austerlina, o objetivo desse concurso era puramente financeiro, “quem arrecadasse maior quantidade, ganhava”. Formula-se uma competição na busca de status e evidenciamento social.

Elas trabalharam, era uma guerra, era uma guerra de vender votos, comprar votos, fazer campanha pra arrumar dinheiro [...]. Foram oito meses [...] começo isto daí foi acirrado mesmo, elas tinham os padrinhos delas, cada uma tinha seu padrinhos e foi uma loucura, foi uma loucura, principalmente a briga entre a filha do Raul Cobra, que era milionário, era político mandão e a outra do lado era do banco. E no final das contas a Nequinha ganhou mesmo e a do banco ficou lá não sei que lugar.⁵⁰

Nesse espaço é organizada a disputa em angariar dinheiro para a construção, mas isto almejando a conquista deste título, que diante da população bordamatense, possibilitou a acirrada “guerra”. Qual pai não desejava ver a filha receber o título de Rainha do Centenário e poder coroar a imagem da padroeira no dia de festa mais aguardada? Vencer o concurso era sinal de prestígio e de apadrinhamentos, expressava relações de poder.

Muitas formas de angariar dinheiro foram colocadas em prática pelas concorrentes neste período de busca pelo título, umas delas foi a venda das flâmulas, que foram produzidas como símbolos comemorativos deste contexto festivo que pairava sobre o município de Borda da Mata.

⁴⁹ Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁵⁰ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



Imagem 07 - Flâmula comemorativa: Inauguração da Igreja Matriz⁵¹



Imagem 08 - Flâmula comemorativa: Lembrança do Centenário da paróquia⁵²

Austerlina Cobra conta que para levantar fundos, que possibilitaram ganhar o concurso foi necessário trabalhar muito, nisto organizava-se com a família para a venda da “flâmula do monsenhor, da igreja, vendia, saia o Harley, eu e minhas irmãs, Raulina e Neguinha, minha prima, que mora lá em casa, nós saíamos pra vender nas cidades vizinhas,

⁵¹ Pertencente ao acervo pessoal de Claret Freitas.

⁵² Pertencente ao acervo pessoal de Claret Freitas.

Poços de Caldas, Ipuiuna. Estas cidadezinhas vizinhas aí, saímos pra vender flâmula”.⁵³ Juntamente com a sua família, Austerlina Cobra organizou uma estratégia de angariar mais fundos com a venda destas lembranças referentes às festividades de 1958. A ida às cidades vizinhas possibilitava acesso a outro público, que não estava saturado de ajudar na construção da igreja. A construção da nova sede religiosa em Borda da Mata e o centenário da paróquia traziam em si elementos que apontam um povo de fé, devoção, e isto foi usado de maneira materializada nestas flâmulas feitas para a venda e busca de captar mais dinheiro.

O concurso estimulava a “saudável” concorrência entre as candidatas ao título, o que resultou no empenho de angariar votos. Por outro lado, quem comprava votos, mostrava a preferência pela candidata, mas havia, também, a possibilidade de ter uma flâmula comemorativa como lembrança, o que configurava aquele momento como único.

Nota-se, também, de acordo com a fala de Austerlina, que a família almejava e colaborava nesta empreitada dita religiosa, mas que em contrapartida atribui status diante da população bordamatense. E assim, cada moça concorrente utilizou de meios para ser “agraciada pelos céus” com o título de “Rainha do Centenário”.

Nisto, as seis moças da sociedade bordamatense participaram em busca de “comprar” este título. A moça que conquistou o concurso, foi Austerlina Cobra, que angariou o valor de Cr\$ 800.020,50⁵⁴. Este valor foi alcançado com a estruturação de uma rede de trabalho, como afirmam Austerlina Cobra e Claret Freitas e por meio da ajuda dos padrinhos. Em busca de ter um alcance maior, a família de Austerlina se organizou com os seus conhecidos espalhados pelo município, cada bairro da zona rural tinha um representante, denominado padrinho, para angariar fundos. O uso do termo padrinho remete a uma situação em que a candidata a rainha coloca-se sob a proteção de parentes e amigos empenhados em sua vitória. Muitas vezes o padrinho é alguém poderoso e rico com influência bastante para influir decisivamente no resultado final do pleito.

A Igreja Católica busca várias formas de apresentar-se e reafirmar-se diante da sociedade bordamatense. Além de construir o seu novo templo, envolvendo grande parte da comunidade católica com altos gastos, promove uma dinâmica para legitimar a sua presença e atuação. As suas orientações não se restringem apenas aos espaços limitados pela estrutura física do novo templo, a Igreja faz questão de que seus princípios e doutrinas sejam divulgados e absolvidos pelos seus adeptos.

⁵³ Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁵⁴ *Jornal Nosso Jornal*, nº 60, Ano III, 16 de julho de 1958, p. 03.



Imagem 09 - A coroação da imagem de Nossa Senhora do Carmo no dia 16 de julho de 1958.⁵⁵

A realização das festas direcionadas a Nossa Senhora tem o seguinte intuito, pois

ao celebrar festas e participar de romarias, seja em honra a Nossa Senhora ou de algum santo ou santa, o povo católico deseja lembrar a Deus e a salvação operada por ele. Nossa Senhora e os santos se tornam os mediadores, eles são estímulo e ânimo, ao mostrarem às pessoas simples que é possível ter fé e viver de acordo como Evangelho (HACKMANN, 2006, p. 881).

Esta dimensão trilhada na proteção e mediação é vista na fotografia acima em que, abaixo da imagem de Nossa Senhora do Carmo, está o brasão da cidade de Borda da Mata, subentendendo que a cidade está sob a proteção materna da padroeira. É notória a letra “M” centralizada no brasão que corresponde a Maria.

O impresso distribuído no dia 16 de julho denominado “Lembrança da Sagração da Matriz de Nossa senhora do Carmo e do 1º Centenário da Paróquia” traz o hino a Nossa Senhora do Carmo, de autoria de Monsenhor Tibúrcio, vigário paroquial na época, e canta: “Virgem do Carmo, ó Senhora da Graça, se a terra inteira Vos louva e vos ama, Borda da

⁵⁵ Fotografia pertencente ao acervo pessoal de Austerlina Cobra.

Mata, feliz, voz proclama: ‘Sua Rainha Bendita e sem jaça’.⁵⁶ A coroação da imagem da padroeira como o ato mais aguardado pelos católicos naquele dia traz em si a submissão e respeito aos princípios da Igreja, que utiliza da imagem de Maria como forma de atrativo, por ter esta mística ligada à mãe, que protege e vela a cidade. Um ato transformado em espetáculo para reafirmar a dinâmica da instituição católica na cidade sul mineira.

Maria Ângela relembra esta data:

Na época da ... inauguração da igreja, não sei, só sei que a coroação era do lado de fora da igreja. Fazia ali um tablado, as vezes punha uma passarela no meio do jardim, chega lá até ... apagava toda a luz da cidade e Borda, sabe? Um tocando, aquele toque do silêncio lá no alto da igreja e ali ao redor não tinha jeito de tanta gente que tinha. Tinha gente que chorava, emocionava, era muito bonito.⁵⁷

Vemos que tal prática dedicada à santa padroeira era algo preparado, pois se montava um tablado para essa ação. Promovia-se um ambiente de oração e reverência à devoção mariana. Era por meio destes mecanismos que a Igreja Católica proporcionava uma relação de dependência religiosa, definindo a santa como a rainha que protege e abençoa, reafirmando uma figura que devia ser imitada e respeitada, devido suas virtudes e ações promulgadas pelo catolicismo, como virgindade, pureza, obediência, servidão.

A construção da nova matriz trouxe à cidade de Borda da Mata um novo espaço para o culto à padroeira do município, mas com isto foi considerada necessária a demolição da antiga igreja matriz. Assim, foi disponibilizado um novo espaço no centro da cidade, que é a praça Nossa Senhora do Carmo.

⁵⁶ Lembrança impressa e distribuída no dia 16 de julho de 1958.

⁵⁷ Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



Imagem 10 – *Um novo espaço festivo*⁵⁸.

No dia da inauguração da igreja matriz, a nova praça se consolidou como um novo espaço festivo. Como vemos no registro iconográfico, o lugar foi todo preparado para o momento da celebração da coroação festiva. O novo espaço possibilita novos usos na cidade. Antes o espaço era preenchido pelo antigo templo, a partir de então, torna-se um território de encontro entre amigos, do brincar das crianças, desta maneira formulando novos significados para experiências no ambiente urbano.

Assim, a construção de um novo templo possibilitou uma nova forma de fazer a festa da padroeira, e diante deste projeto o festejar agregou novos significados e práticas dentro do município de Borda da Mata. Nota-se, desta maneira, o envolvimento de grande parte dos bordamatenses neste projeto de construção culminando na festa do ano de 1958, que é tido como referência para aqueles que vivenciaram os valores, experiências, sentimentos que permearam este momento festivo.

⁵⁸ Fotografia pertencente a sra. Austerlina Cobra. 16 de julho de 1958.

CAPÍTULO II – “E A GENTE FICAVA LOUCO PRA SABER QUEM ERA O FESTEIRO”⁵⁹

Este capítulo tem como objetivo apresentar a parte religiosa do festejo de 16 de Julho em Borda da Mata. Algumas práticas presentes na festa serão abordadas devido aos múltiplos significados a elas atribuídas pelos participantes. As narrativas orais possibilitarão conhecer essas práticas que permeiam e compõem os dias de festas e, também, alguns sujeitos que fazem parte deste contexto.

Celebrar Nossa Senhora do Carmo remonta aos primórdios da história de Borda da Mata. Estabelecer um padroeiro para um povoado configura-se uma referência religiosa, que tange à proteção divina. E, também, a celebração do dia deste santo, como aqui 16 de julho, proporciona um dia permeado por diferentes significados e práticas.

A festa constitui um dos momentos mais importantes para o município, reunindo um grande número de homens, mulheres e crianças e, da mesma forma, os “filhos da terra” que moram em outras localidades retornam à cidade natal para reencontrar parentes e amigos. Os dias da festa são marcados pela fé, lazer e sociabilidade.

Em Borda da Mata, 16 de julho se reafirma com um dia festivo, em que se celebra a padroeira, Nossa Senhora do Carmo, com o festejo organizado pela Igreja Católica. Ao longo dos anos foram se incorporando outros elementos, à comemoração da cidade no dia da padroeira, moldando uma data repleta de significados e sentidos, denominada como “Festa da Borda”⁶⁰.

Aqui será apontada a (re)significação dada à festa ao longo dos tempos, nisto é pertinente pensar sua agenda, programação e atores que integram sua realização.

A festa, na sua parte religiosa, é constituída por diferentes práticas, que são a novena, a imposição do escapulário, a procissão, a coroação da imagem da padroeira e a quermesse, organizadas pelo padre e leigos que frequentam a paróquia Nossa Senhora do Carmo.

A divulgação do festejo ocorre através de cartazes, que contem informações referentes à festa como o cronograma e programação das atividades.

⁵⁹ Senhora Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁶⁰Idem.

Estas Jubilares

1858 ————— 1958

do Centenário da Paróquia de Borda da Mata e INAUGURAÇÃO da Nova Matriz de N.ª Senhora do Carmo

As festividades terão início no dia 8 de junho, data oficial da ereção da Paróquia de N. S. do Carmo de Borda da Mata. Prolongar-se-ão até o dia 16 de julho, dia da Padroeira. Por este programa vimos convidar a todos os filhos e amigos de Borda da Mata, presentes e ausentes, a tomarem parte ativa nestas festividades

VISITA PASTORAL

DIA 8 DE JUNHO - Corpus Christi

6.30 e 8 hs. — Missas e Comunhões.
 10.00 hs. — Solene Missa Cantada do SS Sacramento
 14.00 hs. — Procissão Eucarística.

10.00 hs. — Abertura da Visita Pastoral — Retorno ao Exmo. Sr. Bispo Coadjutor, Sede Plena, D. Oscar de Oliveira, à porta da igreja matriz. Fará a sua façanha oficial em nome da Paróquia o Exmo. Sr. Dr. Luiz Renault Apóstolos M.M. juiz de Direito da Comarca.

DIAS 6 e 7 -

7 hs. — Missa celebrada pelo Exmo. Sr. Bispo.
 14 hs. — Administração do Santo Crisma.
 19 hs. — Reunião solene com pregação Pastoral.



DIAS 11 E 12 JUNHO

Data Centenária da Ereção da Paróquia

5 hs. — Alvorada de sinos e fogos.
 6.30 e 8 hs. — Missas e Comunhões.
 10 hs. — Solene Missa Pontifical pelo Exmo. Sr. Bispo Coadjutor.
 14 hs. — Desfile dos alunos do Colégio N.ª S. do Carmo e do Grupo Escolar "Comendador José Lourenço".
 19 hs. — Solene Te Deum de Ação de Graças pelo Centenário da Paróquia, presidido pelo Exmo. Sr. Bispo Coadjutor — Orçamento comemorativo pelo Exmo. Sr. Cônego Luiz Gonzaga Ribeiro, filho de Borda da Mata.

Em seguida ao Te Deum: **SOLENE SESSÃO HISTÓRICA**

No recinto da Matriz, presidida pelo Exmo. Sr. Bispo Coadjutor, após encenação com caráter histórico, realizada em 1858, de arrolamento dos nomes e paróquia, seguida de sessão solene em nome do Papa Inocêncio Terceiro — Celebração Histórica.

Dr. Carlos Ferreira Brandão, D.º Promotor do Juízo da Comarca — Secretário do Exmo. Padre D. Paulo Pio XII, e D.º Cônego Cláudio de Almeida e D.º Cônego de Oliveira. Secretariado — D.º Cônego de Almeida.

Dia 18 de Junho — Homenagem às Candidatas à Rainha do Centenário

A's 20 horas — No salão Paroquial, sessão magna em que o povo de Borda da Mata, prestará às distintas senhoritas: ANA MARIA MEGALE, AUSTERINA COBRA, ISaura COUINHO, MERCEDES DANTAS, MARIA DO CARMO MELO, MARIA ANGELA CARVALHAES, justíssima homenagem pela grande batalha que empreenderam para terminar a Nova Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Orador oficial desta solenidade: Dr. José Luiz Brandão Filho.

Tríduo de Formação Paroquial

DIAS 4, 5 E 6 DE JULHO — Este tríduo que será realizado em forma de sessões solenes, será dirigido pelo apaixonado orador sacro, Mons. José Nardim, D.D. Titular de S. Maria-Minor, Diocese de Cagliari, Most. Nardim desenvolverá com suas palavras penetrantes e vivas o tema bíblico: A Paróquia família de Deus. Serão ainda funcionadas outras festas. O Pai-pai e Ação Social da Igreja e o Sacramentos pelas doutrinas de Alberto Piore, Nardim de Melo, e Sebastião Pedro Guilherme.

NOVENA DE N. S. DO CARMO

Dia 7 — Alvorada de sinos e fogos.
 7 horas — Missa comemorativa pelo Côro e Pio X.
 10 horas — Dia da Virgem. (Se depois das 10 horas não houver celebração de missa, o programa de missa e oração será realizado no salão paroquial, às 12 e 19 horas.)



Sagração da Nova Matriz

Dia 14 e 15 de Julho — São estes dois dias consagrados respectivamente à Sagração Litúrgica da Nova Matriz. Especialmente consagrada, digno-se aceitar a sagração para a Nova Matriz, o Exmo. e Revmo. Sr. João de Deus Costa, D.D. Arcebispo Coadjuutor "Sede Plena" de Belo Horizonte, que à volta da Paróquia e para dos seus filhos, o povo de Borda da Mata. Foi o Sr. Arcebispo, representado a Igreja Matriz de sua terra natal. Além da grande importância litúrgica, a sagração de uma igreja consagra para a Paróquia uma grande bênção litúrgica, e também à igreja através das palavras sagradas. A celebração da sagração da Nova Matriz, com especial ênfase de dia 14, será dividida em duas etapas, celebradas em sessões solenes.

Dia 14 de julho — As 19 hs. primeira etapa em a sagração do altar, realizada.

Dia 15 de julho — As 8 hs. segunda etapa de sagração, que será encerrada com a Missa com sinos solenes

AS 21 HORAS — FOGOS DE ARTIFÍCIO

DIA 16 DE JULHO

DIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO E ENCERRAMENTO DAS FESTAS JUBILARES

As 5 horas — Grandiosa alvorada com músicas, jogos e repicar de sinos. Na parte da manhã, Missas e Comunhões.

A's 9 horas — Recepção das diversas caravanas dos bairros da Paróquia.

A's 10 horas — Solene Missa Cantada com assistência do Exmo. Sr. Arcebispo de Belo Horizonte. Será celebrante o Exmo. e Revmo. Sr. Mons. Pedro do Vale Monteiro, filho de Borda da Mata que, pela primeira vez, cantará missa em sua terra natal. Orador Sacro: Mons. José Nardim.

A's 15 horas — Inauguração da placa comemorativa do Centenário da Paróquia — Orador: Padre. Gervásio Cunha.

A's 17.30 horas — Soleníssima Precização da Padroeira. Sermão de encerramento por S. Excia. Revmo. Dom João Bezerra Costa. Em seguida, canonização de Nossa Senhora do Carmo pela Rainha do Centenário.

LEMA DAS FESTAS JUBILARES:

FIDE ET VIRTUTE FLOREO - FLORESCO NA FE E NA VIRTUDE

Inspirado no Evangelho de Mateus, prof. 23.33 — Paulo, Filipenses — 4.13

ENCERRARÁ OS FESTEJOS CENTENARES UM GRANDIOSO ESPETÁCULO PIROTÉCNICO COM MARAVILHOSOS FOGOS DE ARTIFÍCIO.

As cerimônias litúrgicas serão abençoadas pelo Côro Paroquial, dirigido pelas senhoritas Zizinha Azevedo e Maria Dalva Bertolaccini.

Alegrem-se todas as festividades a corporação musical de Toccos do Magi

DURANTE A NOVENA DO CARMO FUNCIONARÁ A QUEREMESSE.

Cônego Pedro Cunha-Faróco — Padre Antônio Tiburcio-Vigário Cooperador

Imagem 11— Cartaz da festa do ano de 1958. Acervo pessoal de Claret Freitas.

O cartaz é referente às festas que se estenderam por mais de um mês na cidade, no ano de 1958. Como em 1958 ocorreu a celebração dos 100 anos da fundação da Paróquia e, também, a inauguração da Igreja Matriz, construída em 7 anos, as festas configuraram um marco na memória dos bordamatenses que vivenciaram este momento.

O presente cartaz convoca a “participação ativa” dos bordamatenses “presentes e ausentes”. Claret Freitas rememora estes dias festivos:

Essa festa foi linda, porque foi mais de uma semana de festa, né? Que por coincidência do Arcebispo de Belo Horizonte é filho de Borda da Mata, e ele veio sagrar a igreja. O nome dele é Dom João Rezende Costa, ele veio sagrar a igreja, foi uma... né? Uma coincidência muito bonita e, então, esta festa durou vários dias, não tinha muito espaço, então os convidados almoçavam no colégio, almoçavam na casa das pessoas, não tinha espaço, não tinha hotel, a altura, mas o colégio ajudou muito e para dar almoço e a... aí o coral muito bonito, tinha um coral, tem até hoje, mas um coral muito bonito que era dirigido pela dona Dalva e cantando na época da festa, animando toda a festa.⁶¹

Em sua fala, a dimensão dos festejos extrapolou o limite proposto pelos nove dias da novena, mais o dia da festa. No ano de 1958, a festa durou mais de um mês. A igreja nova estava sendo inaugurada, no aniversário de cem anos de fundação da paróquia, alguns motivos que reforçam a constituição da festa, como “linda”.

Outro ponto apontado por Claret é a figura do arcebispo sagrante da igreja, Dom João Rezende Costa, que é bordamatense. Consistiu em um aparato significativo, por se tratar de um filho da terra, que exerceu um cargo eclesiástico de distinção, como arcebispo da cidade de Belo Horizonte.

Como o convite e significado deste momento, a concentração de visitantes e filhos da terra ausentes foi grande, e a organização para acolher foi necessária incluindo até a preparação de um coral para entoar músicas litúrgicas para o rito de sacramento da igreja e celebrações da festa.

Trazemos, também, outro cartaz da festa religiosa referente ao ano de 2011.

⁶¹ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO 2011

BASÍLICA DO CARMO - BORDA DA MATA - MG

**NOVENA DE
07 A 15 DE JULHO
(Missa às 19h)**

Dia 07 - Quinta-feira
Pe. José Augusto da Silva
(Machado)

Dia 08 - Sexta-feira
Pe. Omar Aparecido de Siqueira
(Pouso Alegre)

Dia 09 - Sábado
Pe. Heraldo José dos Reis
(Pouso Alegre)

Dia 10 - Domingo
Pe. Manoel Marques
(Monsenhor Paulo)



Dia 11 - Segunda-feira
Pe. Elton Cândido Ribeiro
(Andradas)

Dia 12 - Terça-feira
Pe. Zezinho, scj
(São Paulo)

Dia 13 - Quarta-feira
Pe. Zezinho, scj
(São Paulo)

Dia 14 - Quinta-feira
Pe. José Roberto Bertasi, msc
(Itajubá)

Dia 15 - Sexta-feira
Pe. Rodrigo Carneiro Paiva Mendes
(Santa Rita de Caldas)

DIA 16 - FESTA DA PADROEIRA

08h: Missa - 09h: Batizado - 10h30: Missa
17h: Missa com a presença de Dom Ricardo Pedro,
em seguida, procissão com a imagem da padroeira.

Após cada celebração, Consagração a Nossa Senhora do Carmo
e Imposição do Escapulário.

Pe. Ramon Ferreira - Pároco
Pe. Daniel Santini Rodrigues - Vigário Paroquial
Pe. Narcizo Pires Franco - Vigário Paroquial



**PASTORAL
DO DÍZIMO**



Imagem 12 – Cartaz da festa de Nossa Senhora do Carmo de 2011.

E o cartaz da programação da paróquia centraliza a imagem de Nossa Senhora do Carmo, prescrevendo que a festa é em seu louvor e que todas as atividades desenvolvidas norteiam o “DIA 16 – FESTA DA PADROEIRA”.

Ao preparar 16 de julho, dedicado à santa padroeira, ocorre a novena nos nove dias consecutivos antecedentes ao dia da festa com a realização de missas e orações específicas.

Dona Lola Rodrigues ao relembrar as festas, quando era criança e adolescente menciona uma prática que demonstra a implicação de um momento diferente na vida dos bordamatenses.

O que era bonito durante a festa, o dia que começava a novena, quatro horas da manhã tinha alvorada com a banda de música e fogos. É muito bonito, sabe? E o dia da festa, mesmo, dia dezesseis, quatro horas da manhã, alvorada e fogos, bastante

fogos mesmo. Era muito bonito. E eles soltavam fogos todos os dias de novena, agora pararam, né?⁶²

Um tempo distinto é estabelecido, marcado pelo júbilo e devoção, e que se inaugura com a alvorada ao raiar do primeiro dia dos festejos. Essa é uma prática recorrente nas festas religiosas. Os dias da novena projetam a proximidade do dia da padroeira, que configura a mudança da forma de ver e sentir a festa. Isto é devido, à presença da alvorada, quando fogos de artifícios e músicas intensificam a preparação para a festa.

A narradora aponta que não é em qualquer data que ocorre a alvorada, mas sim no “dia que começava a novena”. Culminam-se dias de alegrias, da concretização de tanta espera ao longo do ano. A descrição como “muito bonito” impõe à alvorada uma dimensão de rompimento do cotidiano, despertando a população para mais uma festa. Ou seja, traz a confirmação de um momento especial cercado de fé, alegria e encontro.

Conforme é apresentado, esta prática, que a tantos encantou, não é realizada nos dias atuais.

É pertinente ressaltar que não se pode ver a festa como algo estagnado, mas sim em um processo ativo de constituição, em que elementos ou práticas podem ou não ser incluídos em sua realização.

A novena organizada pelo sacerdote possui objetivos específicos como se vê na matéria divulgada no *Jornal Tribuna Popular*: “A novena de Nossa Senhora do Carmo, que foi de 7 a 15 de Julho, fez um aprofundamento sobre o Espírito Santo com o objetivo de fortalecer a fé dos cristãos e estimulá-los a participar da comunidade eclesial e da nova evangelização”.⁶³

Juntamente com as missas realizadas ao longo dos nove dias seguidos, há o costume de convidar sacerdotes de outras paróquias para celebrarem a missa. A cada missa é refletido um tema que esteja vinculado à temática central, como vemos no fragmento acima em 1998, em que a reflexão foi sobre o Espírito Santo.

Aqui emerge a preocupação da Igreja Católica com os seus fiéis, ou seja, o tempo festivo não se resume ao festejar por si só, mas direciona os participantes da celebração a terem outro olhar e postura.

A novena assume um caráter pedagógico, conduzindo o fiel a adquirir conhecimentos da doutrina cristã pregada pelo catolicismo e propiciar a vivência em comunidade.

⁶² Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁶³ *Jornal Tribuna Popular*, Ano II, nº18, 15/08/1998, p. 05.

Assim, deparamos com a questão de comunidade, que não é vista como uma união homogênea e uniforme. Padre Luís Carlos Osti explica a relação que há entre a paróquia e as comunidades.

A paróquia é organizada como rede de comunidades, cada setor, cada setor tem uma igreja, capela que leva o nome de um santo padroeiro que a própria comunidade define. E nós somos ao todo, em todo o município de Borda da Mata, somos trinta comunidades [...], são doze urbanas e dezoito rurais. Todas elas tem seus líderes, tem suas equipes financeiras, seus conselhos financeiros e eles estão todos formados e existe uma conexão com a igreja mãe, que é a basílica de Nossa Senhora do Carmo e é por isso que falamos rede de comunidades, são formados como uma rede, que se interligam, todos se interligam e tem como mãe, a basílica de Nossa Senhora do Carmo.⁶⁴

A fala do sacerdote apresenta o panorama da paróquia, que é a porção de um território, formado por diversas comunidades, cada qual possuindo sua dinâmica e vivência. A paróquia, na celebração de sua padroeira, reúne todas as suas comunidades, formando uma concentração pautada na vivência religiosa. Nessa concentração é materializado este ponto de união, que é devoção à padroeira.



Imagem 13 - Comunidades da paróquia que participam do momento celebrativo na Igreja Matriz⁶⁵

Notamos na fotografia o evidenciamento das comunidades que formam a paróquia, no caso aqui, a Comunidade São Judas Tadeu. A igreja lotada para a celebração eucarística demonstra a reunião que é proporcionada pela preparação da festa religiosa. A igreja matriz é

⁶⁴ Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁶⁵ Fotografia pertencente ao acervo pessoal de Maristela Matos.

o cenário para a festa em louvor à Nossa Senhora do Carmo, possibilitando uma convivência pautada no estar junto com familiares, amigos, turistas em um espaço dedicado aos ritos fixos da missa. Conforme aponta Lucena “o festejo funciona como mecanismo de neutralização dos conflitos e diferenças, cria uma convivência ilusória de que a sociedade é igualitária e solidária” (2007, p. 99). Como a igreja é um espaço constituído pela fraternidade, a formação da assembléia, a festa nesse território neutraliza os conflitos, teoricamente, pelo fato de que todos que ali estão em busca de contrição, bênçãos.

Diante deste panorama apontamos o olhar eclesial para a festa de Nossa Senhora do Carmo. Na Folha Paroquial em seu número 06, do mês de Junho de 1999, Padre Edson Oriolo (foi pároco em Borda do ano de 1997 a 2007) redigiu o artigo “Festa da Padroeira”, e com destaque de primeira página descreveu:

as festas têm enorme sentido em nossa vida. Elas amenizam os sofrimentos. Têm o Dom de conservar em nós a alegria e nos dão coragem de prosseguirmos nas lutas do dia-a-dia. Marcam etapas, nos proporcionam oportunidades de novas amizades, reencontros ... enfim, são bálsamos agradáveis e estimulantes.⁶⁶

Como instrumento de divulgação das atividades paroquiais, o Jornal Folha Paroquial traz a programação da Festa de Nossa Senhora do Carmo do ano de 1999 e com o intuito de mobilizar informando o artigo do sacerdote que tem um tom mais antropológico ao apresentar a festa como momento privilegiado para repor as energias, de revigorar-se espiritualmente e afetivamente, etc.

“A festa é uma celebração do elo; ‘renova os pactos, rejuvenesce as uniões’, precisamente, é o próprio ela em ação. É o tempo/espaço de múltiplas trocas de rivalidades, de prestígios. É exuberância de vida e vigor fecundante, e reforça a comunhão” (PEREZ, 2012, p. 27).

Ao celebrar este momento com a comunidade responsável, o sacerdote promove a reafirmação do elo, em que ele se configura como o porta-voz dos códigos normativos para a vivência do cristão. E neste revigorar festivo a devoção a Nossa Senhora do Carmo é o ponto estratégico, pois, assume o papel de progenitora espiritual e promove a renovação do acreditar nas virtudes de Maria, como exemplo para os católicos.

A preparação das festas com as possibilidades que “marcam etapas” se funde com certa sintonia com a narrativa de Maria Ângela ao compartilhar: “A festa de Nossa Senhora do Carmo era... aqui em Borda, o esperado era o Natal e festa de Nossa Senhora do Carmo. De todas as datas, a gente marcava no calendário pela festa de Nossa Senhora do Carmo e

⁶⁶ ORIOLO, Edson. Festa da Padroeira. *Jornal Folha Paroquial*, Ano III, nº 06, Junho de 1999, p. 01.

pelo Natal. Quando a gente tava trabalhando: ‘Nossa! Já ta chegando à festa de Nossa Senhora do Carmo, férias!’⁶⁷

Aqui vemos quão significativa é a festa de Nossa Senhora do Carmo para a senhora Maria Ângela, comparando a com as festas natalinas. Pode-se entender esta fusão pelo fato de que esses dois momentos favoreçam a reunião familiar, por serem períodos de férias, de descanso. E, também, fica evidenciada a expectativa pela chegada de festa.

Como afirma Burke, “as pessoas contavam o tempo pelas grandes festas” (2010, p.244). A realização das festas estrutura-se em um tempo/espaço. Elaborar-se um espaço extraordinário constituído por outras dinâmicas e um tempo estabelecido, formulando desta maneira a espera pela chegada e vivência do evento. Portanto, compreendemos que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17). A busca em fixar a festa como uma data de espera constrói uma expectativa, e esta se dinamiza de maneira certa, estar com a família, recesso escolar, materializar a devoção, entre outros. Forja-se um momento aguardado, ao registrar no calendário tal evento que institui um acontecimento cujo culminar traz sentimentos, valores durante o cotidiano regido pelo trabalho e obrigações.

Outro ponto dentro da celebração das missas é a imposição do escapulário, que segundo Carlos Rafael se reveste em um símbolo de proteção:

O escapulário, ele é, analisando o que a gente usa hoje, uma medalha, um cordão com duas imagens. A imagem de Nossa Senhora do Carmo e a imagem de Jesus, né? Que você usa no pescoço que toda uma... tem todo um contexto, fazer a imposição, né? É uma celebração que o padre benze o escapulário, você tem que usar, tem gente que diz que tem que ganhar. Há todo esse contexto, mas, ele pro devoto de Nossa Senhora do Carmo tem esta questão, do cuidado, tem outro contexto... tem uma questão como se fosse uma promessa de Maria, de quem usa o escapulário vai acontecer uma graça, não sei agora como é. Não me lembro exatamente. A história do escapulário, que ela recebeu, não lembro, quem recebeu no Monte Carmelo. Não me lembro detalhe, quem entrega, quem recebeu, isto não lembro. Embora que seja bastante falado na semana da festividade e é comum na nossa cidade o pessoal usar.⁶⁸

Carlos Rafael menciona o ritual de imposição (benção) do escapulário, ele cuja história e origem não se recorda, mas guarda o sentimento positivo e respeito.

⁶⁷Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁶⁸ Carlos Rafael de Freitas, Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

A Igreja posiciona-se como mentora desta prática religiosa, configurando um olhar atrelado à proteção, à salvação, à seleção daqueles que usam o escapulário em relação àqueles que não portam o símbolo.

O narrador enfatiza que embora “seja bastante falado na semana da festividade” não se recorda do histórico do escapulário. A concentração na divulgação do uso do escapulário com seus benefícios espirituais traz em si a busca pelo conforto ditado pela “promessa de Maria”.

Porém, o uso rompe os limites ditados pela Igreja, ao apontar que “tem gente que diz que tem que ganhar” o escapulário para desta forma usá-lo. Isto indica que a prática religiosa comporta ou possibilita explicações outras que não aquelas liberadas pela hierarquia da Igreja, oficiais, portanto.

Dentro do dia da festa, 16 de julho, o ritual de imposição é apresentado como um sinal de esperança.

Com o final da missa, a procissão na qual os fieis saem em cortejo dos fiéis junto à imagem da padroeira, colocada em andor ornamentado com flores. Esta prática, durante alguns anos, ocorria antes da missa solene, atualmente é realizada após a celebração eucarística, que é presidida por bispos.

A procissão é uma atividade que remete ao Brasil colonial, conforme descreve Del Priore em seus estudos sobre as festas.

A difusão das procissões, em dias de festa religiosa, colocava em evidência a mentalidade das populações, que viam no rito processional uma função tranquilizante e protetora. Itinerários para a comunidade, cantos e litanias somavam-se, ora para coroar as procissões ordinárias (acompanhamento de grandes cerimônias, desfiles, datas da agenda real, canonizações), ora para atender necessidades constrangedoras (saúde do rei, falta de chuvas, epidemias etc) (2000, p. 23).

Mesmo que seu foco priorize outras temporalidades, a historiadora expõe fundamentos teóricos que contribuem na análise desta prática presente no dia 16 de julho em Borda da Mata. Tem-se aqui a constituição de uma atividade que possui funções específicas dentro da festa.

Primeiramente, é uma ação que sai dos limites físicos do templo e vai para as ruas, ou seja, a devoção circula pela cidade. A experiência de fé percorre o espaço urbano expondo a devoção mariana publicamente.

Padre Luís Carlos Osti, vigário paroquial de Borda da Mata, descreve a procissão como um elemento de tanta importância para a Igreja e a para as memórias dos participantes.

Então, a procissão tem aquele sentido do caminhar, de igreja peregrina, de igreja que caminha. Nós como católicos, nos temos uma visão de quem somos aqui na terra, peregrinos, caminhantes e sempre em nossa frente temos é... estandartes, como qualquer da tradição portuguesa, da tradição, porque vem isto, peregrinos temos alguém que vai a nossa frente. E costuma nestas procissões levar a padroeira, que representa esta força que coloca pra frente, aqui no nosso caso é a imagem de Nossa Senhora do Carmo, então as procissões, e como sempre, é uma coisa de devoção. A procissão de Nossa Senhora do Carmo foi crescendo no coração, desde criança, porque desde pequeno para mãe, são duas grandes procissões que o povo não perde, a procissão de seu padroeiro e a procissão do senhor morto, que carrega muito gente, porque são tradições que vem da infância. Então, a mulher grávida para ter o filho com saúde, para ter um bom parto, faz a promessa de caminhar na procissão, depois a criança nasce, daí acompanha a procissão de anjinho, depois acompanha, vai crescendo, depois mesmo que tá jovem, adolescente, ele acompanha, então é uma coisa que está dentro do coração de todo mundo. Praticamente, aqui em Borda da Mata, então a procissão tem esta conotação psicológica de as pessoas carregarem desde pequeno está ou tem que participar da procissão, pode nem fazer o novena, nem vim na novena. Mas, a procissão de Nossa Senhora do Carmo é como se fosse um ato de agradecer a Deus, de fortalecer-se, de olhar para frente estamos caminhando e com Nossa Senhora, com Maria, a imagem de Maria pode ver que ela ta no meio do povo, nunca ta a frente, né? Ela tá junto com o povo, ela ta caminhando. Eles fazem uma imagem pesada, é uma imagem que precisa de muitas pessoas para carregar, faz de uma forma ou outra segura para todo mundo carregar o andor. As mulheres, as famílias ajudam com a flores, então vai, é uma coisa muito bonita que mexe com a história, com a infância, com o coração, que mexe com tradições antigas e o povo mantém até hoje.⁶⁹

Padre Luís Carlos Osti apresenta um panorama acerca da procissão dentro do festejo em Borda da Mata.

A principal ideia dita pelo padre é que a procissão simboliza para os cristãos, o caráter provisório e passageiro da vida na terra, na qual todos são apenas peregrinos. Esta é uma leitura realizada a partir da ótica eclesiástica.

Saindo da visão estritamente eclesiástica, sair às ruas em procissão pode significar que os devotos levam as rezas e cânticos religiosos para o seu próprio campo, isto é, a rua, podendo vivenciá-la com mais autonomia. Existem várias situações nas quais os devotos dos santos, pessoas que se consideram tementes a Deus, organizam procissões, sem a participação de padres, movidos por suas próprias necessidades e por iniciativa própria: procissões de Nossa Senhora, procissões para poder o fim dos períodos de seca, chamadas de penitências.

Assim, depara-se com a realização de práticas dentro da festa que configuram como um conjunto de experiências, que passam pela vida dos participantes, incorporando novos significados. Esses significados às vezes se traduzem em pedidos de graças, de saúde, proteção e/ou agradecimento àquilo que foi solicitado à santa padroeira.

⁶⁹ Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Visualizar os diferentes momentos da festa possibilita conhecer práticas e valores que permeiam este período em Borda da Mata. A fotografia não é uma simples ilustração, mas uma fonte que permite evidenciar várias questões pertinentes ao objeto de estudo. Deve-se olhar para a fotografia de modo crítico, pois

ela associa vários níveis concomitantemente: aquele do sujeito tornado objeto ou que, conscientemente, se dá a fotografar, o do fotógrafo que traduz ou tentar traduzir as imagens que ele identifica, o contexto no qual a fotografia é tomada, enfim, o ou os receptores que, por sua vez, percebem imagens. Estamos lidando como uma verdadeira mensagem codificada, na qual é preciso penetrar na pluralidade dos níveis de significação” (GRANET-ABISSET, 2002, pp. 16-17).

Com a junção de intencionalidades presentes na fotografia, deparamos com as seguintes imagens que nos conduzem a olhar a procissão de outras maneiras.



Imagem 14 - *Procissão de Nossa Senhora do Carmo em 1958*⁷⁰

Em primeiro plano estão focalizadas as crianças, acompanhadas por suas mães, vestidas de branco que integram o espaço festivo. A transmissão dos valores, que estão

⁷⁰ Fotografia gentilmente cedida por Austerlina Cobra.

ligados à religiosidade, se faz presente neste momento em que a devoção à padroeira é tida como centro.

O posicionamento das crianças dentro da procissão: abrem o cortejo religioso, indo à frente da imagem da santa. Mesmo sem a ciência efetiva do que significa do ponto de vista religioso o ato de que se participa, percebem que é um dia diferente, na qual ocupam um lugar de destaque. É claro que cada criança pode elaborar em sua mente e em seus sentimentos, outros significados bem diferentes daqueles propostos pelos adultos. As crianças podem ter suas próprias percepções da festa e da procissão, não se enquadrando nas definições oferecidas pela hierarquia da Igreja nem mesmo pelos adultos que lhe são próximos.

Ao longo do tempo, as práticas culturais não se mantêm da mesma forma, alteram-se conforme interesses e negociações. Abaixo vemos outra maneira de vivenciar a procissão.



Imagem 15 – A procissão, em destaque o andor da padroeira. 16 de julho de 2014.⁷¹

A imagem da padroeira é o ponto de referência, grande parte dos participantes se direciona a ela para poderem visualizá-la. Alguns fotografam este momento com o intuito de terem uma lembrança desta parte da festa. Alguns homens conduzem o andor que sustenta a

⁷¹ Fotografia gentilmente cedida por Maristela Matos.

santa. O andor ornamentado por flores sobressai no cortejo festivo, estando acima das pessoas.

A participação na festa possibilita a construção de memórias, em que a vivência do festejo entrelaça com as experiências vividas e compartilhadas junto aos significados atribuídos nos diversos momentos que aguçam os sentimentos, os valores e interesses.

Realizada a procissão, chega o momento de encerrar as práticas religiosas com a coroação da imagem da padroeira.

É organizada uma encenação, cujo destaque se constitui no ato de colocar uma coroa sobre a cabeça da imagem da padroeira que esteve na procissão, simbolizando o reconhecimento de sua divindade e de seu reinado.

No ano de 1958, o concurso da “Rainha do Centenário” organizado por Monsenhor Pedro Cintra, visava angariar fundos para as obras de acabamento da igreja matriz. Austerlina Cobra foi a vencedora por ter levantado o maior valor em dinheiro e com isto foi a coroante deste ano. E expõe seu olhar a este momento em sua vida:

... tem um significado maior, é uma maravilha para você, tá ali coroando a sua mãe santíssima. Pensar que ela foi coroada pelos anjos na presença de Jesus e Maria. Agora a gente pensa que a gente tá significando os anjos, né? Na presença de Deus. E muito... muito significante⁷².

Sua fala é atrelada aos ensinamentos religiosos, onde a figura de Maria refere-se à mãe, por ser considerada a mãe de Jesus Cristo. Participar deste ato condensa num “significado maior”, pelo fato de uma pessoa ser escolhida ou eleita para realizar a coroação e, conforme Austerlina afirma “é uma maravilha para você”. A coroante coloca-se em evidência diante de toda a população, atribuindo um olhar diferenciado para essa participação na festa.

Dona Lola Rodrigues foi festeira em 1984, juntamente com o seu esposo e relata como foi a organização da coroação que esteve sob sua responsabilidade.

Chegou na hora da coroação, teve que fazer um palco muito bonito lá fora, na porta da igreja, né? E a gente cobriu co tecidos em volta, tudo muito bonito mesmo, né? Levou duas meninas das duas festeiras que ia coroar Nossa Senhora, ai mais quatro crianças, um para levar a palma e a coroa e mais dois anjos. Ai peguei, vesti os anjos de azul, as coroantes de azul, dois anjos de branco e dois de azul, sabe? E ai na hora da coroação, eu pedi emprestado as cornetas pros festeiros, pros da banda de música, sabe? Eles emprestaram, então, ela não tocou neste momentinho, ela não tocou. E ai ela tocou lá na torre da igreja. Eles apagaram a luz quase de tudo. Aí representou que os dois anjos estavam tocando o silêncio, sabe? Foi muito emocionante, sabe? Quanta gente, sabe, a gente que tava, ali, onde é o coreto, era o

⁷² Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

leilão, sabe? Tava lá no coreto, sabe? E choraram de emoção de ver... para a festa para este momento, sabe? Ai tocou aquele silencio muito bonito, foi a pena que naquela época não tinha filmagem ainda, sabe? Aí corou Nossa senhora tudo, aí foi a queima de fogos, que era em volta da igreja. Teve uma queima de fogos muito bonito demais⁷³.

A narradora descreve sua experiência na organização deste ato público, o mais aguardado dentro da festa e envolto de solenidades, como uma das suas obrigações de festeira.

Há uma distribuição nas funções do processo de organização da festa, pois, vê-se que “a memória é sempre algo construído, no presente, em função das experiências da pessoa que fala. Essa pessoa vai, inclusive, esquecer-se de muitas coisas e, talvez, no momento em que ela estiver falando, vai construir a maneira pela qual ela percebe seu passado, o passado de seus pais e de seus avós” (PERROT, 1998, p. 359).

Compartilhar memória traduz-se em um ato político. Muitas vezes, a emoção toma conta e vêm as lágrimas, olhos marejados se fazem presentes. Mas, disponibilizar as recordações individuais e socialmente vividas percorre um caminho trilhado: “O que eu devo falar?”, “O que vou falar?”. A construção da narrativa se faz um momento que articula evidenciar o que possui significados e valores e deixar de narrar instantes ou fatos que não trazem um sabor doce ao contexto apontado.

Ao perceber sua relação como festeira, que trabalhou, dedicou, juntamente com seu esposo, filhos, famílias de outros festeiros, amigos e pessoas envolvidas na igreja, buscou tomar como referência ocasiões que trazem sensações de um trabalho realizado e aceito pela população.

A narradora se lembra de que a coroação de Nossa Senhora no ano de 1984 foi realizada “lá fora, na porta da igreja”.

Lola Rodrigues aponta a solenização com que é feito o ato de coroar a imagem. Roupas específicas, local de destaque, música que sugere uma tomada de postura, de respeito.

Olhos e ouvidos voltados para este momento de devoção. Conforme afirma a narradora “para a festa, para este momento”. Institui-se uma encenação norteada na homenagem a Maria, que representa a mãe dos católicos. Com o ato de coroar a imagem da padroeira é propagada, desta forma, a devoção e reverência vivenciadas pela Igreja diante da devoção mariana.

⁷³ Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Em alguns anos eram os filhos dos festeiros que integravam este cenário, mas com o passar do tempo iniciou-se a participação das escolas do município de Borda da Mata.

Diante desta possibilidade de visibilidade frente à população bordamatenses é atribuído a este momento uma honraria, como vemos no fragmento da matéria do *Jornal Tribuna Popular* de 30 de julho de 2002 que foi intitulada “Coroação de Nossa Senhora do Carmo” redigida por Ernestina Teodoro Costa Monteiro.

Entre todas as comemorações de nossa cidade, o ponto máximo é a festa de Nossa Senhora do Carmo. Foi com grande satisfação e orgulho que a Secretária de Educação recebeu o convite do nosso pároco Edson, para coroar Nossa Mãe e Rainha. Foram nove dias de novena onde os fieis renderam homenagens a Nossa Senhora. A fé dos bordamatenses mais uma vez foi comprovada pelo número de fieis que lotavam a Matriz, participando fervorosamente das liturgias, aclamando nosso amor filial. Para encerrar esta jornada de fé cristã foi realizada no dia 16 de julho, a coroação de Nossa Rainha pelas Escolas Municipais. A emoção tomou conta de toda a população que participava do encerramento da festa. Os professores, serventes e motoristas acompanhados por Polly e Nazareth cantaram com alegria e júbilo por estarem homenageando Nossa Mãe. Está de parabéns nossa Secretária, Gláucia Brandão Guilherme que não mediu esforços para a apoteose da festa⁷⁴.

As escolas municipais são representadas por seus alunos no ato da coroação. Encerrar a festa, que é a principal da cidade, exige trabalho como foi citado no texto. A incumbência dada à secretária de educação, Gláucia Brandão, configura-se em expressar organização e respeito pelo fato de ser uma ação que remete a homenagear a padroeira da cidade.

Dona Maria Ângela descreve este momento como “a apoteose da festa, da festa religiosa, que acabava a coroação e começa a bagunça lá na rua, né?”⁷⁵. A definição como apoteose corresponde à visualização de uma situação carregada de significados. É a concretização da parte religiosa, onde o foco é voltado para a imagem da padroeira ornada com flores.

⁷⁴ *Jornal Tribuna Popular*, ano VI, nº 65, 30 de julho de 2002, p. 05.

⁷⁵ Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.



Imagem 16 – A coroação da padroeira, 16 de julho de 2014.⁷⁶

A coroação feita por adolescentes reforça a transmissão da devoção a Nossa Senhora. Em um contexto de oração, os jovens realizam a homenagem à padroeira na porta da Igreja Matriz, finalizando as práticas religiosas, e, encerrando mais um ano de festa.

No contexto festivo religioso, além do padre, que tem como missão propagar os códigos normativos da instituição, o festeiro leigo é responsável pela organização da festa social, ou seja, o pedido de prendas, a quermesse, entre outros.

Regina Maria Moreira, 56 anos, responsável pelo departamento de esporte, cultura e lazer da Prefeitura Municipal e, também, professora de educação física na Escola Estadual Lauro Afonso Megale, conhecido popularmente como “Gelam”, relata:

Passava o ano organizando a festa. E já na festa, ele [o festeiro] passava a bola, né... pro ... subsequente, certo? Do ano vindouro. E a gente ficava louco pra saber quem era o festeiro, pois se fosse alguém animado a gente sabia que a festa ia ser boa e se fosse alguém que a gente pudesse senti que não era tão “tchachanara” [expressão demonstrando expectativa] como a gente queria, a gente ficava: “putz!” Será que vai ser?⁷⁷

⁷⁶ Fotografia gentilmente cedida por Maristela Matos.

⁷⁷ Senhora Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Uma das funções dentro da festa é a do festeiro, indivíduo responsável pela organização da festa na parte religiosa e social, no que tange à Igreja. De acordo com o Diretório Pastoral e Sacramental da arquidiocese de Pouso Alegre, no artigo nº 175, adverte: “Sejam observados os seguintes critérios para escolha do festeiro: a) Ser católico; b) Ser uma pessoa atuante na vida da comunidade local” (COORDENAÇÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL, 2006, p. 58).

Pautada nestas exigências eclesiais, nota-se que a tarefa exercida pelo festeiro resume-se em ser ressonante com as normas da Igreja, pois, aquele que é festeiro estaria realizando uma atividade em nome da Igreja, representando a mesma ao estar organizando a festa.

Dona Maria Ângela, rememora:

Meu pai foi festeiro também desta... desta festa... e... minha mãe [...] fazia aqui... era tudo feito em casa, não pagava ninguém pra fazer nada. Hoje se paga tudo, né? Aqui assava as leitoas, frangos, fazia doces, mandava pros padres. Os padres vinham aqui tomá café, rosca, isso... a casa ficava lotada o dia inteiro, sabe? Que era festeiro, né?⁷⁸

Na festa de 1958, Centenário da Paróquia e Inauguração da Nova Matriz, o pai de Maria Ângela foi o festeiro. Comenta com satisfação que a maioria dos produtos, como salgados, prendas, doces eram feitos na casa de sua mãe.

Na sua fala expressa que a responsabilidade pelo preparo dos alimentos para a festa é ligada a família do festeiro. Analisar esta prática cultural do preparo dos alimentos que seriam consumidos na festa proporciona, com efeito, um momento de sociabilidade, em que experiências culinárias são partilhadas (DOMINGUES, 2007). Nelas o voluntariado era presente, segundo sua observação, “não pagava ninguém pra fazer nada. Hoje se paga tudo, né?” E com este diálogo envergado no passado e no presente, buscando uma confirmação, expressa que seu olhar mudou a respeito da colaboração com a festa.

Também, em sua narrativa expõe a sociabilidade suscitada pela preparação dos alimentos para a festa, ao afirmar que, “a casa ficava lotada o dia inteiro”. Isto propõe que a casa do festeiro não se restringia à atuação dos familiares, mas possivelmente de amigos e dos sacerdotes que confiaram a seu pai a função de festeiro.

Continuando Maria Ângela aponta:

⁷⁸ Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

O papel do festeiro, hoje eu não sei, mas sei, mais quando meu pai foi festeiro. Ele arrecadava e... tudo pra festa, mantimentos. A gente saía na rua pedindo pra fazer bolo, pastel, rosca, estas coisas, prendas pro leilão. Era tudo que o festeiro arrecadava, saía ficava dois, três meses, não dava tempo de fazer nada, só trabalhando pra igreja⁷⁹.

Nesta narrativa, é apresentado o papel do festeiro, como aquele que, antecipadamente, se organiza, junto com seus familiares, para que possam arrecadar mantimentos, prendas, gado, leitoas, tudo destinado à realização dos leilões ou bingos. Domingues, aponta que:

Os festeiros são as pessoas de maior evidência da festa. Devem coletar as “esmolas”, coordenar as ações para levantar fundos, como bingos e bailes durante o ano, administrar e organizar as atividades como a vinda dos ternos de congo, tratar da divulgação da festa e, principalmente, do oferecimento das refeições, ou seja, garantir o banquete aqueles que participam da festa (2011, p. 09).

A função maior do festeiro é organizar a festa, com isto, todo o material necessário para a realização dela fica sob sua responsabilidade e execução da mesma. Ele supervisiona as demais atividades e tarefas, cabia a ele reunir os leigos para ajudar nos preparativos e na realização dos festejos.

Outro ponto em sua fala é que, atualmente ela não sabia o que é realmente o papel desempenhando pelo festeiro, porém comenta que sabe, “mais quando meu pai foi festeiro”. Neste discurso nota-se que mudanças ocorreram que a forma de organizar a festa se modificou. Dando ao exercício do festeiro um valor íntimo e familiar, pois se trata do pai, desta forma, pode ter contato com toda a dinâmica de realizar e contribuir, efetivamente, com a festividade.

Lidar com o tempo nas narrativas é também lidar com a memória. A fala oral está sempre impregnada de memória. Nas conversas estamos em contato direto com modos como as pessoas costumam significar o passado, marcar e usar o tempo. Compreendê-lo e explicá-los requer mais do que uma atenção a diferentes temporalidades e as suas mútuas relações em processos históricos específicos; requer apreender maneiras como as pessoas, com quem falamos, dividem, significam e usam o tempo (KHOURY, 2004, p. 128).

E com este aporte teórico, cunhamos nosso olhar acerca do festejo de Nossa Senhora do Carmo, utilizando a História Oral, metodologia esta que possibilita uma contemplação da experiência social, que pode apresentar contradições, antagonismos, construindo, desta maneira, um cenário rico em informações pautadas nas memórias dos narradores.

Havia a quermesse, que segundo Ana Cabral se estrutura da seguinte forma:

⁷⁹Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Tinha barraca-bar, serviço de alto-falante com oferecimento de músicas, barracas coloridas em que os jovens da Barraca Amarela competiam com os da Barraca Azul, Vermelha, Rosa, etc. para atrair os compradores de bijuterias, bibelôs, balas, doces e tudo que se podia imaginar; também tomavam conta do famoso Correio Elegante. Havia ainda barracas de jogos: a do tradicional coelhinho e de aviãozinho para a alegria e diversão da criançada.⁸⁰

Pelo apresentado se nota a sociabilidade que a quermesse proporcionava à população, sendo um momento em que se reuniam familiares para poderem prestigiar as atrações que eram oferecidas.

Uma das funções principais dos festeiros era organizar a quermesse, que era um espaço de sociabilidade e encontro, logo após a realização das práticas religiosas. Ao lembrar como eram as quermesses, Claret Freitas apresenta o contexto festivo que incorporava esta prática.

As pessoas arrumavam prendas, davam prendas e tinham os cartuchos de doces, [...]. Tinha cartuchos⁸¹ de doces, tinha leitoa, frango assado e ... as pessoas doavam tudo prontinho. Aí tinha uma barraquinha em frente a igreja, uma barraquinha, que ali ficava expostas as prendas e o povo vinha rematar. E eu achava muito gostoso e “quanto me dão por isso? Quanto me dão?” Aí a gente ia com o papai, a gente queria um cartucho. “Quanto me dão?” “Eu cinqüenta”, “Eu dou sessenta”, “Eu dou setenta”. A gente ficava torcendo pra que saísse o cartucho pra nós. Se não saísse esse, ele comprava outro para nós.⁸²

Um espaço marcado por interação de famílias, conforme recorda Claret. A quermesse era feita com a contribuição de várias pessoas, mas o responsável é o festeiro.

Essa ampliação, ou seja, apresentação de atrações, até então inéditas no festejo religioso, deu-se devido aos trabalhos exercidos pelos festeiros. Tarefa que exigia dedicação e responsabilidade. No ano de 1984, juntamente com seu esposo, João Batista Rodrigues, Dona Lola Rodrigues foi festeira. Ao narrar as tarefas atribuídas aos festeiros, ela rememora a articulação realizada entre os serviços voltados ao sustento da família e àqueles exigidos pela festa.

Trabalhava até quatro horas da tarde todo dia, normalmente, sabe? Precisava fazer uma viagem, ir para Pouso Alegre, tudo saia cedo. Deixava do trabalho para fazer a festa, deixava do trabalho pra fazer a festa, sabe? Aí tinha os três meninos, um ficava na selaria, a selaria ficava aberta, a foto fechada, a foto já era aqui, sabe?

⁸⁰ SANTOS, Ana Maria Cabral dos. Memórias... A construção. *Jornal Folha Paroquial*, Edição Especial, dezembro de 2005, p. 06.

⁸¹ Cartucho de doces é um cone de papel, que na sua parte externa era todo enfeitado e no interior ficava os doces.

⁸² Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Então a gente deixa de tudo, deixa de tudo, só pra fazer o trabalho da igreja. E trabalhar dois meses, seis meses sem parar⁸³.

Dona Lola Rodrigues, de 74 anos, que trabalha nos Estúdio Fotográfico São Paulo, localizado na Rua Coronel José Inácio, no centro de Borda da Mata, traz à tona a dedicação exercida com a função de festeira. Devido a isto, era necessária a organização a vida profissional com a ajuda dos filhos, que se dividiam entre o Estúdio Fotográfico e a Selaria.

Yara Aun Khoury em seus estudos reflete acerca do olhar dado pelo narrador, quando este é convidado a conversar sobre suas experiências.

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delinham horizontes possíveis na realidade social (2004, p. 125).

Exercendo a função de festeiro, João Bertolaccini relata os trabalhos realizados para obter prendas e gado para depois converter em dinheiro para a Igreja. Diante da quantidade dos bezerros obtidos, monsenhor Pedro Cintra, sacerdote responsável pela paróquia de Nossa Senhora do Carmo, que também, foi responsável pela construção da igreja matriz entre os anos de 1951 a 1958, sugere contratar uma atração para as festividades da padroeira. Antes a festa era estritamente religiosa: novena, coroação da padroeira, procissão e quermesse.

E nós tiramó uns trezentos e tantos bezerros. E aí o monsenhor falou: “Tá muito bom, nossa” [...]. E aí em setenta e quatro, o monsenhor me chamou e me falou: “Tá com tantos bezerros. Então o seguinte, você pode pegar este dinheiro e dar uma atração boa pro povo. Porque a igreja não tá precisando mais de dinheiro.”⁸⁴

Antes o dinheiro advindo da festa era controlado para a construção da igreja matriz, porém como no período descrito pelo senhor Bertolaccini, a paróquia não possuía nenhum projeto que necessitasse de altos valores, somente manutenção da paróquia com seus gastos habituais, como pagamentos de funcionários, salários dos sacerdotes. Assim, compreendemos o acréscimo de atrações musicais e/ou shows de fogos pirotécnicos de responsabilidade da igreja, mas sob a organização dos festeiros atuantes.

Segundo João Bertolaccini, o pároco afirmou querer “dar uma atração boa pro povo”, vemos que a intenção também se respalda em agradar à população, que tanto colaborou com as festas religiosas ao longo dos anos

⁸³ Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁸⁴ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Bertolaccini continua sua narrativa:

Não havia show e nada. Daí, eu peguei e falei: “Monsenhor, vou trazer o quê?” “Não, você pode trazer... o povo gosta muito de... de espetáculo pirotécnico” [...]. E... aí peguei, a festa vai dá pra pagar. Vim aqui conservei como o Monsenhor. O Monsenhor falou: “Podé fechar o negócio”. Aí fechei negócio. Deu quase cinco milhões, aí, a festa, um mundo de dinheiro. Foi uma festa... foi um espetáculo pirotécnico muito bonito. O pessoal aqui nunca tinha visto. Puseram em cima da igreja, uma cachoeira de fogos. A coisa mais bonita do mundo. E ... na noite da festa, né? Foi a única atração, que nós fizemos. E aí, depois nos outros anos o negócio de cantor.⁸⁵

Diante do valor arrecadado, o senhor João Bertolaccini foi orientado pelo Monsenhor Pedro Cintra a contratar show de fogos pirotécnicos. Aqui, notamos que o valor obtido deve-se ao trabalho realizado pelo festeiro e/ou festeiros. São estabelecidas prioridades para o uso do dinheiro arrecadado, mas com o alto valor angariado, Bertolaccini aponta que “a festa vai dá pra pagar”.

De acordo com João Bertolaccini foi “a coisa mais bonita do mundo” o espetáculo de fogos. O significado do evento é marcado pela concretização do trabalho dedicado pelo festeiro e, também, pelo fato de a atração pirotécnica ser inédita, até então, na festa da padroeira.

Com passar dos anos, a festa religiosa contou com a presença de cantores, sendo a contratação feita devido ao trabalho dos festeiros.

Dona Lola Rodrigues, mediante o questionamento referente ao início dos shows na festa religiosa após a construção da Igreja Matriz, conta que “o show começou muito depois, muito depois... começou muito depois.. conforme foi evoluindo a música, os shows, tudo, começou também. Uma cidade faz, outra faz, outra faz, então, Borda começou fazer também, né?”⁸⁶. Sua fala apresenta que a realização dos shows junto ao festejo religioso ocorreu “muito depois”, a festa já existia há muito tempo antes. Entendemos que as práticas festivas como quermesses, leilões, barraca-bar, vendas de prendas, cartuchos de doces, bingos, entre outros, se estabeleceram como formas de sociabilidade e encontro. Porém, aderindo às influências de outras cidades circunvizinhas que inseriram nas festas de paróquias a realização de shows, isto, da mesma forma ocorre, em Borda da Mata.

Ao definir que “conforme foi evoluindo a música, os shows, começou também” demonstra a aceitação de uma nova prática, produzindo outra maneira de vivenciar as festas

⁸⁵ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁸⁶ Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

religiosas, indica nova atitude da igreja em relação à devoção e à festa religiosa. A festa religiosa já não está tão separada das festas profanas.

Referindo-se a questão do dinheiro gasto nos shows, Lola Rodrigues relata:

[...] mas o dinheiro que ia pros cantores não tinha nada a ver com a festa, nada a ver com a festa, por exemplo, a gente fez a festa todinha, tudo, né? E quando a gente chegou na parte dos artistas a gente pedia patrocínio, sabe, para o artista. Vamos supor, fomos lá no Carlinhos Cobra, “Carlinhos queremos um patrocínio para a dupla sertaneja daqui de Borda da Mata”. Era para a dupla sertaneja e não, e a prenda ele dava outra coisa para Igreja. E dava prenda também. Era separadíssimo, separadinho, não tinha nada a ver. O dinheiro da festa eram os fogos e a banda de música, isto no tempo do monsenhor, certo? Esse tirava o dinheiro da festa. E as flores e os enfeites da igreja, tudo, nós tiramos do dinheiro da festa, certo? Que hoje se você pedi patrocínio para flores você consegue também para enfeitar a igreja. Que hoje é tudo mais fácil, não é verdade? Pra você ver agora nesta última festa o monsenhor [Vonilton] enfeitou a igreja, mais no último. Ficou lindo, ficou show, né, o andor, mais muito bonito. Sabe, mas então pra você ver, não tinha nada pra festa, os artistas com a festa da igreja. Podia fazer pra atrair o povo pra festa da igreja, certo? Então, os shows dos artistas era depois que terminava o leilão. Depois que terminava o leilão, a hora que terminava as prendas, o leilão aí era o show. O leilão começava, imediatamente, que terminava a missa, né?⁸⁷

Os festeiros direcionavam seus esforços em providenciar uma estrutura integrada nos leilões, quermesses e bingos. A movimentação e dedicação para este espaço festivo, não eram realizados de maneira fácil, exigia, dos responsáveis, muito trabalho e organização.

Lola Rodrigues afirma que o dinheiro destinado aos custeios dos shows era separado daquele que possibilitava a realização da festa, que foi angariado ao longo dos meses por meio de pedidos de ajuda, conhecidos popularmente como ditórios.

Os shows são realizados mediante a opção dos festeiros. Como ela rememora, o festeiro do ano anterior, 1983, não ofertou show na festa religiosa.

Logo após todo o trabalho voltado para a organização da parte social da festa de Nossa Senhora do Carmo, o festeiro optava em realizar os shows ou não. Assim, todo o montante arrecadado, segundo Lola Rodrigues, era exclusivamente destinado à festa da Igreja. E a partir daí se buscavam patrocínios para o custeio dos shows.

Neste momento eram articuladas as redes de relações sociais com empresários ou políticos, como mencionado pela narradora, era então, prefeito o senhor Luiz Carlos Cobra, nos anos de 1993 a 1996.

“Era separadíssimo, separadinho, não tinha nada a ver” indica a divisão do dinheiro obtido para a organização da parte social da festa religiosa e os shows. O deslocamento na fala, que emerge do superlativo ao diminutivo traz em si as significações decorrentes para

⁸⁷ Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

opções festivas no dia da padroeira. Uma dedicada à promoção de um espaço que gere a sociabilidade voltada para o consumo dos produtos, arrecadados e produzidos pelos festeiros e ajudantes, para obtenção de renda para a paróquia. E a outra na realização de shows com a justificativa de atrair mais pessoas à festa religiosa.

Ocorre todo um protocolo e uma dinâmica desdobra em outra, da missa ao leilão, e dele ao show. Como eram ofertadas pelos festeiros, as atrações musicais não podiam atrapalhar os elementos festivos anteriores, configurados num contexto regido pelas ações do rezar, consumir e distrair/divertir.

Mas no ano de 1985, Monsenhor Pedro Cintra com a idade avançada, solicita sua renúncia como pároco ao arcebispo de Pouso Alegre. Assim, outro sacerdote assume a paróquia de Nossa senhora do Carmo, conforme João Bertolaccini:.

Padre José Eugênio chegou aqui. Quando chegou no primeiro ano da festa de Nossa Senhora do Carmo [sob sua responsabilidade]. Ele já falou pro festeiro: “Dinheiro da festa não vai pra cantor, não viu. Dinheiro da festa vai só pra igreja. Nenhum tostão pra cantor. Não temo nada com cantor”. [...] Aí, o pessoal ficou sabendo. O pessoal, lá dos vereadores ficaram sabendo e ficaram enchendo o saco pra pôr na lei orgânica, compreendeu?⁸⁸

A partir de 1985, os festeiros não têm mais a responsabilidade de contratarem atrações musicais para a festa religiosa. Deparamos com a instituição de uma cisão no que é a “festa da igreja” e as práticas que não são ligadas ao contexto festivo esperado pela liderança católica, a partir de então.

Ao definir que “dinheiro da festa vai só pra igreja” implica que as quermesses, leilões serão realizadas como os anos anteriores, visto que estas práticas engendram rendas para a igreja. E o trabalho árduo é elaborado na concretização de uma festa de paróquia, em que grande parte dos trabalhos é dos voluntários, leigos da paróquia que contribuem sem custo para a instituição. Assim, o dinheiro que é produzido pelos trabalhos dos festeiros, juntamente, com a colaboração dos leigos é destinado para exclusivamente para a Igreja Católica em Borda da Mata.

A partir de então era não o dinheiro arrecadado para festa que custeava os shows, mas os patrocinadores.

Em 2007, com a decisão de não realizar mais quermesses, a função do festeiro foi deixada de lado, conforme alega Padre Luis Carlos.

⁸⁸ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

No mês de Julho não, no mês de Julho desde 2006 ou 2007 que foi o segundo ano do padre Ramon aqui já houve este rompimento. Então, a prefeitura cuida da parte social [...] e tem a parte religiosa que daí sim que é a festa Nossa Senhora do Carmo, mas tá no coração do povo, por mais que o povo fala que não, acaba emendando tudo, né?

[...] Com o padre Ramon, ele tirou esta visão, então, como não tinha mais a parte social não tem mais festeiro, não tem mais razão de ter festeiro, daí ele partiu para um lado mais pastoral.⁸⁹

Diante das opções oferecidas pela parte social responsável pela Prefeitura Municipal, o padre Ramon, pároco entre os anos de 2007 a 2013, resolve que não promoverá a quermesse. Assim, a função do festeiro não tem mais sentido, pois este ator dentro da festa ficava responsável por toda a organização da quermesse.

Frente a esta nova realidade na festa dedicada à padroeira, a parte pastoral foi colocada em destaque, que corresponde às celebrações e momentos de oração.

Desta forma, temos o festejo com duas partes, cada uma tendo um responsável, como narra Padre Luís “acaba emendando tudo”.

A senhora Austerlina Cobra observa este fato narrando:

A festa, a parte religiosa, a parte da igreja aproveita para a quermesse pra arrecadar dinheiro pra igreja. Agora...vinha estas barracas por causa, vinha estas atrações tanto por causa que é o prefeito que chama e tanto por causa da festa em homenagem a Nossa Senhora e como também... o aniversário da cidade, né? Agora, o padre Ramon acabou com a parte da quermesse porque o pessoal dizia que não ia. Ele perguntava “porque você não faz a novena?” “Ah, porque eu tenho que ficar aqui fritando” “Não faço porque tenho que ficar aqui olhando”. Então ele viu que o dízimo tá correspondendo. Então não tem necessidade de ... então fica só a parte religiosa hoje. E a parte de atrações com o prefeito, né?⁹⁰

A narradora aponta uma das funções da quermesse que é ser uma forma de arrecadação de dinheiro para a Igreja com a venda de salgados, bebidas, realização de leilões e bingos. Mas deve-se entender este momento na festa como um espaço de sociabilidade e encontro logo após as celebrações religiosas.

Com a atuação da prefeitura municipal visando organizar o festejo em comemoração ao aniversário da cidade, desta maneira esta parte social, com as atrações e oferta de consumo de comes e bebes por meio das barraquinhas, direciona a Igreja Católica a enfatizar a sua parte religiosa.

Fazendo os moradores de Borda da Mata, que são adeptos ao catolicismo focar esta questão, observa-se que, quando se realizavam as quermesses envolvia-se não somente o

⁸⁹ Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁹⁰ Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

festeiro e sua família, mas também voluntários participantes da igreja. Daí, o adepto ao catolicismo, que atuava ajudando neste momento, poder se dedicar à participação dos rituais executados na Igreja. Mas sabendo que a parte social era ofertada sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal.

As intenções e interesses daqueles que organizam a festa se modificam de acordo com as necessidades que se manifestam diante da realidade. Assim com as diversas opções na parte da festa organizada pela Prefeitura, a festa da igreja, com sua quermesse, não se mantêm atrativa.

Austerlina cita o dízimo, que é a doação em dinheiro do fiel para a Igreja, para que a manutenção seja realizada. Mas isto não é um determinante, pois desde 2006 é realizada a Festa do Milho, organizada pela Igreja junto ao feriado de Corpus Christi, com a venda de produtos oriundos do milho, em que toda a comunidade católica se organiza na sua realização. Esta é também uma forma de arrecadação de dinheiro para as dispensas, pois a Igreja é uma empresa que possui funcionários e obrigações trabalhistas.

Assim, vemos a festa na sua parte religiosa, dedicada a Nossa Senhora do Carmo, como um espaço de fé e devoção, que incorporou outros elementos, como os shows, ampliando, desta maneira a forma de festejar em Borda da Mata.

CAPITULO III – “ESTA FESTA FOI ELA TOMANDO ESSA COISA QUE EU ACHO MEIO GIGANTESCA”.⁹¹

O presente capítulo busca refletir a ampliação da festa, no que se refere à parte organizada pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata, percorrendo questões políticas e analisando o território festivo. As narrativas orais possibilitam contemplar os diferentes olhares para esta parte na festa que integra o lazer, o consumo e a diversão.

A emancipação da cidade conforme constava na documentação da cidade ocorrera na data de 16 de novembro de 1924, assim no ano de 1989 houve a iniciativa da Câmara Municipal de mudar a data do aniversário da cidade para o mesmo dia da padroeira.

Esta comemoração partiu do seguinte, na lei orgânica. O Ditinho e o Carlos Narcy colocaram na cabeça dos vereadores, que o padre não ia ajudar mais fazer festa no dia dezesesseis de julho. E que o povo já estava acostumado com cantor, com isso, com a festinha, né? Então, porque não punha na lei orgânica, assim: “em vez da Borda ser emancipada em sete de setembro, a emancipação de Borda da Mata se deu no dia dezesesseis de julho de mil novecentos e vinte e três ou vinte quatro”. [A festa] era da igreja, porque dia dezesesseis de julho é dia de Nossa Senhora do Carmo, é padroeira daqui. Agora, emancipação política foi setembro. Não tem que vem. Eles puseram a fazer a festa, compreendeu? Pra não ficar sem festa (risos). Não ficar sem festa.⁹²

Partindo da decisão do padre José Eugênio de que não promoveria mais a atração musical, dois vereadores, mencionados por Bertolaccini, decidem se organizar com o interesse de adquirem apoio para a transferência da data do aniversário da cidade para o dia da padroeira, 16 de julho. Essa transferência permitia a institucionalização do festejo em comemoração ao aniversário da emancipação política-administrativa do município, concomitantemente com o religioso, ou seja, o espaço que foi negligenciado pela Igreja Católica, os shows, a que a população “estava acostumada”, passaria a ser de responsabilidade da Prefeitura Municipal.

Deste modo, é instaurada a organização de um projeto referente à data da emancipação do município. Ao buscar os memorialistas que trabalharam com a história da cidade de Borda da Mata, encontramos a descrição da criação do município.

O memorialista José Guimarães se refere ao desejo da população do distrito de Borda da Mata pela sua definitiva autonomia, pois era subordinada a cidade de Pouso Alegre. Com isso, junto às autoridades cabíveis do governo estadual mineiro é sancionado o projeto Lei

⁹¹ Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

⁹² Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Estadual nº 843 de 7 de setembro de 1923, que passa Borda da Mata ser vila e de sede do município.

E no ano de 1924, “pelo Decreto nº 6.673, de 6 de setembro de 1924, são marcadas as datas para as primeiras eleições municipais e para a instalação do novo município, em 12 de Outubro e 16 de Novembro do mesmo ano” (1958, p. 33).

De acordo com estas informações, a data de instalação do município de Borda da Mata é 16 de novembro, mas com o intuito de promover e manter uma dinâmica festiva junto à festa da padroeira, Nossa Senhora do Carmo, que é promovida pela Igreja Católica.

João Bertolaccini afirma em sua fala que a emancipação do município deu-se em sete de setembro, pois ele se apoiou no decreto que promove Borda da Mata de distrito a sede de município. Outro ponto indicado foi de que a “festa era da igreja”, pois esta atividade remonta desde meados do século XIX que iniciou o arraial ao redor do oratório dedicado a Nossa Senhora do Carmo.

A mudança da data do aniversário do município consiste em ações pautadas em interesses diversos, como manter uma atração “já acostumado pelo povo” e legitimar outro evento festivo, junto a festa da padroeira, ligado à Prefeitura Municipal. Nisto notamos a Câmara Municipal em sintonia com a administração política do município.

Lembramo-nos da reflexão de Fenelon abordando que:

Como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais, campo de luta política, de verdades que se batem, no qual os esforços de ocultação e de clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões, interpretações, valores e práticas culturais. A memória histórica constitui uma das formas mais poderosas e sutis de dominação e legitimação do poder. Reconhecemos que tem sido sempre o poder estabelecido que definiu, ao longo do tempo histórico, quais memórias e quais histórias deveriam ser consideradas para que fosse possível estabelecer uma “certa” memória capaz de cunhar uma História “certa” (2004, pp. 4-5).

Deslocar a data da emancipação do município estruturou um jogo político. Frente à festiva religiosa, foi elaborada uma articulação que desse legitimidade à iniciativa do governo municipal de realizar uma festa. A partir da formulação da Lei Orgânica, o 16 de julho em data de aniversário de cidade, institui-se outra data para lembrar e comemorar a criação do município, construindo uma nova história do município e dando início à constituição de outra memória.

O projeto nº 17/89 apresentado à Câmara dos Vereadores de Borda da Mata com o título “Dispõe sobre a comemoração do dia da cidade” registra que:

Borda da Mata, maio de 1.989

Ilmo. Sr.
 Benedito Carlos de Faria
 D.D. Presidente da Câmara Municipal
BORDA DA MATA M.G.

Prezado Senhor –

Nós, os Vereadores infra assinados, apresentamos à essa egrégia casa o seguinte projeto [sic] de lei:-

Artigo 1º) – As comemorações da Instalação do Município de Borda da Mata, que se refere o decreto estadual nº 6.673, de 06 de setembro de 1924, será comemorado em nova data, isto é, 16 de JULHO.

Artigo 2º) – As comemorações que se refere o artigo anterior, serão feitas respeitando as comemorações e horários dos festejos e cerimônias [sic] religiosas da Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo.

Artigo 3º) – Fica o poder executivo autorizado a difundir entre os munícipes, esta nova data de comemoração da Emancipação do Município de Borda da Mata, através [sic] da imprensa falada e escrita.

§ i) Os recursos financeiros para cobrir a divulgação do artigo anterior, deverão ser das dotações orçamentárias do esporte, cultura, lazer e turismo.

Artigo 4º) – Revoga-se as disposições em contrário, sala das sessões da Câmara Municipal de Borda da Mata, em maio de 1989.⁹³

O projeto apresenta, primeiramente, a mudança da data para comemorar a Instalação do Município. Aqui é exposto o resultado de um embate entre questões históricas com os interesses políticos. Como é observado no artigo 1º é anulado o decreto estadual nº 6.673, de seis de setembro de 1924.

A data de seis de setembro de 1924, segundo memorialistas, se refere à criação do município por meio do decreto citado e não a sua definitiva instalação. Mas aqui, compreendemos a intencionalidade em ocultar todo um contexto histórico do município em favor de uma festa cívica, ou seja, ofuscar tal data levando à rejeição de todo trabalho, luta e dedicação travados pelos políticos e munícipes, nos meados da década de 20, na instalação do município de Borda da Mata.

Da mesma forma, percebemos o movimento no significado da festa, que de um panorama ligado à Igreja, se desdobra em outro festejo com outro sentido. Assim, se agrupam duas comemorações em um mesmo dia.

Este processo não se deu de maneira harmoniosa, um embate se apossou deste momento, conforme vemos na fala da senhora Terezinha Pires, que era Presidente da Câmara Municipal.

Então foi, foi eu acho que foi, assim, uma escorregada, dividi a data da cidade com a festa de Nossa Senhora do Carmo, juntaram. [...] o projeto foi pra Câmara Municipal que deixasse numa só. Eu fui contra, eu fui contra, lutei para que não desmembrasse. [...] Mas infelizmente perdi, porque eu achava que a Borda da Mata, a prefeitura tem muita condição de fazer essa festa maravilhosa que eles fazem não

⁹³ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

misturando com a festa religiosa que era a coisa mais linda que nós tinha dentro de Borda da Mata. [...] Não conciliam. Eu vou falá uma coisa aqui, deve até... deve até o povo de Borda deve até lembrá. Enquanto saia a procissão de Nossa Senhora do Carmo, na fonte luminosa estava tendo um desfile de biquíni.⁹⁴

Mesmo votando a favor da mudança da data, quando era vereadora, Terezinha Pires define que a ampliação da festa como “uma escorregada”, ou seja, uma manobra política, melhor dizendo, a falsificação de uma data.

A inserção de uma comemoração cívica ao dia religioso traz um novo significado ao 16 de julho para a população de Borda da Mata, pois não ocorre a exclusividade ao aspecto religioso e, sim, a configuração de outra celebração que remete e envolve a data do aniversário da cidade.

A narradora descreve sua contrariedade frente ao projeto que solicita a mudança da data do aniversário da cidade. Afirma que a cidade poderia ter duas festas em datas diferentes, a religiosa, conforme costume, e a do aniversário na data correspondente a sua instalação, pelo fato de que a prefeitura tinha dinheiro para custear o festejo. Ai está sua convicção contrária a mudança. O quesito financeiro não impediria a execução de outra festa em data diferente, visto que a festa religiosa é totalmente bancada pelos trabalhos dos festeiros.

A narrativa delinea que “a festa religiosa que era a coisa mais linda que nós tinha dentro de Borda da Mata”. A configuração exclusivamente religiosa da festa marca o olhar de Terezinha, como aquilo que foi antes, com o que é atualmente. Atribui-se a festa organizada pela Igreja a expressão “linda”, algo que atrai a atenção. Porém, não permanece como antes. A introdução de uma nova dimensão na festa traz novos valores para o evento.

Ela relembra a festa em um dado momento quando na programação da prefeitura foi incluído um desfile de biquíni na Praça Antonio Megale, simultaneamente a procissão. Sua fala aponta para o descompasso nos objetivos e na concepção entre as duas comemorações.

A divergência é estabelecida entre as duas partes do festejo. Uma de caráter eclesialístico, a outra cívico.

Os territórios festivos são limitados e respeitados. Com a inclusão de uma nova parte no festejo, ao dia 16, as práticas deste deveriam respeitar a dinâmica já estabelecida aos longos dos anos em Borda da Mata. Não ocorre uma “mistura”, ou seja, entrelaçamentos entre as práticas, vistos que as mesmas têm sentidos diferentes. Com isto, o festejar da igreja é tido como referência, pelo fato de respeitar suas “comemorações e horários”.

⁹⁴ Senhora Terezinha Pires Ribeiro. Em Borda da Mata, 23 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Trazemos para este diálogo, a interlocução do Padre Luis Carlos Osti, vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, que descreve as relações firmadas entre a Igreja e a Prefeitura Municipal.

...com o passar do tempo tinha a festa da prefeitura, né? Da emancipação política, que eu não sei especificar se é outubro ou novembro, é uma data, com esta festa ocorria numa data, não no dezesseis, num acordo que eu entendi numas conversas que a gente ouve na cidade, o prefeito da época, o Xikito, em acordo com o monsenhor resolveram unificar a festa, tanto a festa da emancipação política, que ocorria no segundo semestre com a festa de Nossa Senhora do Carmo. Então, a prefeitura assumia o ônus dos shows, fogos e tudo mais e a igreja ficaria com a parte da... da... eclesiástica⁹⁵.

Sua fala remete à data da festa cívica, não tendo clareza desta, pois como vigário paroquial passou a residir em Borda da Mata no ano de 2012 e definir a união das comemorações no mesmo dia em um acordo. Porém, esta visão foi dada “numas conversas que a gente ouve na cidade”. Recorre aos diálogos informais estabelecidos com algumas pessoas da cidade de Borda da Mata, as quais não quis mencionar, ou seja, sua compreensão é determinada por diferentes memórias, que compartilhadas possibilitam entender os meandros da constituição festiva para o dia 16 de julho.

Acordo foi feito entre o prefeito municipal, Francisco Melo, e o pároco emérito Monsenhor Pedro Cintra, com intuito de “unificar” as duas festas e delimitar as respectivas atividades, em que negociar as práticas para as duas festas exige estabelecer os devidos espaços. Uma, religiosa, com gestos e ações ditadas pelas invocações e orações. A outra, cívica, voltada às atrações musicais, barracas de bebidas, comidas e variados produtos e brinquedos chamados de “parquinho”.

Como afirma Hobsbawm “as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais” (2008, p. 14).

O 16 de julho configurado como dia festivo acolhe mais um elemento significativo que produz um complexo binário, que se contrapõe entre o sagrado e o profano. Forma-se em Borda da Mata a combinação de práticas divergentes que favorecem diferentes experiências, ligadas à religiosidade, ao lazer, à quebra do cotidiano.

É enxertada ao dia 16 de julho, o qual se mantinha como exclusivamente voltado à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo, a comemoração da cidade. Incorporar outra comemoração resulta em outro modo de vivenciar a data, que já era significado como festiva.

⁹⁵ Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Outro ponto alegado pelo sacerdote é o “ônus” assumido pela prefeitura municipal. O prestígio que antes, era atribuído à Igreja Católica, a partir daquele momento recai ao poder público local. Duas instituições passam a compartilhar a festa de 16 de julho com suas práticas, que se divergem e se complementam, configurando uma festa só.

Voltando ao projeto em seu artigo 3º temos o seguinte: “Fica o poder executivo autorizando a difundir entre os munícipes, esta nova data de comemoração da Imancipação [sic] do Município de Borda da Mata, através [sic] da imprensa falada e escrita”.

Diante deste imperativo, a prefeitura municipal é incumbida de divulgar a nova data, a nova memória que possibilita o festejo cívico no dia 16 de julho. Nisto, a mudança da data da comemoração do aniversário do município propicia a reconstrução de uma nova história oficial a cidade. Emerge a revitalização à memória bordamatense, consistindo em outra forma de ver e significar o dia 16 de julho.

No projeto de lei 17/89 é apresentada, também, a justificativa para a alteração da data de comemoração da cidade, que: “Amparado pelo artigo 30, Item II da Constituição [sic] de nosso município, 16 de novembro, sempre se tornou impossível de se comemorar, por ser imediatamente a um feriado federal, (proclamação da República), inviabilizando por se comemorar dois feriados consecutivos”.⁹⁶

A justificativa do projeto contradiz o artigo 1º do projeto de lei o que refere à data da emancipação do município de Borda da Mata. Conforme já foi citado anteriormente, em 6 de setembro de 1924 é instalado o município. Observa-se um confronto entre as datas que indicam a emancipação do município.

Ao apontar 16 de novembro como data da emancipação, a história oficial nacional pesa de forma considerável, pois traz para si maior significação, assim engendrando certo ocultamento para com a história municipal, da mesma forma, a impossibilidade de dois feriados seguidos na cidade de Borda da Mata.

Outra questão recai sobre a tradição da festa religiosa.

Considerando principalmente o alto espírito religiosa de nosso povo, que já se consagrou através [sic] dos tempos à nossa Padroeira Nossa Senhora do Carmo, pela sua festa tradicional em nosso município.

Considerando ainda, a vontade da maioria de nosso [sic] população, que pede a coincidência [sic] de datas, tendo em vista o tradicionalismo da festa de Nossa Senhora do Carmo, onde seus filhos auzentes [sic], reportão a nossa terra para comemorar e rever os seus familiares, em tempo de férias.⁹⁷

⁹⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

⁹⁷ Idem.

O deslocamento da data da comemoração da cidade unido ao dia de sua Padroeira representa o entrelaçamento de duas comemorações em um só dia. Acumula-se mais um sentido ao dia 16 de julho, porém com caráter cívico outra instância se apodera desta conotação festiva. Agregar um espaço festivo para a prefeitura municipal consolida, desta maneira, a fixação de uma comemoração que não esteja, totalmente, vinculada à Igreja Católica, mais que possibilite o uso de uma dinâmica que evidencie as ações do poder público local, quanto seu prestígio dentro do município.

O termo “tradicionalismo” evoca que o festejo religioso tem um sentido cristalizado para os bordamatenses que é celebrar sua padroeira e visto que, realizado no período de férias escolares, primeira quinzena de julho, possibilita a vinda dos bordamatenses que residem em outras localidades.

Configura-se um tempo marcado pelo encontro e sociabilidade, mas quando não é somente regido pela instituição religiosa, a prefeitura usa deste espaço conquistado para se promover e ser evidenciada como uma instituição atenta aos munícipes. Seguem as assinaturas dos nove vereadores.

“O parecer da Comissão de Legislação, Justiça e Redação no projeto 17/89 de autoria do vereador Benedito Messias da Silva, dispondo sobre o dia do município. A comissão é de parecer unânime pela aprovação do projeto. Borda da Mata, 19 de junho de 1989”⁹⁸.

Vemos aqui o parecer da comissão referente ao projeto que discutiu a mudança da data da festa, sendo unânime a aprovação deste projeto.

No dia 04 de julho é decretada a lei nº 903/89, referente à comemoração do dia da cidade, sendo dia 16 de julho.

Com o estabelecimento da festa cívica, a Igreja Católica continua com suas práticas festivas. A novena, missas, procissão, coroação e quermesse. Padre José Donizete Moreira, pároco que substituiu Padre José Eugênio da Fonseca, redige no Livro do Tombo a nova relação entre os dois festejos na cidade de Borda da Mata que ocorre no dia 16 de julho.

16/07/1990 – Houve a tradicional Festa de Nossa Senhora do Carmo. A novena teve início no dia 07/07, para cada dia contou-se com a presença de um padre das paróquias vizinhas. A parte social da festa foi desvinculada da religiosa, a parte social ficou a encargo da prefeitura municipal, pois no mesmo dia se comemora o aniversário da cidade de Borda da Mata. Esta data do aniversário da cidade no dia 16/07 foi aprovada pela Câmara de Vereadores. Daqui para frente a Igreja se preocupará com a festa religiosa.

⁹⁸ CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

A festa da Padroeira foi realizada com a participação de toda comunidade, cidade e área rural; quem a fez foi a comissão organizadora, revelando-se maior união, fraternidade, e claro, vivência comunitária na Paróquia de Borda da Mata.⁹⁹

Desta maneira, diante da comemoração organizada pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata, a Igreja se posiciona afirmando a separação das partes do festejo. A Igreja continua realizando as celebrações e a quermesse, pois é uma forma de obtenção de renda, mas aponta que a festa social, que consiste nos shows, barracas de comidas e bebidas, é de responsabilidade da prefeitura, sem vínculo com a Igreja.

A Igreja tenta manter sua festa em louvor à padroeira com o objetivo de integrar a comunidade, vivenciando os princípios cristãos.

Aqui vemos dois festejos com dinâmicas diferentes que ocorrem no mesmo dia, proporcionando um complexo festivo que vai da religiosidade ao divertimento e lazer.

Para a manutenção das opções de lazer, que são os shows de cantores de renome regional e nacional, que a liderança católica negou, via-se necessário um suporte legal. Portanto, para a realização destes shows é preciso um planejamento financeiro, devido aos custos do contrato feito com o artista/cantor desejado, montagem da estrutura do palco, seguranças e outros elementos que são empregados nesta atividade.

Qual interesse em manter e oferecer shows em praça pública? Em uma perspectiva financeira, qual o lucro para os cofres municipais em custear shows em que não há venda de ingressos?

Nota-se que o primeiro intuito do poder público local junto a Câmara de vereadores é o estabelecimento da visibilidade e notoriedade da cidade de Borda da Mata diante das outras cidades da região. A constituição de um mecanismo que possibilitasse o evidenciamento do trabalho do governo municipal para com os seus munícipes, ou seja, trazendo cantores/artistas para oportunizar momentos de lazer a sua população e, do mesmo modo, aos visitantes das cidades vizinhas.

No dia 05 de abril de 1991 é promulgado a Lei Orgânica do Município de Borda da Mata e o seu artigo 3º afirma:

§4º - É data cívica do Município o dia 16 de julho, em que se comemora a sua emancipação político-administrativa, ocorrida em 1924.

§5º - A semana em que recair o dia 16 de julho, constituirá a SEMANA DO MUNICÍPIO, período em que o Executivo e o Legislativo promoverão festas

⁹⁹ Livro do Tombo, nº 2, 1990, p. 194. Acervo da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Consulta gentilmente cedida pelo pároco Monsenhor Vonilton Augusto.

cívicas e encontros para estudos, análise e reflexão dos anseios e necessidades de seus habitantes e dos planos para o desenvolvimento harmônico do Município.¹⁰⁰

Aqui notamos a alteração da data da comemoração da emancipação política administrativa do município. A partir de 1991, formaliza-se, legalmente, a realização de festas organizadas sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal.

Com o pressuposto de reforçar tal data, elaboram no §5º a “Semana do Município”, que o texto legislativo traz em caixa alta com o objetivo de revestir a semana de uma municipalidade que, além das festas seria o momento em que os habitantes seriam ouvidos. Não se usa o termo “povo”, mas habitantes. Estrategicamente, um texto é construído para que este habitante se veja e se identifique com este momento de “estudo, análise e reflexão dos anseios e necessidades”. Além de festejar, a pessoa que mora, trabalha, paga imposto teria a oportunidade de apresentar suas perspectivas frente à construção de um município melhor. Assim, as duas comemorações ocorrem com seus objetivos específicos. O dia 16 de julho se reveste de um contexto festivo. Mas, ao longo dos anos provoca incomodo e essa questão ligada à data da comemoração é abordada no ano de 2007.

A discussão em torno das comemorações da emancipação volta à cena em 2007, pelo jornal “Galeria do Comércio” publicado em agosto, em edição única e distribuição gratuita, trouxe na sua primeira capa o Editorial “A Emancipação político-administrativa de Borda da Mata” redigido por João Bertolaccini que se refere à festa realizada em comemoração ao aniversário da cidade no dia 16 de julho.

Nós, os bordamatenses, entendemos que não se pode indefinidamente comemorarmos erroneamente a data da Emancipação Político-Administrativa de nossa cidade. É uma aberração insistir na data de 16 de julho, que não tem absolutamente nada a ver com a data certa da Emancipação Político-Administrativa de nosso Município. [...] Convido também, os filhos desta terra, que leiam o Artigo 3º, parágrafos 4º e 5º da nossa Lei Orgânica e comparem com cuidado e isenção as comemorações de nossa emancipação, com o que a Lei Orgânica determina; “até parece utopia”.¹⁰¹

O subtítulo do jornal apresenta o objetivo do mesmo: “O seu guia de compras, serviços e histórias” e, assim, propõe refletir por meio do artigo acima citado a realização da festa da cidade proposta pela Lei Orgânica. Bertolaccini busca com suas palavras evocar certa consciência histórica frente à data da festa. Com isto, aponta que é errônea a comemoração no dia 16 de julho.

¹⁰⁰ BORDA DA MATA. Lei Orgânica do Município de Borda da Mata: Promulgada em 5 de abril de 1991 / Câmara Municipal de Borda da Mata – Minas Gerais.

¹⁰¹ BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. *Jornal Galeria do Comércio*, 2007, p. 01.

Ao discorrer sobre o assunto, adjetiva como “aberração insistir na data de 16 de Julho”. O fato de realizar o evento em comemoração ao aniversário da cidade em outra data proporciona o ocultamento da história diante da população.

Com postura apelativa solicita a leitura da Lei Orgânica, em seu artigo 3º, supracitado, que refere à constituição do 16 de Julho para a cidade. Mediante seu olhar sentencia como “até parece utopia”.

Visualiza-se o contraste entre o que diz a Lei e o que é realizado. Nota-se, também, a preocupação de um grupo que organizou o jornal citado, diante da continuidade de um festejo que apaga a memória do município devido o deslocamento da data. O comemorar em si não é o intuito maior deste grupo, que é formado por comerciantes. O jornal foi patrocinado por vários comércios da cidade, com distribuição gratuita, e o mês de circulação foi em agosto, ou seja, o mês após o da festa, que é em julho.

Atentos às palavras de Cruz e Peixoto entendemos a Imprensa:

como força social que atua na produção de hegemonia, a todo o tempo, articula uma compreensão da temporalidade, propõe diagnósticos do presente e afirma memórias de sujeitos, de eventos e de projetos, com as quais pretende articular as relações presente/passado e perspectivas de futuro (2007, p. 259).

Deste modo, a intencionalidade em colocar em primeira capa, o único texto dissertativo e informativo do jornal perpassa por questões que produzidas não pelo comemorar da festa, mas sim pela data, o que vemos no desfecho do editorial.

Dia 16 de Julho é comemorado em nossa cidade, a Festa de Nossa Excelsa Padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e como povo, na sua grande maioria católica, seria muito bom que os Senhores Vereadores, através de uma ementa ao Artigo 3º Parágrafos 4º e 5º da Lei Orgânica, colocassem os festeiros de Emancipação Político-Administrativo, em data certa, isto é dia 7 de setembro.¹⁰²

Dezesseis anos depois, Bertolaccini contrariando seu posicionamento em 1991, afirma que a data ideal para a comemoração é dia 7 de setembro, pois no ano de 1923, nesta data, foi criado o Município e não no dia 16 de Julho, de 1924, quando foi instalado.

Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três, foi o dia que o governador, doutor Raul Soares de Andrade assinou e ... o decreto emancipando Borda da Mata. Sete de setembro de mil novecentos e vinte e três. E ela foi instalada, lógico, tinha que depois que ter eleição para prefeito, tinha ... e foi instalada dia dezesseis de novembro de mil novecentos e vinte e quatro, certo? Então, o seguinte, tem gente que acha que dezesseis de novembro, data da instalação deve ser comemorado.

¹⁰² BERTOLACCINI, João. A Emancipação Político-Administrativa de Borda da Mata. *Jornal Galeria do Comércio*, 2007, p. 01.

Mas, a instalação é consequência do decreto, não é? Senão, tinha que ser sete de setembro. Então, esta é a data certa!¹⁰³

Sustentado por datas e seus respectivos fatos ligados à história política da constituição do município de Borda da Mata, João Bertolaccini defende que a data para a comemoração do aniversário da cidade é 7 de setembro, pois nesta, no ano de 1923, mediante ao jogo político estadual foi criado o município, sendo instalado somente em 16 de novembro de 1924

De maneira irredutível elenca que esta é a data certa. Compreendemos que “as pessoas são um amálgama de muitas experiências que se constituem e se transformam na vida diária, vivendo e se comunicando através de fronteiras e transitando entre elas” (KHOURY, 2004, p. 127). Vemos em Bertolaccini a constituição de um senhor voltado para a história oficial da cidade, tanto que compilou uma publicação referente à história do município. Com olhar voltado para o percurso histórico do município vê nas datas significações para esta história e, com isto, questiona, criticamente, a realização da festa organizada pela Prefeitura Municipal diante dos requisitos ligados à memória oficial bordamatense.

Referente à data da emancipação deparamos com a narrativa de Claret Freitas, que elucida: “Não gostei, não gostei disto, não gostei de mudar a festa. O dia tem que ser respeitado, foi dia 16 de novembro que foi a criação do município. [...] Não, não tinha nada. Não se comemorava e fizeram isto”¹⁰⁴.

Tanto Claret quanto Bertolaccini consideram que a emancipação da cidade deve ser comemorada na data correta. Assim, a festa da cidade não deveria ser mudada para o dia da Padroeira. A discordância entre ambos é a data da emancipação.

A narradora alega o respeito que deve ser dado à data da criação do município, ou seja, a sua devida comemoração correspondente a data, tida como oficial, da criação do município. Mas, mesmo exigindo a volta para a data citada, ela apresenta que anteriormente à constituição da Lei Orgânica não era comemorado tal fato.

Percebemos a manipulação do grupo político em Borda da Mata empenhado em organizar um festejo que evidenciasse o poder público, procurando assim, de maneira estratégica, conectar o aniversário da cidade ao dia de sua padroeira configurando um dia com dois festejos.

¹⁰³ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹⁰⁴ Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

A parte da festa com shows, barracas de produtos diversos como calçados, roupas, comidas e bebidas, e, também, os brinquedos conhecidos como parquinho ficou sob a responsabilidade de uma comissão da Prefeitura Municipal de Borda da Mata.

A festa foi organizada pela Secretária Municipal de Educação, Gláucia Brandão Guilherme e pela Secretária Municipal de Finanças Marília Duarte Lopes Sáber. “Apesar de termos organizado tudo em pouco tempo, estamos orgulhosas com o resultado. Acreditamos ter agradado a todos”, dizem as organizadoras. segundo elas, o sucesso da festa deve-se a boa vontade com que todos trabalharam, incluindo os patrocinadores e os funcionários da Prefeitura que muito colaboraram com a organização do evento.¹⁰⁵

Os cargos mencionados são de confiança, assim o prefeito indica os responsáveis para ocupá-los. Com isto, fica claro que as secretárias também organizam a festa, no que tange aos shows, à organização das barracas nas praças centrais. É, portanto um evento que exige muito trabalho e dedicação, pois em média conta com a duração de sete dias.

Nestes dias, a dinâmica da cidade de Borda da Mata se altera, possibilitando aos bordamatenses e visitantes várias opções de shows e barracas de alimentação e venda de produtos variados.



Imagem 17– Show na praça central¹⁰⁶.

¹⁰⁵ *Jornal Tribuna Popular*, ano V, nº 53, 30/07/2001, p. 03.

¹⁰⁶ Foto pertencente a Maristela Matos. 15 de julho de 2013.

Uma estrutura específica é organizada para os dias de festas, com o palco para os shows e tendas que proporcionam aos frequentadores certo conforto, pois este período é marcado pelo frio e, às vezes, por chuva.

Borda da Mata tem, nos dias da festa, a produção de outro cotidiano, marcado pela oportunidade de assistir a diferentes shows em praça pública, gratuitamente, e da mesma forma, a opção de consumir vários produtos, sendo grande parte das barracas dos comerciantes que vêm de diferentes lugares.

Analisando a festa por um viés econômico, comercial pode-se notar um cenário marcado por reivindicações, como no artigo “‘Festa da Cidade’ não é festa da cidade” que elabora uma crítica norteada por questões dos comerciantes informais, denominados “barraqueiros”:

Vamos analisar: O comércio reclama que vendeu pouco porque a festa saiu da praça. Mas esquecem que os barraqueiros chegam de fora e levam o dinheiro da cidade, deixando-os nos meses seguintes quase sem vender nada. Outro dia, um contador da cidade me disse: “Vamos passar por três meses difíceis em Borda, ninguém terá dinheiro para nada”. Por quê? Será que é só que gastou na festa do peão e nas barracas? Se nesta época não fica dinheiro na praça então o comércio, que é da gente da terra, tem que fazer alguma [sic] para melhorar esta situação. Se o povo gasta nas barracas, porque não pode gastar comprando produtos daqui? Dizem que vendem com preços melhores. É só os comerciantes praticarem um preço melhor, pelo menos, durante a festa. Sem contar que os produtos vendidos nas barracas, com raras exceções, são de segunda linha.¹⁰⁷

Construindo um texto, sustentado por críticas, pois muitas vezes “quando o assunto da festa é abordado, principalmente em jornal, quase ninguém gosta de falar, com medo de ofender um ou outro”,¹⁰⁸ o editorial do Jornal Tribuna Popular elenca a questão econômica que se presencia nos meses seguintes após a festa. Praticamente estagnado fica o comércio local, devido ao consumo excessivo ocorrido no período festivo mediante as opções oferecidas pelas várias barracas com produtos diversos.

O trecho acima inicia apontando o descontentamento dos comerciantes bordamatenses diante da mudança da festa, pois entre os anos de 1998 a 2000 fora realizada na Avenida João Olivo Megale, uma avenida próxima ao centro, a três quadras, porém uma localidade mais baixa que o centro. E é no centro que se concentra a maioria dos comércios. Diante de um cenário conflituoso, argumentado no trecho do artigo analisado, é mister a mudança de postura dos proprietários dos comércios locais, partindo de estratégias como promoções na

¹⁰⁷ EDITORIAL. “Festa da cidade” não é festa da cidade. *Jornal Tribuna Popular*, Ano II, nº 18, 15/08/98, p. 02.

¹⁰⁸ Idem.

semana da festa, desta forma estimulando os bordamatenses a os escolherem ao invés dos “barraqueiros”.

João Bertolaccini discorre quando assim se refere às barracas:

Atrapalha a venda. Por exemplo, quem tem armarinho, aí, vende calça, estas coisas. O povo corre tudo pra barraca pra comprar lá. E as vezes até por preço até, produto até muito mais ruim, né? E eles compram. Tem mais diversidade que o próprio comércio, tinha. O comercio aqui não era grande. Mais, os comerciantes achavam ruim, porque caía a venda deles, né?¹⁰⁹

Bertolaccini justifica que a população recorre aos comércios informais nos dias de festa, pois o comércio bordamatense “não era grande” e não apresenta a variedade e diversidade que os “barraqueiros” possibilitam. O narrador pauta sua fala no passado, isto é percebido com os verbos apontados no pretérito. Mas enfatiza que: “atrapalhava o comércio é estas barracas, que é até hoje”.¹¹⁰ Por ser um comerciante de fertilizantes para a agricultura, agrega-se aos outros comerciantes locais, quando denomina “estas barracas”, demonstrando um tom de que as mesmas constituem um empecilho e/ou obstáculos para a dinâmica econômica em Borda da Mata nos meses que seguem após o mês de julho.

Os comércios informais que constituem esta parte na festa da cidade se organizam na Avenida Wilson Megale, vendem vários produtos como roupas, calçados, brinquedos, artigos para a cozinha e várias miudezas.

¹⁰⁹ Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹¹⁰ Idem.



Imagem 18 – Comércio nas “barracas” no dia de festa.¹¹¹



Imagem 19 – Movimentação nas “barracas”¹¹²

“Porque a cidade tá muito movimentada, se tem renda apesar que a renda não fica na cidade, a renda fica pra quem monta a barraca. A festa tem tradição de ter muitas barracas,

¹¹¹ Fotografia do acervo do próprio pesquisador. Fotografia retirada no dia 17 de julho de 2011.

¹¹² Idem.

tanto de comida, de venda de roupas, estas coisas.”¹¹³ Diante da fala do jovem Juliano dos Santos, que enfatiza a movimentação de pessoas ocorrida devido à festa, constatamos que a renda gerada pelas festividades realizadas em julho não permanecem na própria cidade, a renda gerada pelas vendas de produtos fica “pra quem monta a barraca”.

E o “barraqueiro” tem que pagar pela a utilização do espaço no período festivo, sendo este capital revertido para o pagamento das atrações e estrutura da festa conforme observação do balancete da festa de 2009: “1-Total das despesas foi de R\$ 179.559, 24, o total das receitas com a venda de espaços para utilização das barracas foi de R\$ 123.601,55, restando um déficit de R\$ 55.957, 69, que a Prefeitura pagou com outros recursos.”¹¹⁴

O que é notório é que a festa movimenta altos gastos e que, como no caso de ano de 2009, ficou uma diferença de R\$55.957,69. Diante desta constatação é viável realizar uma festa que ainda terá utilização de outros recursos para quitar as dívidas?

O espaço onde se realiza o festejo organizado pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata é a Praça Antônio Megale, parte da Praça Nossa Senhora do Carmo e a Avenida Wilson Megale, sendo aí o local em que as barracas dos comerciantes, oriundos de outras localidades, se instalam.



Imagem 20 - Mapa do centro da cidade de Borda da Mata – Espaço Festivo¹¹⁵

¹¹³ Juliano dos Santos. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹¹⁴ *Jornal Tribuna Popular*, Ano XIII, nº 176, 31 de julho de 2009, p. 08.

¹¹⁵ Mapa da cidade de Borda da Mata. Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Borda+da+Mata+MG/@22.2732285,46.1654682,368m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x94cbd773fbd2a367:0x8fa36ee6c02b7f8e>. Acesso em 24 de maio de 2014.

No mapa vemos em amarelo o espaço da Praça Nossa Senhora do Carmo, que se localiza em frente à Igreja matriz de Nossa Senhora do Carmo. O espaço traçado em verde é a Praça Antônio Megale e em azul Avenida Wilson Megale. O quadrado vermelho representa o local que ocupa o palco, montado pela comissão organizada pela Prefeitura Municipal. Aqui é representado o espaço físico em que ocorre o festejo de 16 de julho.

Em Borda da Mata, o espaço festivo é demarcado pelas praças centrais. Mas vemos que no período de festa, primeira quinzena de Julho, o lugar das praças assume outros sentidos, outros usos. Cotidianamente, é marcado como o lugar que abriga diversos serviços à população, como instituições presentes, bancos, delegacia, supermercados, lojas de roupas, bares, restaurantes, lojas de eletrodomésticos, prefeitura municipal e a Igreja Católica.

Diante de diversos usos, vários significados são construídos para este espaço que se formam pelas relações humanas estabelecidas. Ao refletir acerca do uso dos espaços urbanos Arantes Neto relaciona as questões que possibilitam a significação de determinado espaço na cidade.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de “pertencimento” (2000, p. 106).

As praças centrais que, no dia-a-dia, concentram opções de serviços, conforme citado, no período festivo materializam como um espaço simbólico para os bordamatenses. Ali é constituído o lugar da festa, em que lembranças e experiências são vivenciadas. Sobressai o mero uso corriqueiro pela função de abrigar o cenário festivo, que possibilita diferentes interações, como os shows, as barracas de comidas e bebidas e o comércio popular oferecido pelos barraqueiros. Deste modo, vemos o espaço central da cidade se transformar no lugar que é regido pelo lazer, encontro, devoção, diversão, quebra do cotidiano.

Não se constitui um mero acaso os festejos serem realizados nas praças centrais, mas sim o rememorar de outras vivências festivas, pelo fato, de que este evento é realizado há mais de noventa anos, mesmo com suas ressignificações ao longo do tempo, as praças centrais trazem sim um sentido marcante por ser o principal espaço coletivo da cidade de Borda da Mata.

Ao narrar seu olhar sobre a festa organizada pela Prefeitura Municipal, Juliano dos Santos, que trabalha no guichê da empresa rodoviária de transportes Gardênia, aponta:

“particularmente gosto, porque é uma época gostosa assim, todo mundo que mora na cidade espera esta época. Muitos podem criticar, muitos podem elogiar, muitos não estão contentes com os shows que faz na praça e tal, mas eu particularmente gosto”¹¹⁶.

Juliano centraliza sua fala na questão pessoal ampliando para as diversidades de opiniões que circulam entre a população bordamatense. A partir de sua memória outras memórias são evidenciadas, ou seja, quando o narrador permite apresentar suas lembranças e posicionamento realiza um processo de tessitura de suas memórias compartilhadas com outras. Um processo movido por diferentes lembranças que foram compartilhadas ao longo do tempo, constituindo um amálgama de olhares.

Domingues em seus estudos defende que “as memórias são, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente” (2007, p. 20).

Devido suas experiências nas festas, o jovem entrevistado pode emitir seus olhares e críticas. De início, elenca sua preferência a este evento como “época gostosa”, atribuindo-lhe um caráter como momento diferenciado do restante do ano. Um marco temporal é estabelecido, pelo fato de proporcionar uma dinâmica com moldes específicos gerando relações múltiplas que envolvem, por exemplo, opção de lazer, encontro com amigos, oportunidade de assistir a shows de gêneros diferentes. Mas, sua fala se sustenta como a expectativa, segundo ele de “todo mundo que mora na cidade”. A jovem Patrícia Aparecida Pereira explanou sobre as práticas referentes aos moradores da zona rural: “O que percebo é que mais vem é o pessoal da zona rural comemorá a festa de Nossa Senhora, né? Vem na procissão, vem de dia na missa. E os jovens não gostam muito desta parte, não é que não gosta, que tá lá divertindo esquece um pouco da parte religiosa”¹¹⁷.

A dicotomia de que o campo está ligado à religiosidade e a cidade à diversão, demonstra certo preconceito. Não há jovens que residam na zona rural e gostem de diversão? Um olhar ingênuo frente aos dois festejos generaliza os públicos que os frequentam.

Retomando a fala de Juliano que apresenta um panorama sustentado nas divergências de opiniões que se referem aos shows realizados nas praças centrais, deparamos com um contexto múltiplo regido pela discordância na questão de quem reside ou não nas proximidades do centro de Borda da Mata. O jovem narrador reside em um bairro próximo ao centro e sentencia que, particularmente, gosta da festa com sua estrutura atual.

¹¹⁶ Juliano dos Santos. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹¹⁷ Patrícia Aparecida Pereira. Em Borda da Mata, 15 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Trilhando na discussão do território da festa, que é o espaço conquistado e possui diversos significados, Matos, ao estudar a temática referente à cidade, compreende a “noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias” (2002, p. 35). Frente a isto, entendemos as diversas narrativas que são produzidas a partir do lugar, em que é manifestada a festa organizada pela Prefeitura Municipal.

A relação baseia-se entre o sujeito social e o espaço que é ocupado. O ocupar não se restringe, somente, a estar ali e, sim, interagir de diferentes modos, que possibilitam atribuir significados aonde se ocupa.

O centro de Borda da Mata se modifica com a proximidade da festa. Isto corresponde, também, na mudança de como interagir com este espaço. Durante o ano o espaço atua como ponto de convergência de serviços e compras, mas no período festivo arquitecta-se como um espaço de lazer, diversão.

A questão de atribuir os significados a este espaço se deve pela experiência e reflexão, que é promovida diante dos dias de festa. Adolfo Cabral Júnior estabelece em sua fala um contraponto histórico ao referir acerca das praças centrais.

É exatamente entre as duas praças, certo? Acabou-se tudo, neste lugar que é... neste lugar que a... até hoje é feito o... é feito o palco. Então ali, quando faz o palco ali, historicamente, falando, aquilo é a substituição, né? Se uma coisa familiar que a gente tinha, passa uma coisa mais controlada pelo poder público, né? E aí então isto... esta festa foi ela tomando essa coisa que eu acho meio gigantesca.¹¹⁸

Apoiado em suas memórias, Adolfo relata que a dinâmica no tempo presente no momento em que é montado o palco para os shows, entre as praças Nossa Senhora do Carmo e Antônio Megale, sentença como uma ruptura, que “acabou-se tudo”. Ou seja, um novo sentido é instaurado no festejo.

Ao remeter-se ao passado, buscando as festas religiosas que ocorreram no centro de Borda da Mata, em frente à Igreja Matriz, com o envolvimento, basicamente, familiar, o narrador aponta um momento em que todos se conheciam e se confraternizavam, ato restrito à população do município. É esta dinâmica que estabelece parâmetro para discutir a atual estrutura da festa.

Imprimindo sua significação para este espaço, demarca o pertencimento ao modo de festejar, que não ocorre na atualidade. A possessividade por aquilo que havia antes é

¹¹⁸ Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

articulada pelo termo substituição, que demonstra que a dinâmica atual não possui mais o mesmo sentido e está em outras mãos.

O poder público municipal detém o respaldo para a organização do evento, realizado de acordo com os seus interesses e princípios.

Adolfo, também, observa que ao “ser controlada pelo poder público” foi promovida uma remodelação que, paulatinamente, tornou-se “gigantesca”. De uma interação familiar junto ao padre passou-se a uma dinâmica que mescla shows, durante um período de 7 a 10 dias, barracas com comidas e bebidas, brinquedos chamados de parquinho e as ofertas de produtos variados “pelos barraqueiros” oriundos de outras cidades.

Com a busca de propagar a dimensão do evento foi publicado na Revista Cereja, a seguinte matéria “Tradicional festa anima Borda da Mata” que descreve:

Tradicional na região, a festa reúne milhares de pessoas. Em meio a uma estrutura com palcos, telões, praça de alimentação, barracas de roupas, calçados e outras bugigangas, os moradores da cidade e os visitantes puderam participar das festividades religiosas e se divertir ao som de bandas¹¹⁹.

Ao traçar o cenário festivo a presente revista, que tem o foco comercial, ou seja, divulgar empresas e serviços de diferentes ramos que a custeiam às cidades ao redor de Pouso Alegre, referiu-se, primeiramente, como “Tradicional na região”. O intuito se sustenta em evidenciar não apenas um evento dos bordamatenses, mas ao mesmo tempo, às cidades circunvizinhas. Essa ampliação geográfica busca visibilizar um cenário propício para que os habitantes de outras cidades tenham interesses em usufruir de tal estrutura.

Juntamente com esta estratégia de marketing em atrair visitantes, deparamos com o cartaz de divulgação da festa do ano de 2008 com os seguintes dizeres: “Programação do Maior Evento do Sul de Minas em Praça Pública, 84 anos de Emancipação Político-Administrativa da cidade de Borda da Mata ‘Capital Nacional do Pijama’”.¹²⁰

As atrações musicais são gratuitas para a população e visitantes, sendo realizado no centro de Borda da Mata. O primeiro dizer do cartaz é provocar certo impacto, por estar frente à programação do maior evento do Sul de Minas em praça pública. Promove-se, intencionalmente, a chamada de atenção para o evento organizado pelo poder público municipal. Outro ponto é a definição da cidade como a “Capital Nacional do Pijama”, pelo fato da cidade possuir várias lojas dedicadas a este ramo que atrai compradores de diversas regiões de Minas e São Paulo.

¹¹⁹ Revista Cereja, nº 05, agosto de 2009, p.03.

¹²⁰ Cartaz da festa do ano de 2008, organizado pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata.

O poder público local investe na promoção de uma imagem calcada no lazer, na diversão voltada para todos ao alegar o evento em praça pública, ou seja, aberto, sem restrições. Ao traçar a definição como o maior evento do Sul de Minas é intencionalizado o possível evidenciamento do município diante das cidades vizinhas. Estampa-se uma imagem de que o evento não se dirige, apenas, aos habitantes do município de Borda, mas extrapola este território político, motivado na propaganda de uma administração política municipal que se atém à organização de uma festa, que visa celebrar a emancipação da autonomia política do município.

Com estes pressupostos, no período festivo na primeira quinzena de Julho em Borda da Mata, grande contingente de pessoas da região sul mineira se desloca para fazer parte das festividades de 16 de julho.

Juliano dos Santos, que prefere a “festa da rua” narrou a situação diante do grande número de pessoas na festa realizada na praça central.

Além da praça da cidade, o centro da cidade não ser muito grande. Montar o palco, montar o parque, tem as barracas de comida, ficar aquele aglomerado de gente. No show do Daniel mesmo, eu tava... eu e a moça que trabalhava comigo, a gente tava no show... a gente foi quase pisoteado no local, onde a gente tava. E além de tá muito apertado, colocaram freezer para vender bebida no meio da rua, tal. Então tinha gente que quase caiu dentro do freezer [risos]. Eu acho que a cidade não tem estrutura para este tipo de show, não no centro, não. Tem que ser num local fechado, local grande para ter este tipo de show.¹²¹

A administração política do prefeito Benedito Cobra Filho, conhecido popularmente como Cobrinha, em seus quatro anos de governo, de 2005 a 2008, utilizou nos cartazes de divulgação da festa o slogan: “O maior evento do Sul de Minas em Praça Pública”. Ao difundir o evento, alguns problemas surgiram como menciona, acima, o interlocutor Juliano.

A primeira preocupação observada é a extensão da praça, segundo Juliano “não ser muito grande”. Essa dimensão abriga as estruturas que possibilitam a organização do cenário festivo. Com esses elementos, os moradores e visitantes compartilham o espaço da praça da cidade.

¹²¹ Juliano dos Santos. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

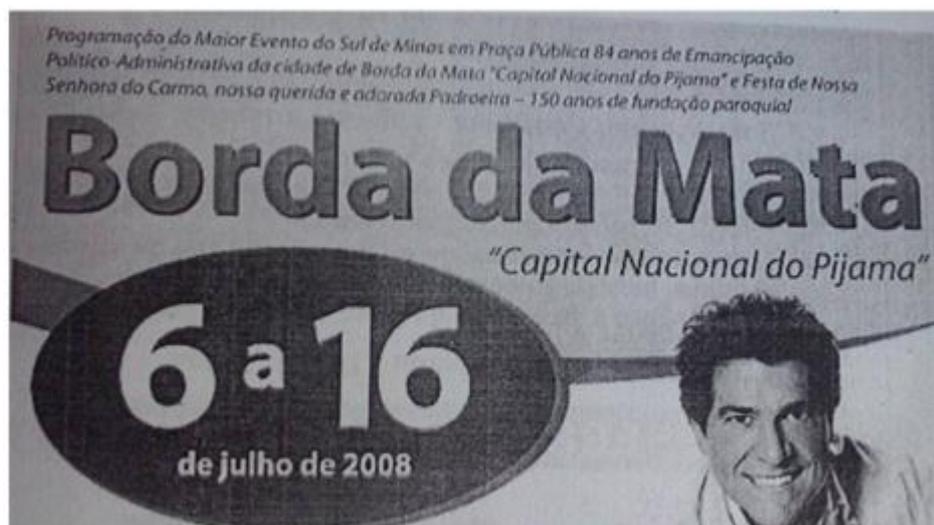


Imagem 21 – Cartaz da Festa do Aniversário da Cidade no ano de 2008¹²²

Um das marcas da festa são os shows de cantores sertanejos e de outros gêneros musicais, que são custeados pela própria prefeitura. No caso, citado por Juliano, o show do cantor Daniel, que possui certo prestígio entre os apreciadores de música sertaneja, proporcionou grande movimentação na festa da cidade de 2008.

Conforme exposto na primeira página do Jornal Tribuna Popular, em seu número 153, “show do cantor Daniel atrai quase 20 mil pessoas em Borda da Mata”¹²³. Na intenção de expor uma imagem da festa como repleta de pontos positivos, deparamos com a fala acima do jovem bordamatense que expressa suas vivências neste dia da festa, elencando pontos não divulgados na matéria elaborada pelo Jornal Tribuna Popular. Temos ciência de que a imprensa exerce um papel de propagador dos acontecimentos e de conhecimentos, mas essa função pode sofrer distorções mediante os interesses daqueles que a financiam.

A narrativa do jovem especifica o acontecimento do show que, segundo ele, atraiu um “aglomerado de gente”. Primeira questão apresentada se esbarra no show acontecer em praça pública, ou seja, não há nenhum controle para a quantidade de pessoas que assistiram ao show. Essa situação implica em um ambiente marcado pela insegurança, em que qualquer tumulto poderia provocar acidentes.

Diante do grande contingente de pessoas reunidas em um espaço, como a praça, torna-se vulnerável a atuação dos policiais militares e seguranças contratados pela Prefeitura, que sempre estão presentes nas festas, pois a concentração de pessoas favorece a realização de delitos e/ou brigas, visto que a venda de bebidas alcoólicas é feita sem nenhuma fiscalização.

¹²² Reprodução do *Jornal Tribuna Popular*, ano XII, nº 151, 30 de junho de 2008, p. 08.

¹²³ *Jornal Tribuna Popular*, ano XII, nº 153, 31/07/2008, p.01.

Outro ponto é a presença de um freezer em plena praça pública com o objetivo de vendas de bebidas. Comprendemos que não há uma fiscalização efetiva no que tange à organização do espaço da festa. Isto é visto pela fala do narrador ao apontar que “colocaram freezer para vender bebida no meio da rua”. Em um contexto marcado pelo grande número de pessoas, a presença do freezer para a venda de bebidas produz um cenário favorável a acidentes. Entendemos que a prefeitura não trabalha para o bem estar e segurança dos moradores e visitante que frequentam a festa. Todavia na fala do depoente subtende-se que a praça como espaço aberto é regido pela desordem e insegurança.

Ao afirmar que a festa “tem que ser num local fechado, local grande para ter este tipo de show”, o narrador evidencia a busca pela organização sustentada pela segurança e controle. E, também, os riscos a que todos que participam estão sujeitos no espaço aberto. Muitos assaltos a casas da população ocorrem neste período de festa, pelo fato de grande parte da população se dirigir à praça central e, assim, facilita a atuação de assaltantes. Da mesma maneira, ocorrem os roubos de carros, pois o número de veículos é superior ao de estacionamentos improvisados para o momento, ficando os carros estacionados nas ruas que circundam a praça da cidade gerando um facilitador para a ação de roubos e arrombamentos.

Ao relatar a relação dos shows e o espaço da praça, Regina Moreira, diretora do departamento municipal de Cultura e Esporte afirma:

Os shows, eles estão sendo cada ano melhores, né? Embora este ano achei que estava razoável e a cidade não comporta o número de pessoas que vem, porque o boca-a-boca é muito forte, né? “Vamo pra festa da Borda? É de graça, é show de graça” [...]. Na praça. O espaço se tornou pequeno. Primeiro porque a Prefeitura tem que fechá os canteiros com alambradinhos de ferro. O jardim, o jardim bonito que fico caro. A prefeitura tem muito carinho pela festa, mas as pessoas que vem não vem com a mesma convivência.¹²⁴

O que atrai as pessoas, segundo Regina, são os shows contratados pela Prefeitura Municipal. Definindo-os como “cada ano melhores”, sua fala é pautada pelo fato de que isso se deve ao trabalho realizado pelo poder público municipal interessado em proporcionar um lazer de qualidade para seus munícipes e visitantes.

Um aspecto pertinente no diálogo de Regina é que o contingente de pessoas que se dirigem a Borda da Mata para assistirem aos shows é devido à circulação de informação. Essa circulação que é, popularmente, definida por “boca-a-boca”. Mas, também, é feita pela divulgação da programação da festa por meio de cartazes, que são confeccionados sob a

¹²⁴ Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

responsabilidade da Prefeitura Municipal. O atributo de maior peso se deve à gratuidade dos shows realizados na praça.

Assim, a disputa do espaço para assistir aos shows é travada com os alambrados colocados aos redores dos canteiros dos jardins, evitando a destruição das plantas que ornamentam o espaço público. A preocupação na conservação dos canteiros é porque o jardim da Praça Antônio Megale foi remodelado e segundo Regina “ficô caro”.

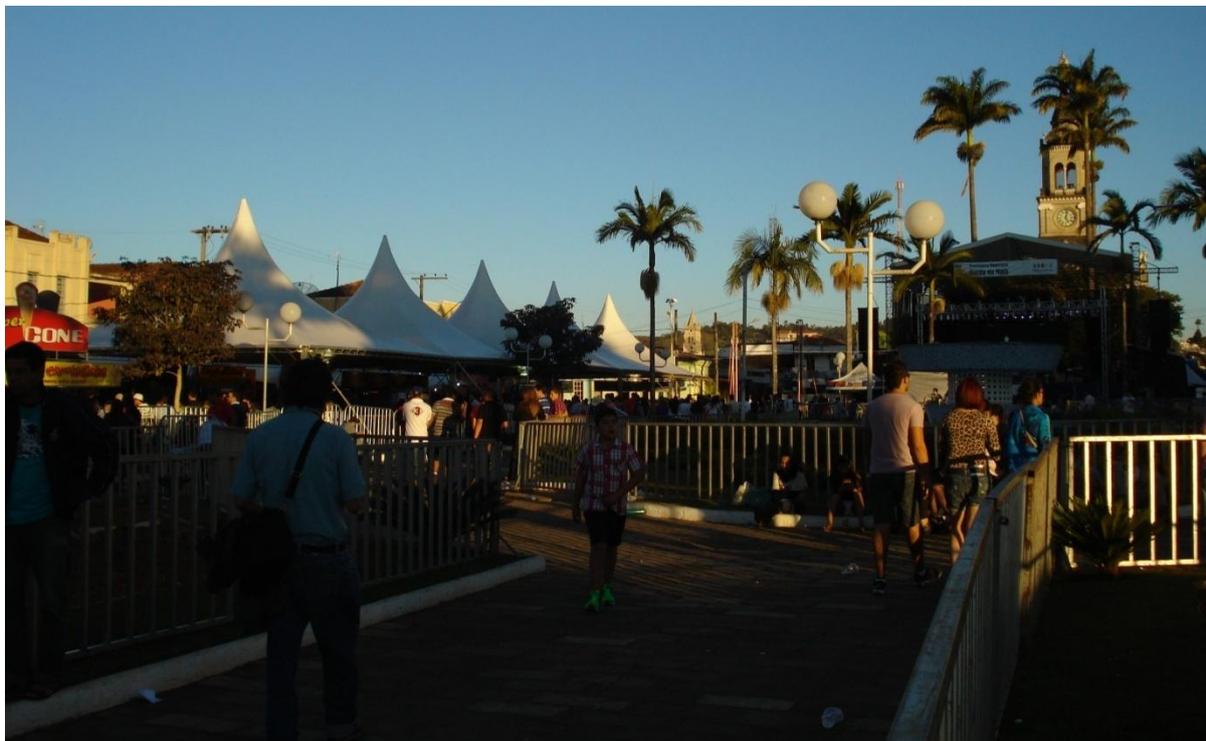


Imagem 22 – A praça Antonio Megale com estrutura para proteção do jardim nos dias de festa.¹²⁵

Com estes alambrados o espaço disponível se limitou. A circulação de pessoas é restringida na busca da conservação dos jardins que integram o espaço central de Borda da Mata, pelo fato também de ser um dos principais cartões de visitada cidade, senão o único.

O cenário que é constituído durante os shows é descrito por Cilene: “[...] é muita baderna, garrafa, brigam no meio de povo. O povo não tem educação e um entra e sai. E a gente ali fica parado vendo o artista e tão brigando, andando, conversando, fumando, tudo em volta da gente. Acho que pra cidade não é importante recebe uma multidão deste nível.”¹²⁶ Nesta fala fica evidente a questão da falta de segurança, mediante o grande número de frequentadores na festa no espaço da praça dividido com as barracas. Cilene aponta um

¹²⁵ Fotografia do acervo do próprio pesquisador. Fotografia retirada no dia 16 de julho de 2013.

¹²⁶ Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

cenário concebido por um desconforto, em que não é possível apreciar as apresentações musicais, os shows, de uma forma tranquila, devido à movimentação intensa e de um contexto de insegurança, onde o consumo de bebidas alcoólicas é excessivo, assim, propiciando a ocorrência de brigas no meio da multidão. Vemos que o lazer se modifica, fomentando um clima de tensão e cuidado.

Adolfo Costa Júnior ao discutir a questão da segurança na festa da praça narra um incidente envolvendo o carro de um sobrinho que, ao ser anunciando que o automóvel estava em chamas, assustado, foi, com o tio, até onde estava o veículo. Segundo ele, levaram um bom tempo, pois a praça estava lotada de pessoas. E quando chegaram ao local, à polícia lá já se encontrava. E mediante questionamento do policial sobre a estrutura da festa relembra:

E ele falou: “Vocês tem que repensâ este movimento que vocês fazem aqui na Borda, porque é impossível a gente controla. Imagine se neste momento alguém quebra uma garrafa lá na praça e mata o outro. Eu não consigo chegar lá agora. Vocês não imaginam na questão de segurança o risco do que vocês correm.”¹²⁷

Na narrativa acima a festa é vista como movimento, sendo definida sem exatidão, como algo amorfo. Pelo fato, de que não há a possibilidade, segundo o policial que dialogou com o depoente, não se pode ter controle. E com tom de advertência, conduz a reflexão sobre a vulnerabilidade que a dinâmica da festividade em espaço público proporciona, gerando situações que, devido à localidade e concentração de pessoas, podem provocar algumas situações, como por exemplo, discussões, brigas, entre outros.

Se sacrifica o sossego das pessoas, vamos dizer, né?! Fica incomodado com a festa aqui na minha casa, porque na minha rua ta o pessoal fazendo bagunça, ta o povo bêbado, se eu ligo na policia ninguém vai ligar pra mim e vão dizer “ta tendo festa meu”, né? O valor festa supera todas as coisas, né?¹²⁸

O contexto da festa supera qualquer situação, como é visto na fala de Adolfo: “Tá tendo festa meu” apresenta a perspectiva de que a ocorrência da festividade resume-se nestes contextos e contratempos, porém a festa é algo da cidade. Realizada na cidade, constitui um período pelo qual a população bordamatense aguarda e anseia e que marca as suas memórias. São registrados eixos cronológicos nas vidas dos sujeitos sociais agraciados com este tempo alegre, regido por experiências marcadas por gestos, valores que são lembrados e reafirmados.

¹²⁷ Senhor Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹²⁸ Idem.

De acordo com Guarinello, a “festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais” (2001, p. 972). Aqui compreendemos que o fazer uma festa se estabelece em uma bagagem histórica, ou seja, um respaldo que sustente o porquê de propor e vivenciar um festejo.

E este festejar se estrutura num tempo e lugar definidos e especiais. Certo disto, o dia 16 de julho em Borda da Mata se configura no tempo carregado de significado, como celebrar a padroeira, comemorar o aniversário do município, constituindo um dia de reunir a família, encontrar amigos. E estas dinâmicas são vividas em lugar que é o centro da pequena cidade.

Mas o local festivo durante os anos de 1997 a 2000 foi remanejado para a Avenida João Olivo Megale.



Imagem 23 - Mapa da cidade: os diferentes lugares da festa¹²⁹

No mapa vemos o centro da cidade demarcado em verde, quanto a Avenida João Olivo Megale, apontada em vermelho, espaço em que se realizou a festa do aniversário da cidade organizada pela Prefeitura Municipal, pela administração de 1997-2000.

De acordo com o jovem Carlos Rafael houve insatisfação quando ocorreu a mudança de local do evento.

¹²⁹ Mapa da cidade: Disponível em

https://www.google.com.br/maps/place/Borda+da+Mata+_+MG/@22.2732285,46.1654682,368m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x94cbd773fbd2a367:0x8fa36ee6c02b7f8e. Acesso em 24 de maio de 2014.

Olha, é uma questão complicada porque o seguinte quando tentaram mudar o lugar da festa, né? Quando fizeram ali a avenida [João Olivo Megale]. [...] a cidade, o pessoal reclama muito. [...] e...na época tinha um esgoto, tinha mau cheiro, reclamava que era frio, que era longe.¹³⁰

Ao referir acerca da mudança do local da festa, inicia sua fala no tempo presente, isto demonstra pertinência ao tratar dos problemas que envolvem a realização da festa. Esta “questão complica” implica a articulação com as propostas pela comissão organizadora da prefeitura municipal e a população que vivencia o festejo. Sua narrativa é demarcada por diferentes temporalidades. Assim, entendemos que “a memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas” (THOMSON, 1997, p. 57).

Carlos Rafael constrói sua memória alicerçada neste jogo que permeia diferente temporalidade. Reportando ao momento que “tentaram mudar o lugar da festa”, ele avalia que essa alteração de local não foi definitiva.

Mediante a mudança, a população que participou destes festejos respondeu com uma postura de resistência, pois a Avenida João Olivo Megale está localizada em uma posição geográfica mais baixa que o centro da cidade. Também foi formada a partir da cobertura de um pequeno riacho, que recebe o esgoto de parte do centro da cidade e do bairro Nossa Senhora Aparecida. Assim, diante do fragmento da entrevista de Carlos Rafael, a população que ia até o “novo” local da festa e se incomoda com o mau cheiro e do mesmo modo com o frio, pois a festa do aniversário é realizada na primeira quinzena de julho, período de intenso inverno, que é uma marca da região sul mineira.

Outro ponto é ressaltado pela questão que “era longe”. O dia 16 de julho é marcado pelos festejos, o religioso e do município, um contexto divergente e que, simultaneamente, se completavam. Com o deslocamento, a festa organizada pela Prefeitura Municipal, com sua estrutura, promovia uma quebra e o afastamento de duas peças que regiam os festejos. Muitas pessoas participam das celebrações religiosas e logo após se dirigem para a festa na praça. Com a mudança de lugar esta prática se rompe, estabelecendo a distância dos dois festejos, apontada por Carlos Rafael.

A insatisfação pelo local em que estava sendo realizada a festa se tornou um dos assuntos que circulavam pelas ruas de Borda da Mata. Conforme, vemos no editorial do

¹³⁰ Carlos Rafael de Freitas, Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antonio da Costa.

Jornal Tribuna Popular de agosto de 1998, que enfatizou a questão do local em que a festa organizada pela Prefeitura se realizou.

A Festa da Cidade que já virou tradição e há muitos anos é realizado com barraqueiros de fora só prejudica os bordamatenses. Este ano que foi mudada de local, o que se via pelas ruas era o povo discutindo sobre ela. Falava de tudo. Que tinha matado a festa, outros até apelidaram o local de “sapolândia”, de “Shopping [sic] das Amoreiras”, alguns barraqueiros elogiavam e outros reclamavam, algumas pessoas gostaram de ver a praça limpa e assim se foram os dias da festa e dos comentários.¹³¹

Em consonância aos estudos de Luca sobre a imprensa que enfatiza:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas (2011, p.140).

Por meio destas orientações metodológicas ao analisar as páginas de um jornal, vemos que a “confecção” de uma notícia impressa perpassa diferentes questões, que são ligadas aos interesses de quem patrocina, de quem edita, ou seja, estabelece-se uma teia de interesses que se materializam nas páginas de um periódico.

Com perfil mais crítico e reflexivo, o editorial “‘Festa da Cidade’ não é festa da cidade”, traz à tona pontos que circulam a festa organizada pela Prefeitura Municipal. Um desses pontos é a presença dos barraqueiros, que são comerciantes oriundos, na sua maioria, de outras localidades, e ofertam vários produtos como roupas, calçados, brinquedos, utensílios de cozinhas e outras bugigangas, e que terão maior atenção logo à frente.

O cerne deste fragmento para nossa análise se concentra na seguinte parte: “Este ano que foi mudada de local, o que se via pelas ruas era o povo discutindo sobre ela. Falava de tudo”.

A cidade se configura como espaço dos conflitos e tensões. E a festa realizada no dia 16 de julho com o intuito de comemorar o aniversário da emancipação político-administrativa do município materializa um dos momentos mais aguardados, por proporcionar uma temporalidade diferenciada.

A festa introduz um parêntese nas vidas das pessoas: as preocupações e os problemas são esquecidos, as tarefas repetitivas dão lugar aos ritmos inéditos e frequentemente endiabrados. As estruturas rígidas da vida social apagam-se: as barreiras caem, a alegria é geral, todo mundo se fala (CLAVAL, 2004, p. 27).

¹³¹ *Jornal Tribuna Popular*, Ano II, nº 18, 15/08/1998, p.02.

A pequena imprensa bordamatense trouxe das ruas para suas páginas, as discussões acerca do novo local da festa. Um evento anual organizado em praça pública com duração de 7 a 10 dias promove, áqueles que moram no centro e proximidades, certo desconforto. O barulho, a música alta, o mau cheiro provenientes do ato de urinar nas ruas compõem elementos que provocam aversão por parte destes moradores durante o período festivo.

O centro da cidade se constituiu aos longos dos anos como o local da festa. Primeiramente, pela festa religiosa realizada ao redor da igreja matriz. Outro ponto, pela construção deste espaço festivo durante os anos de festa pelos moradores e visitantes. As experiências que perpassam as festas de 16 de julho se materializam no centro da cidade. Quebrar este cotidiano festivo demarcado pelo espaço da praça central traz outros modos de vivenciar a festa. Deste modo, não sendo realizada da mesma maneira, consideram que a festa foi morta, pois, realizada de uma maneira já cristalizada na vida dos bordamatenses ao ocorrer essa ruptura, surgem denominações jocosas sobre o novo local da festa.

Os apelidos citados como “Sapolândia”, “Shopping das Amoreiras” remontam a um humor regido pela ironia quanto à realização do evento na Avenida João Olivo Megale, esta localizada, em relação à praça central, numa área mais baixa, próxima a um riacho, local onde proliferam anfíbios. Ao denominar o espaço como “Shopping das Amoreiras” configura-se o local destinados aos comércios populares, que são as barracas e sua organização na avenida , juntamente, como a movimentação nos dias de festas para a obtenção de diferentes produtos com um custo bem abaixo.

Patrícia Pereira narra seu olhar ao novo local para a festa. “Uma vez lá foi na avenida, a festa foi um horror, um deserto. O pessoal não quis, era muito frio era muito mau cheiro, o pessoal, a festa aquele ano foi... contar nos dedos quem tava na rua. Quanto na praça lota, eu prefiro a praça”.¹³²

Sua fala registra a oposição quanto à festa na Avenida João Olivo Megale. Ao definir como “um horror, um deserto” sua narrativa é sustentada pelo fato de que “o pessoal não quis”. Sua crítica quanto ao local se configura de forma compartilhada com outros sujeitos, que também não aceitam o novo local.

As lembranças da jovem Patrícia reportam a uma cumplicidade que impregnou entre os bordamatenses que refere ao modo de festejar em Borda da Mata. Ai se concretiza um novo modo de uso de um espaço da cidade que, segundo as experiências apontadas, não é

¹³² Patrícia Aparecida Pereira. Em Borda da Mata, 15 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

tido como o local propício para a festa. Portanto, a perspectiva de festa esbarra com os usos dos espaços da cidade. Pois:

a idéia da cidade é uma construção dos homens, não sendo apenas racional. Ela é a memória organizada e construção convencional. A mudança é a característica das cidades, mas toda mudança tem história e personagens, além de uma trama de desejos individuais e de projetos (RAMONEDA, 1994, p. 18).

Com essa perspectiva, notamos que a cidade é como uma construção que é resultado do esforço, tanto individual quanto coletivo, na concretização deste espaço. Porém este espaço, que é a cidade, percorre valores e sentimentos que são atribuídos mediante ao uso deste. Ao perceber a festa em Borda da Mata como um elemento que se movimenta, ou melhor, se desloca, vemos que os locais onde são realizados os eventos terão, desta forma, diferentes significados. Assim, deparamos com os festejos organizados pela administração municipal de 1997 a 2000.

Diante deste cenário de insatisfação em decorrência da mudança do local, as páginas do *Jornal Tribuna Popular*, em seu número 30, ano III, de agosto de 1999, oferecem o seguinte olhar:

Desde 1998 a Festa de aniversário da cidade vem acontecendo na Avenida João Olivo Megale. Com essa iniciativa, a administração tentou separar definitivamente as festas religiosas (dia de Nossa Senhora do Carmo) e social que sempre ocorreram em conjunto. Não é necessário dizer o quanto essa decisão favoreceu as celebrações em louvor à padroeira, uma vez que com as praças desocupadas é possível realizar procissões, carreatas, como aconteceu esse ano, e missas campais sem a interferência do som altíssimo do palco e daqueles que só estão interessados em passear e divertir¹³³.

Aqui é exposto o objetivo do poder público quanto a realização da “festa da cidade” em outro local. Seu ponto de partida é a separação da festa religiosa do evento municipal. Ao expor que “essa iniciativa, a administração tentou separar definitivamente as festas religiosas [...] e social que sempre ocorreram em conjunto” traz em si algumas controvérsias. Primeiramente, temos ciência de que da festa religiosa se desdobrou em festa “social” da prefeitura. No passado a igreja produzia sua festa social, com as quermesses, bingos, leilões e shows, mas com o intuito voltado para a aquisição de dinheiro para manter as suas atividades religiosas. Com a lei orgânica, desde 1991, legalmente, a festa da cidade é separada em sua organização e objetivos. Apontar que “sempre ocorreram em conjunto” é uma afirmação errônea.

¹³³ *Jornal Tribuna Popular*, nº 30, ano III, 15 de agosto de 1999, p. 13.

Mediante a instalação do festejo municipal houve a elaboração de duas festas, divergentes, que são realizadas na mesma data.

A principal preocupação do governo municipal é o desmembramento da festa em vista da parte religiosa. Por meio desta decisão estabeleceu um espaço propício para as atividades religiosas fora do templo. Também, o desvinculamento se dá com o objetivo de evitar “interferência do som altíssimo do palco e daqueles que só estão interessados em passear entre as barracas e se divertir”.

Alterar o espaço festivo produziu uma ressignificação para o ato de festejar em Borda da Mata. Com o novo modo de viver a festa, vários olhares foram engendrados, uns de apoio, outros não. As experiências que permeiam o evento ligado ao aniversário da cidade partem da dinâmica evidenciada quanto ao local em que ele é realizado.

Buscamos evidenciar não uma interpretação ou compreensão que é descrita pelos jornais, pois que estão interligados ao poder público devido a interesses e influências, mas sim, outras versões que possibilitam compreender diferentes olhares para este festejo dentro do espaço urbano e com as problemáticas que desabrocham com as interações que acontecem dentro do cotidiano festivo.

Essas problemáticas partem das relações que são entrelaçadas entre sujeito social e festa, possibilitando uma gama de significados, pois estes emergem diante das experiências vivenciadas frente às interações estabelecidas. No que tange à experiência, trazemos a contribuição de Thompson, discutindo que:

as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem certo praticantes teóricos) como instinto proletário, etc. elas experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidade, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (1981, p. 189).

A vivência com a festa possibilita esta experiência, com isto a produção de diferentes percepções ou considerações são produzidas pela inserção política dentro da comunidade. É por este prisma que o sujeito social molda sua significação diante de suas experiências. Os participantes da festa trazem si esta interação culminada pelos anos de vivência com o evento. E, do mesmo modo, ao local em que é realizado o evento municipal de 16 de julho.

Experienciar a festa em outro local, que não o centro da cidade, traz o sentimento de falta, de carência de um elemento que marca o evento que é sua concretização em praça pública, no centro da pequena Borda da Mata.

Frente a este olhar, notamos a relação entre festa e cidade, que Fernandes analisa:

Fazer festa é transformar a vida social em vida pública. Trata-se de atividade disputadíssima em toda a sociedade, um território pelo qual distintos grupos sociais se enfrentam. É coisa de quem tem muito o que fazer, dos que desejam promover ou influenciar a produção da identidade de um grupo social. Nos palcos, estádios, praças e ruas, a festa é sempre uma arena onde se desenrola uma ação coletiva especial, na qual uma comunidade dispersa, heterogênea e dividida se expressa como um grande sentido de unidade e comunhão (2004, p. 58).

O espaço demarca vários sentidos em que é realizada a festa. O cenário festivo se concretiza em um determinado local, que proporciona diferentes interações e culmina na comunhão e unidade. Nisto, compreendemos que unidade e comunhão que devem ser produzidas por meio da festa, não se concretizaram nos anos em que a dinâmica festiva foi dada na Avenida João Olivo Megale.

A senhora Terezinha Pires fala sobre suas considerações sobre a mudança da festa para outro local, referindo a limpeza da praça e a insatisfação da população.

Eu achei que foi uma limpeza, parece, se não me engano foi no governo do doutor Dorival, foi no governo dele, maravilhosa, ele fez os camarotinhos, tudo bonitinho, bem arrumadinho, entende, os galpão tá todo lugado. Fico uma festa bem... bem assim bonita, mas infelizmente o povão quis aqui em cima [...]. Eu tenho a impressão que a praça, que quem mora na praça, não voto. Teve uma pesquisa e depois teve eleição, não, teve um livro, o livro fico disposto lá na porta da... prefeitura e quem queria votá, tinha contra e a favor.¹³⁴

Primeiramente, elege a mudança como uma questão de limpeza do centro da cidade. Praça com barracas, palco, geram lixo, sujeira, som, outra dinâmica é configurada no espaço urbano no período da primeira quinzena de julho. Com a mudança, as praças centrais permanecem limpas produzindo certo alívio aos moradores do centro e proximidades.

Descrevendo o evento organizado pelo prefeito Dorival, também médico, um elemento que predomina é a organização. Ao se referir a essa organização apontando o diminutivo agrega-se que detalhes foram acrescentados à estrutura. Menciona certo cuidado e atenção, segundo a narradora. E, do mesmo modo, a condição acerca do festejo, implicando uma singularidade comparando aos outros realizados, demonstra que a comissão organizadora buscou provocar uma impressão de apreço à estrutura da festa, porém o local era outro.

Mas vemos que esta harmonia foi quebrada. Ao relatar que “fico uma festa bem... bem assim bonita”, notamos que nesta pausa, representada pelo sinal de reticências (...), em sua fala, a organização lógica diante da construção da narrativa, acena para uma disparidade.

¹³⁴ Senhora Terezinha Pires Ribeiro. Em Borda da Mata, 23 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

A festa pode ficar “bonita”, mas a aceitação da população não foi atribuída à estética proporcionada pelo cenário construído para o evento. Ao mencionar que “infelizmente o povão quis aqui em cima” evidencia-se que o deslocar da festa para outro ponto da cidade, não proporciona o mesmo sentido de festejar, diante das festas já realizadas no centro da cidade.

Mesmo com o espaço organizado para o fim desejado, a população não aceita o novo lugar da festa. O “povão” não compartilhou com os ideais do poder público quanto ao espaço. Diante da insatisfação popular foi promovida uma pesquisa com o objetivo de escolher o local propício para a realização do principal evento da cidade.

Terezinha Pires posiciona que os moradores de centro e proximidades não votaram. Sua fala indica que a não adesão a este processo de escolha, por parte dos residentes das praças, apontava o posicionamento de um pequeno grupo frente à população do município de Borda da Mata. O ato de não votar corresponde à indignação diante do retorno da festa para o centro da cidade.

Permeado por este cenário regado por diferentes visões, o Jornal Tribuna Popular traz esta questão referente à pesquisa entre a população com o intuito do local para a próxima festa e aponta a postura do prefeito, notificando que

Dorival diz, ainda, que fará uma pesquisa na cidade e que a opinião que prevalecer será acatada. “Se a maioria preferir que a festa se realize nas praças, eu serei obrigado a voltar atrás, mas não deixarei de pensar que a Avenida João Olivo Megale é o melhor local para sua realização”, conclui.¹³⁵

A matéria “Pesquisa entre a população definirá onde será a próxima Festa da Cidade” manifesta a não aceitação coletiva quanto ao local da festa, pois a data da matéria é de 15 de agosto de 1999, ou seja, um mês após a realização do festejo. Traz à tona que o novo espaço não compartilha com as práticas que são evidenciadas no evento. O prefeito Dorival articula a pesquisa como forma de ouvir a população, mas este já prevê o resultado.

A pesquisa foi realizada no ano de 2001, conforme a notícia que circulou na primeira capa, com destaque, do Jornal Tribuna Popular: “Pesquisa revela: 92% preferem a Festa da Cidade na Praça Central”¹³⁶ e a matéria “Festa da Cidade será na Praça Central” traz:

Foi realizado no período de 11 a 20 de junho, uma votação para a escolha do melhor local para a Festa de Nossa Senhora do Carmo. Durante três anos da gestão passada, a festa vinha acontecendo na Avenida João Olivo Megale. Como forma de democratizar as decisões administrativas e agradar a maioria, a administração 2001/2004 optou pela eleição. A Praça Antonio Megale foi a vencedora, com 1327

¹³⁵ *Jornal Tribuna Popular*, ano III, nº 30, 15/08/1999, p. 13.

¹³⁶ *Jornal Tribuna Popular*, ano IV, nº 52, 30/06/2001, p. 01.

votos contra 103 para a Avenida e será palco para as seguintes atrações: Dia 12/07 – Pilo e Banda; Dia 13/07 – Jimmi e Cabelo ;[...]; 16/07 – Belmonte e Amarái; 14 Bis.¹³⁷

O primeiro ponto do fragmento é o que significa o “melhor local para a Festa”. Promover uma pesquisa entre a população para escolher o lugar da realização do evento de julho, traz em si diversas perspectivas. O melhor local é longe de minha casa, onde o som e bagunça não alcance, mas perto da casa de outras pessoas. Um local fora da cidade que não perturbe nenhum morador. Essa questão tange o desejo de celebrar a festa em um espaço que transmita os valores que concretizem os significados múltiplos de 16 de julho entre a população de Borda da Mata.

Ao apontar a escolha do local, em questão, define ser a “Festa de Nossa Senhora do Carmo”. Isto é errôneo, pois o evento religioso tem o seu local físico que é a Igreja Matriz, hoje Basílica do Carmo. Então, o local requerido não é da festa eclesiástica, mas sim, a do evento organizado pela Prefeitura Municipal.

Retomando um detalhe bem pertinente, a postura adotada pelo prefeito Dorival que elenca a pesquisa como a solução para escolha do devido local, mas isto não ocorre em sua administração. Porém, esta prática acontece na próxima administração, 2001/2004, do então, prefeito Francisco Martinho de Melo Júnior, conhecido como Xikito. Percebemos uma estratégia política diante dessa questão que articula o modo de organizar o evento perante o espaço definido para este fim, juntamente com o apoio popular, que é o público do evento.

Assim, notamos a construção de uma imagem para a então administração popular diferente da anterior. Pautado na busca de “agradar a maioria”, usa o discurso de “democratizar as decisões administrativas”. Aqui é notório o uso da festa como um elemento que direcione a aceitação da atuação política dos habitantes do município de Borda da Mata frente às realizações do poder municipal. O problema que vigorava durante três anos entre população e prefeitura municipal se desfaz por intermédio da pesquisa. Deste modo, a Praça Antonio Megale é eleita como o local para ser realizada a festa. E o principal evento da cidade retorna para o centro.

Mas vemos que a satisfação não foi unânime, 103 pessoas votaram contra a realização no centro da cidade. Podemos identificar que esse número representa parte dos moradores que residem no centro de Borda da Mata. A volta do evento ao centro traz consigo várias situações promovidas pela falta de estrutura como lixo nas ruas, pessoas urinando nas ruas que circundam o centro, garagens impedidas pela estrutura montada na praça.

¹³⁷ *Jornal Tribuna Popular*, ano IV, nº 52, 30/06/2001, p. 03.

Adentrando o ponto atrelado, a insatisfação, deparamos com a narrativa de Carlos Rafael que descreve como a praça é encontrada após a realização da festa.

A vida inteira assim, acabou a festa todo mundo prepara pra encontrá todo aquele lixo na rua, né? Talvez fosse o caso de se pensar numa estrutura, mas também tem a questão eu acho de como lidar os donos das barracas. O que fazer para melhorar neste aspecto. E também porque as pessoas, é uma questão de sujeira, de bagunça, o que as pessoas podem fazer também para ajudar isso, o que a gente vê não é uma pessoa comendo alguma coisa e procurando um lixo pra jogá, não, ele joga no meio da rua mesmo. Ninguém procura os banheiros, que eles instalam, né? As cabines, as pessoas vão pro canto das ruas, onde tá escuro, né? E fica aquele cheiro ruim na cidade. Então, entendo sim que deve, que pode ser sim esta necessidade de se pensar mais na estrutura, mais eu sei até que ponto as pessoas vão fazer algo pra mudá. Já uma questão de educação, de principio das pessoas.¹³⁸

Diante desta narrativa, atentamos para o papel político que é possibilitado pela História Oral. Ou seja, na oportunidade de conhecer outras versões, que rompem com aquela cristalizada pelo discurso oficial que é retratada, sobretudo nos jornais e documentos oficiais. Assim nos apoiamos nas orientações de Portelli ao defender que:

Com frequência se diz, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, de ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia (2010, p.03).

Trazemos outras narrativas que possibilitam visualizar outra festa, bem diferente daquela descrita nos jornais que circulam em Borda da Mata. Nisto, concentra-se a dimensão política, explanar as demais versões que proporcionam problematizar os elementos e ações que se fazem presentes nos dias festivos.

Uma pesquisa reduzida à escolha de em qual local se realizar uma festa, oculta em si os motivos da não realização em local X ou Y, mediante um evento que é custeado por dinheiro público. O narrador Carlos Rafael descreve várias situações que decorrem frente à falta de estrutura da festa.

Frente ao cenário que a festa desdobra após sua realização, deparamos com um espaço marcado pela desorganização e falta de estrutura. Porém, a narrativa percorre desde ações públicas realizadas pela Prefeitura Municipal, quanto instituição organizadora do evento que,

¹³⁸ Carlos Rafael de Freitas. Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

diante do grande contingente de pessoas que buscam o evento, a infra-estrutura se torna precária para o efetivo atendimento.



Imagem 24 - Praça central logo após a festa.¹³⁹

Na imagem acima vemos o espaço da rua depois da realização da festa, onde faltam recipientes para depositar os materiais que são utilizados na dinâmica festiva, como copos plásticos, embalagens de doces ou comidas que são comercializados na praça, e falta de estrutura por parte da prefeitura. Carlos Rafael também aponta as ações individuais, quanto aos os participantes da festa, deixarem o lixo em local apropriado.

É este cenário que aqueles que moram no centro não querem se deparar, isto demonstra a ação realização pelos 103 sujeitos sociais diante do voto contra a volta da festa ao centro da cidade.

O retorno da festa do aniversário da cidade para a Praça Antônio Megale traz a dinâmica festiva como o modo de reafirmar o centro da cidade, por grande parte da população, como o território festivo. Ao apontar a questão de território, lembramos das palavras de Rolnik: “a ideia de território como uma ideia de espaço vivido: não só um espaço

¹³⁹ Fotografia do acervo do próprio pesquisador. Fotografia retirada no dia 16 de julho de 2013.

geográfico delimitado, mas um espaço apropriado é constituído por relações sociais, por relações culturais” (1999, p. 137).

Por meio da pesquisa, em que 92% dos votos apontaram a festa da cidade tendo um local definitivo, compreendemos território como um local conquistado a que é atribuído vários significados que são produzidos pela interação festa e a praça central.

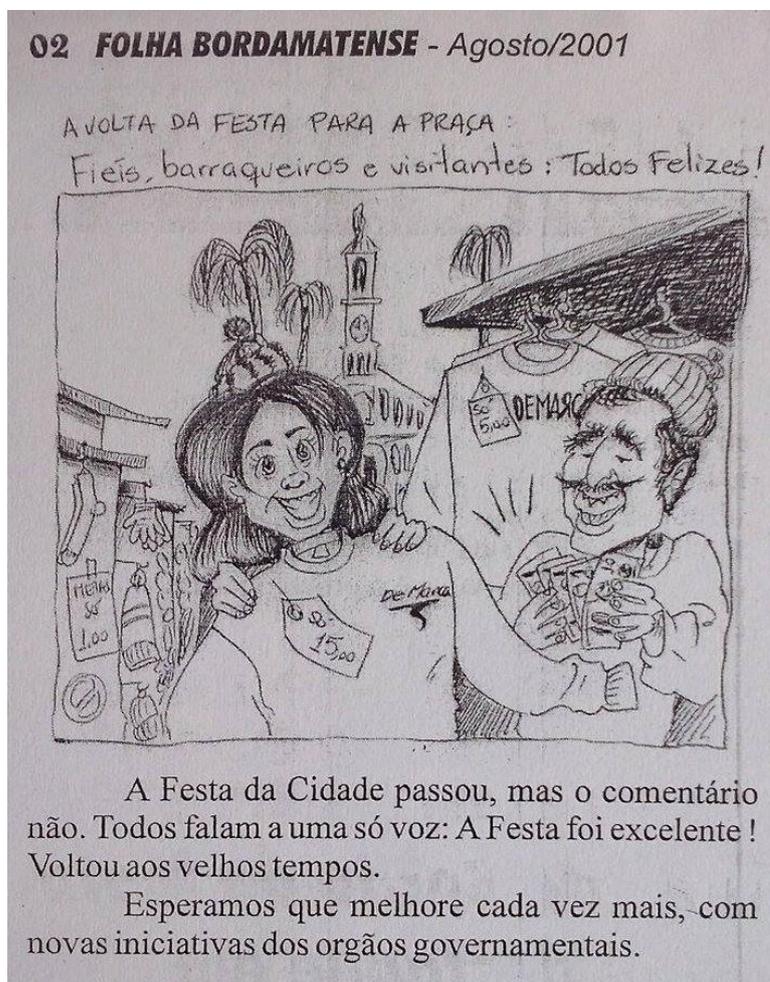


Imagem 25 - Charge: A volta da festa para a praça¹⁴⁰

A charge acima configura a volta da festa para a praça. O Jornal Folha Bordamatense ao trazer esta imagem produz vários sentidos quanto a este retorno para o centro da cidade.

Em primeiro plano aponta a questão econômica que é desenvolvida pelo comércio popular promovida pelos barraqueiros que ofertam diversos produtos a preços mais baixo e, também, com uma baixa qualidade. No fundo da imagem, em posição centralizada, está a Igreja Matriz que evidencia a interação dos festejos no mesmo espaço. Produz-se uma sintonia, certa cumplicidade entre os dois eventos, que são estruturalmente e ideologicamente divergentes.

¹⁴⁰ Jornal Folha Bordamatense, Ano I, nº 03, agosto de 2001, p. 02.

No comentário abaixo da charge, vemos a construção de manifestação uníssona, e a busca de promover a excelência da festa de aniversário da cidade de Borda da Mata. Esta questão permeia na busca de manter a imagem da administração municipal quanto sua organização e atuação do festejo. Impregnar na população este olhar ao poder público local que possibilitou o retorno da festa para o centro da cidade.

Ao apontar que “voltou aos velhos tempos” lança-se mão à perspectiva de outras temporalidades para reforçar tal excelência divulgada. Aqui é demonstrado o retorno do festejo frente ao seu local que, por três anos, foi realizado em um espaço da cidade que foi rejeitado. É configurando o dia 16 de julho articulando duas partes no festejo, regido por diferentes sentidos e por divergentes dinâmicas que compartilham o espaço central de Borda da Mata.

Trazemos o cartaz da festa organizada pela Prefeitura Municipal no ano de 2011.



Imagem 26 – Cartaz de Divulgação da Festa produzido pela Prefeitura Municipal

Torna-se pertinente analisar que o cartaz traz enunciados de duas festas. Uma de maneira destacada que se refere à da padroeira e a outra subentendendo como subtítulo a do “Aniversário da Cidade”. Porém, o olhar mais desatento nota que as atrações, que são musicais, são exclusivamente ligadas ao festejo organizado pela Prefeitura Municipal. Notamos a busca por um respaldo na comemoração organizada pela prefeitura municipal, devido a isto, a inclusão da referência à padroeira da cidade, visto que o festejo religioso é organizado exclusivamente pela Igreja Católica.

Diante deste uso referencial festivo, a narradora Cilene de Oliveira, de 44 anos, reivindicou que:

ou eles colocam alguém pra cantar de religião ou não fale que é dia de Nossa Senhora do Carmo e festa da Igreja, vão anunciar lá que é festa da cidade, que eles estão anunciando. E que este ano, por sinal, não sei se você prestou atenção, mais o prefeito falou isto que a festa é aniversário da cidade, ele foi bem claro no microfone e eu assisti, ele falou...¹⁴¹

Aqui é apontada a demarcação de territórios festivos. A interlocutora se respalda na questão de que as atrações devem condizer com a intencionalidade do festejo. Se este não oferece nenhum elemento ligado à religião, qual o motivo de denominar ou evocar como festa da padroeira? Cilene enfatiza que no ano de 2012 o prefeito Edmundo Silva anunciou que o evento organizado por ele e sua comissão é destinado ao aniversário.

Dezesseis de julho se traduz em um dia estabelecido por uma festa, que contém partes diferentes e que possuem sentidos e dinâmicas divergentes.

Não há festa sem comunidade e sem participação ativa de todos. Na festa, todos dançam ou brincam, ou cantam, ou atuam. No espetáculo, todos assistem ao que alguém ou ao que um grupo de artistas faz. O espetáculo não precisa de comunidade. Alimenta-se de espectadores. Geralmente a festa é gratuita e o espetáculo é pago pelo povo ou pelos que o patrocinam (BARROS, 2002, p. 63).

Dicotomicamente depara-se com duas maneiras de se fazer festa em Borda da Mata. Mas esta definição paralela para alguns bordamatenses não é nítida, conforme relata o jovem Carlos Rafael:

O dia de Nossa Senhora do Carmo é a data, quando penso em dezesseis de julho me vem na mente muito mais o dia de Nossa Senhora do Carmo do que o aniversário da cidade. [...] Eu... eu... não lembro tanto que é festa da cidade, eu sempre mais na questão religiosa com se a festa das barracas, toda esta parte comercial fosse vinculado mais a festividade do que a comemoração da cidade, na minha cabeça não vem como um estalo que também usa este todo contexto comercial é função do aniversário da cidade.¹⁴²

Ao descrever como vê o dia 16 de julho, Carlos Rafael aponta que o suporte para todo este contexto festivo está vinculado à questão religiosa. Esta percepção é dada por sua vivência, que foi criado em uma família católica, estudou no único colégio católico de Borda, administrado por uma congregação religiosa. Também, participou de atividades e movimentos da Igreja, como um coral e a RCC (Renovação Católica Carismática).

¹⁴¹ Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

¹⁴² Carlos Rafael de Freitas. Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Nisto, seu olhar se pauta numa sintonia festiva, ou seja, em um festejo com único sentido. Carlos Rafael, ao deparar com dia 16 de Julho, não assimila de imediato a coexistência de duas partes nos festejo. Faz-se necessário uma tomada de consciência e desconstruir sua unilateralidade ao ver a festa. Diante do cenário formado pelas barracas que oferecem vários produtos e engendram grande movimentação durante os dias da festa, vê como uma extensão da festa religiosa, mas com o exercício de compreender as distintas festas, aí sim nota as disparidades entre ambas.

Temos ciência de que este cenário de alegria, de bebedeira, comidas contém outras problemáticas que interagem frente ao comércio local versus o comércio popular dos barraqueiros: a festa como mecanismo de uso político por parte da Prefeitura Municipal e a realização de um festejo organizado pela Igreja Católica, que é a Festa do Milho, com o intuito de obter recursos financeiros para sua manutenção, fora do dia 16 de Julho.

A “festa da Borda” é compreendida de diferentes formas. Isto se deve a experiências de cada narrador que, conforme os valores, os interesses, expectativas que significam a festa de uma perspectiva distinta, possibilitando múltiplos sentidos.

Cilene Maria observa este período em Borda da Mata como um tempo diferente:

Festa da Borda pra mim é única época que a Borda fica diferente, de ruim ou mal, é... é... todo mundo que sai pra divertir, curtir um pouquinho. Eu acho que deveria ter mais atrações o ano inteiro, mas não tem, então a melhor época da cidade é esta, o pessoal fica mais animado para comprar umas coisinhas, porque tem gente que guarda dinheiro o ano inteiro pra poder ir na festa, então tem o lado musical que é ruim, mas tem o outro lado que é maravilhoso, que é o lado da diversão.¹⁴³

Frente à falta de outros momentos festivos expressivos durante o ano, a “Festa da Borda” configura-se como “a época que a Borda fica diferente”. Devido, a estrutura organizada tanto na parte religiosa quanto a da social, realizada pela Prefeitura Municipal, o dia 16 de julho se sobressai, concentrando aspectos que permitem a configuração de um cotidiano diferente e, da mesma forma, um referencial temporal para os bordamatenses.

A cidade rompe com sua dinâmica trilhada pelo trabalho, compromissos e obrigações para uma situação que propicia Borda da Mata ficar diferente.

Cilene aponta que esta diferença é pontuada “de ruim ou mal”, pois seu olhar condensa na oferta dos shows na praça pública, pelo fato de as músicas seguirem as tendências midiáticas. Como apreciadora de um estilo musical específico sentencia que o “lado musical é ruim”.

¹⁴³ Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Visto que isto é devido aos shows, na maioria de cantores sertanejos que atraem grande multidão, não só do município, mas também da região, promovendo não somente uma festa restrita ao município e sim um evento regional.

A expectativa para a chegada da festa é marcada pela animação para compras nas barracas de roupas, calçados, alimentos, bebidas, utensílios domésticos e brinquedos. Formulando uma prática destinada a economia de dinheiro reservada “pra poder ir na festa”. O ir não configura apenas em estar no espaço festivo por si só, mas sim consumir os produtos oferecidos exclusivamente neste período de festa.

Ao construir suas memórias sobre a “festa da Borda”, Regina Moreira apresenta suas considerações apoiadas na emoção e lembranças que marcaram sua vida.

A festa é nosso ponto de encontro de todos os bordamatenses que não moram aqui. Desde então há cinquenta anos, nos entramos em contato com os parentes e amigos para que esta semana, que a gente esteja aqui batendo ponto. Quem não veio é maldito! Certo? Você pode tá onde for, Estados Unidos, na Europa, no Brasil inteiro, em São Paulo. Aqui tem que tá, porque? Porque é o dia mais importante de nossas vidas como cidadã de Borda da Mata, mas no caso não só as meninas, também os meninos. E a gente se encontra sempre, eu vejo este pessoal há cinquenta anos. Esta festa eu choro é claro [voz embargada com choro] tem que chorar, desculpas. Mas, eu choro é de alegria, pois são coisas boas que aconteceram na festa.¹⁴⁴

De maneira enfática, Regina expôs seu olhar para com a festa. Compreendendo este evento na cidade de Borda da Mata como “o nosso ponto de encontro de todos bordamatenses que não moram aqui”, devido sua realização dar-se em um período específico, a primeira quinzena do mês de julho, que compreende o mês de férias escolares. A possibilidade dos “filhos da terra” ausentes poderem retornar e rever familiares e amigos é grande. Sobretudo, com um estímulo afetivo que o evento evoca e que ocasiona encontros, entre pessoas, de que há tempo, não se tem notícias, proporcionando abraços, lágrimas, alegrias, conversas sobre como está a vida de cada um. Isto, promove um tempo especial em que o reforçar os laços familiares e de amizades são materializados.

Esta percepção é devido ao fato de que Regina morou durante anos na cidade de Socorro, no estado de São Paulo, assim entendemos a ênfase dada a este ponto na festa. Ir à Borda da Mata nos dias festivos proporciona entrar em contato com parentes e amigos, quando lembranças, histórias são relembradas e compartilhadas.

¹⁴⁴ Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Regina afirma a presença na festa como algo obrigatório, “a gente esteja aqui batendo ponto”, como um compromisso marcado, como o trabalho que tem a dimensão da obrigatoriedade de ir e trabalhar. Assim, o bordamatense que reside fora da cidade de Borda da Mata é convidado a compartilhar este momento que remete a vivências das lembranças e reafirmação de laços afetivos.

Aquele que não vai a festa é tido como “maldito”, pois não participa deste momento de vivência as memórias e experiências da festa no dia 16 de julho.

Na “festa da Borda”, o celebrar e o festejar é concebido como um grande momento para os bordamatenses. Festejar este que, ao longo do ano, se ressignificou mediante os interesses e valores que permeiam a transformação deste evento.

Uma festa que incorporou e incorpora elementos, novas situações, novos sentidos e significados, mas que se instaura como um campo atravessado por diferentes experiências, em que as múltiplas memórias produzem muitas histórias.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Memórias e experiências foram evidenciadas na tentativa de compreender os diferentes sentidos e significados engendrados pela festa realizada no dia 16 de julho em Borda da Mata, festa que contém duas partes, uma dedicada a Nossa Senhora do Carmo e a outra ao aniversário do município.

As narrativas orais que percorrem esta pesquisa são frutos da gentileza em poder dialogar sobre alguns dos principais momentos da cidade de Borda da Mata. Diálogos que foram materializados pela atividade de, no presente, olhar o passado e significá-lo, construindo diferentes olhares que permitiram focar a festa como uma marca nas lembranças e sentimentos dos nossos narradores.

Lembranças, sentimentos, reivindicações, lágrimas se misturaram à dinâmica do ir e vir da memória enquanto a festa era reconstruída oralmente. Foi um processo conduzido pelo ouvir. Um ouvir marcado pela sensibilidade de notar em alguns momentos o “nó na garganta” ao rememorar alguém que já foi e que gostava de estar no festejo.

A realização deste estudo percorreu um caminho regido pela construção de uma pesquisa minuciosa sobre os diversos olhares da festa. A prática da História Oral foi o diferencial neste trabalho, a partilha de percepções e versões íntimas acerca do festejo aponta uma responsabilidade extrema ao pesquisador. Lidar com memórias é lidar com vidas.

Juntamente com este corpus narrativo foram entrecruzados outros registros históricos ocasionando, desta maneira, um panorama diverso e fomentador de várias versões.

Assim, foi possível abrir um leque de questões que trilharam este trabalho, contemplando a festa como mecanismo pedagógico e arrecadador de renda por parte da Igreja Católica, que focou suas forças na construção de um novo templo. Mas, também, vimos o evento como forma de diversão, lazer de uma cidade que, durante o ano aguarda a efetiva chegada do período festivo, quando são realizadas práticas culturais que mostram os valores e interesses da população bordamatense.

A cidade é alterada com a realização da festa. As praças centrais são isoladas para montagem das estruturas do palco para os shows e das barraczinhas dos diferentes produtos ofertados somente neste período.

O centro da cidade, no período festivo, acolhe diferentes práticas como procissões, shows, barracas de diversos produtos e um conjunto de brinquedos denominados de

“parquinho”. Ali é constituído o lugar da festa, em que lembranças e experiências são vivenciadas e lembradas.

A festa realizada no dia 16 de julho abarca as duas praças centrais da cidade, a Nossa Senhora do Carmo e a Antônio Megale, onde são perpassados gestos, valores e interesses. O espaço físico se transforma em um suporte simbólico por significações e lembranças compartilhadas.

Os territórios festivos também apresentam a dualidade da festa, pois em cada um são vivenciadas as práticas dirigidas a cada dimensão do evento. Na Praça Nossa Senhora do Carmo ocorrem as procissões e o momento da coroação, pois é a espaço na cidade em que está a Igreja Matriz. E na Praça Antônio Megale, onde se localiza a sede da Prefeitura Municipal, estrutura-se toda a parte social da festa que é organizada pela Prefeitura. Ali o palco é montado e todas as barracas são distribuídas. A festa ocupa a cidade, trazendo novos usos para o espaço público urbano.

Contendo duas partes distintas e divergentes, a festa realizada no dia 16 de julho em Borda da Mata propicia a vivência de diferentes momentos que transitam dentro do espaço e tempo festivo. É o tempo de celebrar a padroeira do município, participar e ressignificar os ritos religiosos, apreciar a coroação como momento ápice da festa da igreja e assim, festejar em praça pública, assistindo aos shows com estilos variados e consumir diferentes produtos ofertados pelas barraquinhas.

Conforme foi sendo organizada e estruturada, a festa deixou de ser um evento restrito ao município de Borda da Mata, considerado familiar, em que todos que nela estavam se conheciam e possuíam certo vínculo afetivo, passando a constituir um evento de caráter regional, acolhendo visitantes e turistas de várias cidades do Sul de Minas.

A festa com sua dinâmica atual não evidencia somente o sagrado ou só o profano, mas sim uma junção entre estas duas dimensões que formam o que é conhecido por grande parte daqueles que vão até Borda da Mata na primeira quinzena de Julho como a “Festa da Borda”.

Outro ponto pertinente que integra este momento na cidade de Borda da Mata é a oportunidade do encontro entre os bordamatenses que não residem no município e que veem neste período o momento de reencontrar familiares e amigos, por ser realizado em um período estratégico, as férias escolares de julho.

Trazendo outras formas de viver o espaço urbano, a festa concentra um tempo diferente, aguardado com grande expectativa pela população bordamantense.

Isto mostra o processo ativo que permeia a festa realizada no dia 16 de julho. Configurando uma tradição atualizada a cada ano, entende-se que a festa não é algo

cristalizado, imóvel, é sim vivo dinâmico e sustentado pela construção constante de sentidos e significados, que são produzidos por experiências sociais e compartilhadas pelas muitas memórias que possibilitam a contemplação de outras histórias.

FONTES CONSULTADAS

DEPOIMENTOS ORAIS

Adolfo Cabral Junior. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Carlos Rafael de Freitas, Em Borda da Mata, 10 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Juliano dos Santos. Em Borda da Mata, 03 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Padre Luis Carlos Osti. Em Borda da Mata, 15 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Patrícia Aparecida Pereira. Em Borda da Mata, 15 de março de 2012. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhor João Bertolaccini. Em Borda da Mata, 24 de maio de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Austerlina Cobra Dantas Moraes. Em Borda da Mata, 21 de setembro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Cilene Maria de Oliveira. Em Borda da Mata, 12 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Claret Delfina de Freitas Rocha. Em Borda da Mata, 29 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Lola Rodrigues. Em Borda da Mata, 24 de agosto de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Maria Ângela Costa de Oliveira. Em Borda da Mata, 29 de março de 2011. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Regina Maria Moreira. Em Borda da Mata, 02 de novembro de 2013. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

Senhora Terezinha Pires Ribeiro. Em Borda da Mata, 23 de janeiro de 2014. Entrevista concedida a Cleyton Antônio da Costa.

JORNAIS

Jornal Folha Bordamatense, Ano I, nº 03, agosto de 2001.

Jornal Folha Paroquial, Ano II, nº3, Junho de 1998.

Jornal Folha Paroquial, Ano III, nº 06, Junho de 1999.

Jornal Folha Paroquial, Ano IV, nº 8, Junho de 2000.

Jornal Folha Paroquial, Ano IX, nº 36, dezembro de 2005.

Jornal Folha Paroquial, Ano V, nº 11, Junho de 2001.

Jornal Folha Paroquial, Julho de 2000.

Jornal Galeria do Comércio, 2007.

Jornal Guia de compras. MG, Julho de 2011.

Jornal Nosso Jornal, nº 60, Ano III, 16 de julho de 1958.

Jornal Tribuna Popular, Ano II, nº18, 15/08/1998.

Jornal Tribuna Popular, ano IV, nº 52, 30/06/2001.

Jornal Tribuna Popular, ano V, nº 53, 30/07/2001.

Jornal Tribuna Popular, ano VI, nº 65, 30 de julho de 2002.

Jornal Tribuna Popular, ano XII, nº 151, 30 de junho de 2008.

Jornal Tribuna Popular, ano XII, nº 153, 31/07/2008.

Jornal Tribuna Popular, Ano XIII, nº 176, 31 de julho de 2009.

Jornal Tribuna Popular, nº 30, ano III, 15 de agosto de 1999.

REVISTAS

Revista Cereja, nº 05, agosto de 2009.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Livro do Tombo, nº 1 da Paróquia Nossa Senhora do Carmo de Borda da Mata – MG.

Livro do Tombo, nº2 da Paróquia Nossa Senhora do Carmo de Borda da Mata – MG.

BORDA DA MATA. Lei Orgânica do Município de Borda da Mata: Promulgada em 5 de abril de 1991 / Câmara Municipal de Borda da Mata – Minas Gerais.

CÂMARA MUNICIPAL DE BORDA DA MATA. Projeto nº 17/89 “Dispõe sobre a data da comemoração da cidade”. Localizado na pasta “1989” do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Borda da Mata – MG.

FOTOGRAFIAS

Acervo pessoal da senhora Austerlina Cobra.

Acervo pessoal de Maristela Matos.

Acervo pessoal do pesquisador.

OBRAS MEMORIALISTAS

GUIMARÃES, José. *Borda da Mata: Notas para a sua história*. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958.

OLIVEIRA, João Aristides de. (Org.) *A Diocese de Pouso Alegre no ano jubilar de 1950*. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1950.

DOCUMENTOS E IMPRESSOS AVULSOS

Cartaz da festa de Nossa Senhora do Carmo de 2011.

Cartaz da festa do ano de 1958. Acervo pessoal de Claret Freitas.

Cartaz da festa do ano de 2008, organizado pela Prefeitura Municipal de Borda da Mata.

Cartaz de Divulgação da Festa produzido pela Prefeitura Municipal de 2011.

Folheto de divulgação da Basílica, 2013.

Lembrança impressa distribuída no dia 16 de julho de 1958.

ORIOLO, Edson. Homilia do Tríduo em preparação a festa do oitavo ano da elevação da Basílica de Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata, 05/12/2013.

SILVA, Adélia Lopes da. Entrevista. In: MACHADO, Flávia (Org.). *Recuperando a História Local*. Dezembro de 2008. (Apostila que compila vários documentos fotocopiados). Acervo da Escola Municipal Benedita Braga Cobra.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 26 de janeiro de 2014.

<http://www.basilicadocarmo.org.br/localizacao.htm>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.

https://www.google.com.br/maps/place/Borda+da+Mata+_+MG/@22.2732285,46.1654682,368m/data=!3m1!1e3!4m2!3m1!1s0x94cbd773fbd2a367:0x8fa36ee6c02b7f8e. Acesso em 24 de maio de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ARANTES NETO, Antônio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

BARBOSA, Marise Glória. *Um as mulheres que dão no couro: as caixeiras do Divino no Maranhão*. (Dissertação de Mestrado em História Social). PUC-SP, 2002.

BARROS, Marcelo. O divino segredo da festa. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRITES, Olga. Retratos de infância – Infância, História e Fotografia: São Paulo nos anos de 1930. In: MACIEL, Laura Antunes (et al.) (Orgs.). *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANABARRO, Ivo. *Fotografia, História e cultura fotográfica: Aproximações*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHORRO, Luiz Carlos Luna. *Fiesta de Andalucía: espaço onde o ser espanhol é possível*. (Dissertação de Mestrado em História Social). PUC-SP, 2011.

CLAVAL, Paul. A festa e a cidade. *Revista Cidades*. Vol. 1, nº 1, 2004, Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004.

CRUZ, Heloísa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina de Historiador: Conversas sobre História e Imprensa. *Revista Projeto História*, nº 35, São Paulo: EDUC, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral – memórias, tempo, identidades*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DOMINGUES, Andrea Silva. *A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio /MS*. Jundiá: Paco, 2011.

_____. *Cultura e Memória: O festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvanópolis – MG. (Tese de Doutorado em História Social). PUC – São Paulo: 2007.*

_____. *Cultura e Memória: O significado da Festa do Rosário e do ser festeiro. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 49, ago.2011.*

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008.*

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades. São Paulo: Olho D'Água, 1999.*

_____. *Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. Revista Projeto História, nº 10, São Paulo: EDUC, 1993.*

FERNANDES, Nelson da Nobrega. A cidade, a festa e a cultura popular. In: *Revista GEOgraphia, ano 6, nº 11, 2004.*

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da História Oral. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.*

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa, vol. II, São Paulo: Hucitec: Ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.*

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Revista Projeto História, nº 25, São Paulo: EDUC, 2002.*

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O sentido cristão das festas religiosas. In: *Revista Trim. Porto Alegre, v.36, nº 154, dez/2006.*

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições. 6ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.*

ISHIMURA, Juliano Hiroshi Ikeda. *A praça João Pinheiro: cidade, memória, viver urbano. Pouso Alegre, 1941-1969. (Dissertação de Mestrado em História Social). PUC-SP, 2008.*

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. In: *História: Questões & Debates, Curitiba, nº43, Ed. UFPR, 2005.*

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org.). *Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: OlhoD'Água, 2004.*

_____. *Narrativas orais na investigação da História Social. Revista Projeto História, nº 22, junho, São Paulo: EDUC, 2001.*

LE GOFF, Jacques. *História e Memória. 4ª. Ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.*

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

LONDOÑO, Fernando-Torres. Imaginário e devoções no Catolicismo brasileiro. Notas de uma pesquisa. In: *Revista Projeto História*, nº 21, São Paulo: EDUC, 2000.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. 3ª. Ed., São Paulo: Contexto, 2011.

LUCENA, Célia Toledo. A festa (re) visitada: (re)significações e sociabilidades. In: *Anais do 34º Encontro Nacional do Ceru*, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História Interfaces. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. In: *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, nº 111, jul/dez, 2006.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. Festa para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas (et al). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PERROT, Michelle. A força da memória e da pesquisas históricas. *Revista Projeto História*, nº 17, São Paulo: EDUC, 1998.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. *Revista Mnemosine*. Vol. 6, nº 2, Rio de Janeiro, 2010.

_____. O que faz a história oral diferente. In: *Revista Projeto História*, nº 14, São Paulo: EDUC, 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: PUC, nº 15, Abril de 1997.

RAMONEDA, Josép. Que es la ciudad? In: *Visiones Urbanas*. Europa, 1870-1993. La ciudad del artista. La ciudad del arquitecto. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea, Sociedad Editorial Electra, 1994.

ROLNIK, Raquel. Lei e Política: A construção dos territórios urbanos. In: *Revista Projeto História*, nº 18, maio, São Paulo: EDUC, 1999.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil escravista*. História da Festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em comum*: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistar. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Revista Projeto História*, nº 15, abril, São Paulo: EDUC, 1997.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em História*. 4ª Ed., São Paulo: Ática, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.